



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS



FERNANDA PALHARES CARVALHO DE BARTHABURU

**CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DE
NÚMERO**

UBERLÂNDIA

2021

FERNANDA PALHARES CARVALHO DE BARTHABURU

**CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DA
CONCORDÂNCIA DE NÚMERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS- da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientador: Profº Dr. Leandro Silveira de Araujo

**UBERLÂNDIA
2021**

FERNANDA PALHARES CARVALHO DE BARTHABURU

**CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DA
CONCORDÂNCIA DE NÚMERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS- da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº Dr. Leandro Silveira de Araujo
Universidade Federal de Uberlândia
Orientador

Profº Dra. Maridelma Laperuta-Martins
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Profº Dr. Talita de Cássia Marine
Universidade Federal de Uberlândia

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

B284	Barthaburu, Fernanda Palhares Carvalho de, 1981-
2021	CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DE NÚMERO [recurso eletrônico] / Fernanda Palhares Carvalho de Barthaburu. - 2021.
	Orientador: Dr. Leandro Silveira de Araujo.
	Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
	Uberlândia, Pós-graduação em Letras.
	Modo de acesso: Internet.
	Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.627 Inclui

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele Cristine

Nunes do Couto - CRB6/2091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G207 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902 Telefone: (34) 3291-8323 - www.profletras.ileel.ufu.br - secprofletras@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Letras				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional				
Data:	24 de agosto de 2021	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	17:30
Matrícula do Discente:	11912MPL011				
Nome do Discente:	Fernanda Palhares Carvalho de Barthaburu				
Título do Trabalho:	Contribuições da Sociolinguística para o ensino de língua portuguesa na educação básica: uma proposta de intervenção a partir do estudo da concordância de número				
Área de concentração:	LINGUAGENS E LETRAMENTOS				
Linha de pesquisa:	Estudos da Linguagem e Práticas Sociais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Norma da língua e normas para a língua: estudos contrastivos sobre comportamentos linguísticos e metalinguísticos em línguas românicas				

Reuniu-se, remotamente via Skype, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, assim composta: Professores Doutores: a) Profa. Dra. Maridelma Laperuta Martins, Doutora Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP; b) Profa. Dra. Talita de Cássia Marine, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP; c) Prof. Dr. Leandro Silveira de Araújo, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Araraquara, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Leandro Silveira de Araújo, apresentou a Comissão Examinadora e a candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Palhares Carvalho de Barthaburu, Usuário Externo**, em 27/08/2021, às 07:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Silveira de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/09/2021, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Talita de Cássia Marine, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/09/2021, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **maridelma laperuta, Usuário Externo**, em 13/11/2021, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2992253** e o código CRC **A606CF39**.

“A teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.
(FREIRE, 2005, p. 30).

Aos meus alunos, de todos os tempos,
com quem renovo, todos os dias, a
confiança na vida e no futuro.

AGRADECIMENTOS

Estreitar os laços, que antes eu acreditava serem abismais, entre a universidade e a Educação Básica, foi um trabalho que resultou da ajuda de muitos que estiveram comigo entre os anos de 2018 e 2021. Agradeço especialmente ao meu orientador, Dr. Leandro Silveira Araújo, por todas as orientações, conselhos e materiais compartilhados. Sua sabedoria e serenidade o fazem um professor admirável e poderiam fazê-lo também um monge budista tibetano, caso desista da docência.

À coordenadora Dra. Marlúcia e ao secretário Andson por sua disponibilidade em me atender prontamente em todos os momentos e situações durante o curso.

Aos meus colegas de mestrado da sexta turma do PROFLETRAS, que foram um enorme suporte em momentos de dúvidas e angústias, além de excelentes companheiros de cafezinhos e grupos de Whatsapp.

Às professoras participantes da banca examinadora de qualificação, Dra. Talita e Dra. Maridelma, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos membros do grupo de estudos NORMALI, pelo tanto que me ensinaram e por tudo que ainda vão me proporcionar.

Ao estimado Dr. José Olimpio pela atenção dispensada ao meu texto. Obrigada pelas leituras e conselhos!

À direção da escola “13 de maio” pela confiança depositada em meu trabalho e aos colegas por tanto contribuírem em minha formação profissional.

Ao meu esposo Martín por sempre chamar os meus sonhos de “nossos sonhos” e aos meus amados filhos, Maria Rosario e Francisco, por compreenderem minhas ausências e mudanças de humor durante o período do mestrado.

Aos meus queridos pais, Valmir e Maria Lúcia, por me amarem e sempre se orgulharem de minhas decisões, por mais audaciosas que sejam.

Às minhas irmãs, Flávia e Alessandra, por me ajudarem sempre que solicito e por me auxiliarem na criação estética do caderno de atividades que aqui apresentaremos.

Enfim, agradeço à Deus, a quem recorri em forma de oração e meditação quando desejei iniciar o mestrado (e quando desejei que acabasse o mais rápido possível). Até aqui o Senhor nos ajudou!

RESUMO

Diante de uma realidade brasileira em que ainda se nota intolerância linguística e a necessidade de um ensino que entenda e respeite às diferenças e variações que ocorrem na língua, esta pesquisa busca, através da aproximação da Teoria da Sociolinguística Variacionista ao contexto escolar, contribuir para o desenvolvimento de uma conscientização acerca da variação linguística em língua materna, ajudando os alunos a compreenderem os fatores sociais e linguísticos que condicionam esse comportamento heterogêneo. Em especial, buscamos contribuir para a promoção de uma atitude de combate ao preconceito e intolerância na linguagem a partir da observação da “concordância de número” na língua portuguesa. Para isso, em um primeiro momento, nos dedicamos às leituras sobre teorias da Sociolinguística (LABOV, 1996, 2006, 2008; CHAMBERS, 2003; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) e suas contribuições para o estudo da Língua Portuguesa na educação básica (BAGNO, 2001, 2003, 2007; BORTONI-RICARDO, 2005, 2014; SCHERRE, 2005). Em uma etapa mais aplicada desta abordagem, desenvolvemos uma proposta de intervenção a fim de auxiliar na reflexão sobre o uso variável da concordância de número na língua portuguesa. Entre outros, nossa proposta foi planejada em torno de uma pesquisa de coleta de dados realizada pelos próprios alunos, levando-os a compreenderem que a fala pode se adequar a diferentes contextos. Desse modo, esperamos desenvolver um ambiente de aprendizado que ajude a promover uma atitude reflexiva acerca do funcionamento da linguagem, levando o aluno a aprimorar sua competência linguística e desenvolver mais respeito em relação ao vernáculo do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista; Sociolinguística Educacional, Língua Portuguesa; Ensino de Língua Materna; Educação Básica

RESUMEN

Frente a una realidad brasileña en la que la intolerancia lingüística aún es evidente y la necesidad de una enseñanza que comprenda y respete las diferencias y variaciones que ocurren en el idioma, esta investigación busca, a través de la aproximación de la teoría de la sociolingüística variacionista al contexto escolar, desarrollar en los estudiantes conciencia acerca de la variación lingüística en su lengua materna, llevándolos a comprender los factores sociales y lingüísticos que condicionan este comportamiento heterogéneo. En particular, buscamos promover una actitud para combatir los prejuicios y la intolerancia en el lenguaje dentro del ámbito de la "concordancia numérica". Para ello, en un primer momento, nos dedicaremos a lecturas sobre teorías de Sociolingüística (LABOV, 1996, 2006, 2008; CHAMBERS, 2003; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) y sus aportes al estudio de la Lengua Portuguesa en la educación básica (BAGNO, 2001, 2003, 2007; BORTONI-RICARDO, 2005, 2014; SCHERRE, 2005). En una etapa más aplicada de este abordaje, desarrollaremos una propuesta de intervención que promueva una reflexión sobre el uso variable de la concordancia numérica en el idioma portugués. Entre otras, esta etapa consistirá en una encuesta de recopilación de datos realizada por los propios estudiantes, lo que les llevará a comprender que el discurso puede adaptarse a diferentes contextos. De esta manera, esperamos desarrollar un ambiente de aprendizaje que promueva una actitud reflexiva sobre el funcionamiento del lenguaje, llevando al alumno a mejorar su competencia lingüística y a desarrollar más respeto en relación al vernáculo del otro.

PALABRAS CLAVE: Sociolingüística Variacionista; Sociolingüística Educacional; Lengua Portuguesa; Enseñanza de Lengua Materna; Educación Básica;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13173
1 A SOCIOLINGUÍSTICA E RELAÇÕES POSSÍVEIS COM O ENSINO	177
1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	23
1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL	45
2 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A EDUCAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	3434
3 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO	42
3.1 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NAS GRAMÁTICAS	45
3.2 CONCORDÂNCIA EM LIVROS DIDÁTICOS	54
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CORPUS	56
4.1. METODOLOGIA: ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	56
4.2 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA E A ESCOLA	59
4.3 APLICAÇÃO E ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DO COVID 2019	61
4.4 CARACTERIZAÇÃO DE NOSSA PROPOSTA DIDÁTICA	6161
4.4.1 Primeira etapa.....	6262
4.4.2 Segunda etapa.....	6969
4.4.3 Terceira Etapa	7171
5 ANÁLISE CRÍTICA: A PESQUISA NO CONTEXTO DE PANDEMIA	71
5.1 PRODUTO EDUCACIONAL.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS	777
ANEXO.....	81

INTRODUÇÃO

Toda língua, independentemente de suas regras normativas, é heterogênea e se transforma de acordo com o cenário histórico, social e cultural na qual está inserida. Assim, a variação é inerente a toda língua e, portanto, seu uso não representa efetivamente uma inabilidade do falante, mas uma diversidade de domínio de suas competências linguísticas. Tal percepção advém da Sociolinguística, disciplina que reconhece a heterogeneidade da língua e a estuda no seio das comunidades de fala, correlacionando-a com aspectos linguísticos e sociais. De acordo com Mollica (2013):

A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais [...] (MOLLICA e BRAGA, 2003, 2013, p. 10).

Por reconhecer as variações linguísticas e defender sua legitimidade, incluindo nos meios de ensino, esta pesquisa dialoga com os conceitos fundamentais da Sociolinguística. Propomos, através da aproximação do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista e Educacional, avaliar suas contribuições para o ensino da língua portuguesa, desenvolvendo algumas reflexões a respeito das crenças e atitudes linguísticas, inspirados em um contexto em que os alunos muitas vezes expressam um desapreço por sua própria “língua”, por acreditarem não a dominar.

Ao orientar uma análise linguística acerca das impressões empíricas de seus observadores, fazendo-os constatarem que determinadas variantes são utilizadas conforme a necessidade comunicativa e o contexto no qual está inserida, conduzimos os alunos a se aproximarem intuitivamente dos pressupostos dos Estudos Sociolinguísticos. Assim, oportunizaremos uma reflexão sobre preconceito linguístico, visto que muitas vezes, a linguagem diversificada em relação ao padrão sofre discriminação, bem como a maioria das dissimilitudes existentes em nossa sociedade. Além disso, consideramos que, ao se tornarem mais conscientes da pluralidade da nossa língua, os alunos queiram ampliar cada vez mais sua competência linguística, podendo adequá-la às mais diversas situações.

Para tanto, escolhemos a variável concordância de número para a proposta de intervenção apresentada nesta dissertação. Estendemos nosso estudo ao fenômeno da concordância verbo-nominal (Eles já saíram) por reconhecermos que a sociedade ainda avalia negativamente e tende a excluir aqueles que utilizam o verbo sem concordância com o sujeito plural (Eles já saiu). Também sofre reprovação o falante que não utiliza marcação de plural em todos os elementos do sintagma nominal, mesmo sendo comum nas comunicações cotidianas (Os menino gosta de jogar). Essa aversão se dá por motivos mais complexos do que simplesmente a maneira de um indivíduo falar, envolvendo questões mais amplas, como o preconceito social contra quem usa ou não determinada forma linguística.

Embora esta pesquisa tenha se iniciado em 2019, no percurso do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), suas motivações vinham sendo construídas ao longo de nossa experiência como docente de língua portuguesa. Algumas circunstâncias como o desinteresse dos alunos pela linguagem utilizada no ambiente escolar e a falta de reconhecimento e respeito às variedades linguísticas dos alunos, eram motivos de inquietação em nosso cotidiano. Enquanto professores, somos os principais incentivadores da leitura em nossa sociedade, e ao percebermos que os alunos não têm entusiasmo ou curiosidade por muitos textos propostos por nós na escola, classificamos como insuficiente a competência comunicativa do nosso público, sem nos questionarmos se os enunciados e a linguagem que lhes apresentamos são atrativas ou eficazes. Essa classificação não fica restrita às reuniões de professores e frequentemente é levada para a sala de aula, provocando insegurança e baixa estima linguística nos alunos. Ao retomarmos nosso contato com estudos sobre variação linguística e principalmente na sua vertente aplicada à educação, ou seja, a Sociolinguística Educacional tendo como base principal Bortoni-Ricardo (2005, 2014), foi possível refletirmos sobre a urgência de um olhar especial na abordagem imprópria e retrógrada da gramática em sala de aula, que além de influenciar no mau desempenho do aluno, pode até mesmo estimular a evasão escolar.

Para a construção e desenvolvimento da nossa atividade-intervenção, preconizamos unir pesquisa e docência, teoria e prática, assumindo os desafios e benefícios da pesquisa-ação proposta em nossa atividade de intervenção, que tem como *corpus* um compilado de entrevistas de influenciadores digitais, selecionadas e reunidas pelos próprios alunos. A partir dessa amostra, podemos observar a incidência e as peculiaridades da presença ou ausência da concordância de número na fala dos entrevistados. Antes, porém, os alunos são expostos a atividades de revisão do fenômeno em observação, a concordância de número, sob a perspectiva

do respeito às variações morfossintáticas e não a partir da imposição de uma norma considerada padrão. Essa desmistificação da homogeneidade da língua e, consequentemente, a atenuação do preconceito linguístico são interpelados por intermédio dos mais variados gêneros textuais. Textos como poesia, diário, música, postagem de internet e como protagonista, a entrevista oral, foram selecionados como suporte das atividades propostas por serem frequentemente reproduzidos em situações comunicativas espontâneas e informais, logo, cotidianas do nosso público-alvo.

Definimos nosso trabalho como uma pesquisa de cunho qualitativo já que o corpus selecionado descreve e interpreta o fenômeno da concordância ao mesmo tempo que nos dedicamos à uma análise da contribuição dessa metodologia para o ensino de língua materna. Determinamos também que se trata de uma proposta que pressupõe uma pesquisa-ação, pois busca minimizar o preconceito linguístico através da proposta de intervenção. Objetivamos que as discussões teóricas e metodológicas deste estudo possam contribuir para o ensino de variação linguística e concordância de número nas aulas Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

De modo sucinto, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir, a partir da Sociolinguística Variacionista e Educacional, para uma atitude de combate ao preconceito e intolerância na linguagem no âmbito da “concordância de número”. Mais pontualmente, nossos objetivos específicos estão relacionados à elaboração de uma proposta didática que permita:

- i. Aproximar as contribuições da linguística contemporânea à educação básica.
- ii. Colaborar para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, a partir do estudo da concordância de número.
- iii. Contribuir para o desenvolvimento de uma conscientização acerca da variação linguística em sua língua materna nos alunos.
- iv. Promover uma atitude de combate ao preconceito e intolerância na linguagem.

Para isso, é imprescindível uma revisão e reflexão crítica sobre o fenômeno escolhido, a concordância de número, uma vez que acreditamos que o aluno, até então, foi induzido a pensar que somente a norma-padrão é válida e aceitável. Essa desconstrução e ressignificação de linguagem demandam práticas mais dinâmicas e atrativas para a faixa etária dos alunos que dela participam.

Por fim, o presente trabalho se organiza divide nas seguintes seções : a primeira, “A Sociolinguística e relações possíveis com o ensino”, traz a fundamentação teórica com o respaldo da Sociolinguística Variacionista e Educacional. Na seção 2, “A base nacional comum curricular e a educação sociolinguística”, voltamo-nos às orientações sobre a abordagem do

fenômeno concordância de número e a perspectiva de variações linguísticas presentes na Base Nacional Comum Curricular. A terceira seção, “A concordância de número”, registra ponderações sobre a concordância de número, de acordo com diferentes concepções de gramática: a “normativa” e a “descritiva”, além de relatos de observação desse fenômeno em livros didáticos selecionados. A seção 4, “Procedimentos metodológicos e corpus”, apresenta a descrição do percurso metodológico seguido para a aplicação da atividade de intervenção, apresentando a descrição dos procedimentos metodológicos fundamentados da Sociolinguística Variacionista e Educacional para auxiliar no combate do preconceito e intolerância na linguagem no âmbito da “concordância de número”. Assim, expomos como seria a realização prática das proposições do Caderno Pedagógico e como a crise sanitária da COVID-19 alterou e interrompeu nosso planejamento inicial.

A seção 5 “Análise crítica: a pesquisa no contexto de pandemia” traça uma análise crítica sobre a pesquisa no contexto da pandemia e esclarecemos sobre o Produto Educacional, ou seja, o caderno pedagógico para a validação e sustentação do nosso trabalho. Por último, “As considerações finais”, retoma os objetivos iniciais da nossa pesquisa em aproximar ao contexto escolar as premissas da Sociolinguística, no intuito de ajudar no combate do preconceito linguístico, relacionando-os com nossas considerações finais.

1 A SOCIOLINGUÍSTICA E RELAÇÕES POSSÍVEIS COM O ENSINO

A proposição deste trabalho assenta-se sobre o pressuposto de que a tradição escolar não valoriza satisfatoriamente a realidade heterogênea da língua e tende a prestigiar a face mais cultivada pela tradição gramatical, descuidando-se das demais variedades e rotulando-as como erro, conforme apontam Faraco (2002b) e Bagno (2003). Ao entrar no ambiente escolar, grande parcela dos alunos depara-se com o uso de uma variedade linguística, especialmente associada ao professor, com a qual, inicialmente, não se identifica ou não está familiarizado, pois desconsidera, muitas vezes, as experiências linguísticas que seu público traz à escola.

Na mesma direção, notam-se não raramente instituições escolares que se apoiam no ensino da gramática normativa, valorizando a nomenclatura sem garantia, contudo, de que esse aluno se tornará um usuário competente da norma culta. Esses aspectos prejudicam gravemente a interação em sala de aula, condição essencial para que os alunos participem efetivamente e enriqueçam sua competência linguística¹. Sobre esta questão, Antunes (2007) afirma que:

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. (ANTUNES, 2007, p. 23)

Desse modo, Antunes (2007) presume que há uma concepção geral de que a língua deva ser estritamente regulada pela gramática. Por muito tempo essa perspectiva foi defendida nas escolas e pela sociedade em geral, contudo a gramática tradicional tem sido revista por diferentes áreas da Linguística, questionando sua concepção de um manual imutável. A Sociolinguística, em particular, contribui para essa problematização e disseminação, e dialoga com os documentos normativos oficiais, como o Plano Nacional do Livro Didático, além da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que direciona:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p.79).

¹ Segundo Travaglia (2011), a competência linguística é a capacidade do usuário da língua de produzir e entender um número infinito de sequências linguísticas significativas, que são denominadas sentenças, frases ou enunciados, a partir de um número finito de regras e estruturas.

No que diz respeito às variações linguísticas, percebemos que há no meio educacional uma tentativa de se atualizarem em relação às pesquisas recentes. É nesse sentido que nosso trabalho visa discutir as contribuições viáveis as quais o educador deve estar aberto, possibilitando ao estudante aprender a gramática sem desconsiderar a realidade da heterogeneidade da língua em uso na sociedade. Afinal, a realidade linguística brasileira é plural, na medida em que no país existem, além da divergência entre a norma-padrão e norma culta, inúmeras outras variedades populares, designadas como não-padrão. Segundo Faraco (2002a, p. 38), “[...] os grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhes são de uso comum. Esse uso comum caracteriza o que se chama de a norma linguística”. O autor ainda acrescenta que:

Como a respectiva norma é fator de identificação do grupo, podemos afirmar que o senso de pertencimento inclui o uso da forma de falar característica das práticas e expectativas linguísticas do grupo. Nesse sentido, a norma, qualquer que seja, não pode ser entendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas (FARACO, 2002a, p. 39).

Ainda uma contribuição importante de Faraco (2002a) a respeito de norma linguística é a reflexão sobre a diferença entre norma culta e norma-padrão. Ele define norma culta como o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente em situações mais monitoradas de fala e escrita de cidadãos com maior formação escolar e residentes nos centros urbanos, isto é, “a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações” (Faraco, 2002b, p.75). Por outro lado, a norma-padrão difere-se por ser um construto sócio-histórico tomado como referência para estimular um processo de uniformização de “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialetação, a projetos políticos de uniformização linguística” (Faraco, 2002c, p.73).

A despeito da formulação de qualquer norma-padrão, conhecer a língua de um indivíduo significa conhecer sua sociedade e, por isso, não podemos rotular uma variedade como “errada”, uma vez que é apenas um reflexo político-social do meio em que seu falante vive. Na infância, a criança adquire a linguagem juntamente das normas sociais, através de rede de contato imediato: seus pais e parentes mais próximos. Evidentemente, os traços dialetais de seus interlocutores marcarão sua variedade linguística. Essa relação entre norma social e linguagem é defendida por Chambers (2003), para quem:

A classe social a que pertencemos impõe-nos algumas normas de comportamento e as reforça graças à força do exemplo das pessoas com que nos associamos com maior

proximidade. Os subelementos da classe social incluem educação, ocupação, tipo de residência e desempenham um papel em determinar as pessoas com quem teremos contatos diários e relacionamentos mais permanentes. [...] Em tudo isso, é claro, há alguma latitude, e, em sociedades relativamente livres, alguma mobilidade" (CHAMBERS, 2003, p.07).²

Conforme pontua o autor, a combinação entre escolaridade, ocupação, renda e as pessoas com as quais nos relacionamos caracteriza a situação social de cada indivíduo e repercute na variedade linguística adquirida. Entretanto, ao chegar à escola, a distância linguística entre a língua materna efetivamente experimentada pelo aluno e a norma escolar – refletida na linguagem do professor e no material didático – pode causar dificuldade, afastamento e, por conseguinte, desinteresse dos alunos.

Desse modo, o usuário da língua passa a considerar como barreira a distância entre o uso natural da língua e o que se convencionou chamar de norma-padrão. Por conseguinte, esse estudante entrega-se à visão de que não pode fugir de seu fracasso escolar já que não domina nem mesmo a principal ferramenta do aprendizado: a linguagem. Conforme aponta Bortoni-Ricardo (2005), o medo acentua-se porque frequentemente, o não domínio da norma-padrão é relacionado à condição econômica, social ou cultural do falante. Em função dessa relação de forças desproporcionais, em que a norma escolar se impõe abruptamente, a variedade linguística trazida pelo estudante pode vir a ser deslegitimada diante da nova variedade, com a qual ainda não tem suficiente intimidade e lhe é apresentada como modalidade de autoridade.

O movimento de combate aguerrido à variedade dos alunos não é raro e pode ser observado, por exemplo, quando o estudante se expressa usando uma variante pertencente à sua variedade materna, mas que é alvo de um estigma social – como o caso da ausência da concordância em “nós vai”. Quando o educador interrompe a expressão natural do aluno, o estudante não apenas perde o raciocínio que estava elaborando na ocasião, mas é desmotivado a se comunicar por meio da gramática adquirida até então. Nessa direção, Bagno (2007) afirma que:

Esse ensino tradicional [...] em vez de incentivar o uso das habilidades linguísticas do indivíduo, deixando-o expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita, age exatamente ao contrário: interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva), cuja consequência inevitável é a criação de um sentimento de incapacidade, de incompetência. (BAGNO, 2007, p. 107).

²Tradução nossa: The social class to which we belong imposes some norms of behavior on us and reinforces them by the strength of the example of the people with whom we associate most closely. The sub-elements of social class include education, occupation and type of housing, all of which play a role in determining the people with whom we will have daily contacts and more permanent relationships (CHAMBERS, 2003, p.07).

Além dessas consequências destacadas pelo autor, quando o aluno é interrompido por utilizar a variedade do seu ambiente familiar, nota-se uma dispersão em todos os demais colegas da turma, prejudicando o desempenho escolar não só do indivíduo retratado, uma vez que coíbe a participação dos alunos em geral e perde-se tempo planejado efetivamente para a aula. Sem excluir a importância da intervenção no processo de ensino da língua materna, Bortoni-Ricardo (2014) explica que lugar deve ocupar:

É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas. Às vezes, será preferível adiar uma intervenção para que uma ideia não se fragmente, ou um raciocínio não se interrompa. (BORTONI-RICARDO, 2014, p.42).

Compactuarmos desse pensamento de que a arbitragem automática não é a única e nem a mais importante ferramenta de intervenção no aprendizado. É equivocada a ideia de que interrompendo a sua fala, fará com que o aluno se atente e memorize instantaneamente o conceito explanado. Muitas vezes, essa estratégia terá um efeito contrário, pois além de atrapalhar o processo de socialização, pode causar constrangimento diante do grupo. Acreditamos também que muitas vezes, essa interferência habitual dos professores somente substitui as respostas dos aprendizes por outras mais benquistas, não permitindo a reflexão e desenvolvimento do raciocínio individual.

Uma medida defendida neste trabalho é que o professor primeiramente valide ou comente o teor do que foi exposto pelo aluno, reconhecendo e legitimando sua interpretação. Em seguida, o professor poderá utilizar de alguma expressão empregada pelo aluno e levá-lo, assim como sua classe, a reflexões, como: “Essa comunicação foi feita na linguagem coloquial. De que outras maneiras, formal e informal, a mesma informação poderia ser expressa?”. Assim, será possível, correlacionar o que já sabem e utilizam com o que a escola ensina. Esse exercício, feito de maneira contínua, poderá auxiliar na compreensão prática das muitas possibilidades de uso da língua e de variação como um fator relevante para se expressar com maior competência comunicativa, suprimindo o preconceito linguístico já internalizado.

Outra tática que colabora para o conhecimento do aluno sobre a sua própria língua é inserir a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa por meio de textos jornalísticos e literários regionais, músicas e outros gêneros, como história em quadrinhos, propagandas e telenovelas. A promoção de situações, em que os diferentes tipos de variedades são expostos em diferentes tipos de textos, auxilia o discente a perceber os fatores que levam o sujeito a se comunicar de uma ou outra maneira. Trabalhar essa pluralidade linguística, seja a cotidiana ou

a específica de algumas práticas sociais, a do aluno ou a do professor, a mais ou a menos monitorada, favorece a percepção e compreensão da heterogeneidade linguística. A presença de diversidade, também na língua, é positiva no ambiente escolar porque contribui para que os alunos construam consciência crítica a respeito da consciência linguística, bem como para que expandam sua competência comunicativa. Expor o aluno ao maior número de variedade possível é mais construtivo que simplesmente apontar equívocos, sobretudo diante de outras pessoas.

Apesar do tratamento de exclusão, é necessário observar que nem toda variação linguística é rotulada de maneira depreciativa. A construção “nós vai chorar”, por exemplo, pode ser classificada como errônea, pelo ouvinte, por não haver concordância entre o sujeito (“nós”), que está na primeira pessoa do plural, e o verbo (“vai chorar”), que apresenta morfologia flexional associada à terceira pessoa do singular. Por outro lado, “Apanhar e chorar fazem bem de vez em quando” supostamente também apresentaria um desvio de concordância segundo a norma-padrão, pois, conforme prescreve Sacconi (2008), quando o sujeito for representado por infinitivos, sem determinante, o verbo deveria ficar no singular. Contudo, a sociedade não costuma estigmatizar esse uso. Mesmo que ambos os exemplos contrariem a gramática normativa, o primeiro parece sofrer mais estigma linguístico por ser mais saliente, isto é, por ser avaliado socialmente de maneira negativa. No segundo exemplo, o “erro” de concordância de número sequer é percebido, por não receber avaliação social.

A explicação para a rejeição de uma forma ou de outra em função de sua conotação social, bem como o uso de uma delas a depender da situação em que ocorre a interação, indica um sistema de interação entre estrutura linguística e estrutura social. Ambos os fatores, intrínsecos e sociais, influenciam do mesmo modo na língua, mas a predileção geral é por uma comunicação que mais se aproxime da conjecturada pelas gramáticas e mais representada por indivíduos pertencentes às classes mais abastadas da sociedade.

Bagno (2007) define preconceito linguístico como todo julgamento negativo de reprovação ou de repulsa às variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variedades mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas e pode vir impregnado até mesmo no material didático. Esse é o caso, por exemplo, do uso recorrente das tirinhas do personagem Chico Bento, de Mauricio de Souza, para a abordagem da variação linguística, pois pode reforçar o estereótipo do caipira, além de restringir os fatores sociolinguísticos exclusivamente como regionais. Cabe ao professor uma mudança de atitude diante do ensino da gramática normativa apresentada nos livros didáticos.

Ao invés de transmiti-la fielmente do modo como está ali representada, é necessário questionar, refletir e contextualizar o conteúdo dos suportes selecionados por ele ou pela equipe pedagógica. Nesse sentido, Bagno (2007) afirma que:

É necessário lançar dúvidas sobre o que está dito ali, questionar a validade daquelas explicações, filtrá-las, tomando inclusive como base seu próprio saber linguístico, devidamente valorizado: —Eu não falo assim, não escrevo assim; meus colegas também não; escritores que tenho lido não seguem essa regra — será que ela pertence de fato à norma culta? (BAGNO, 2007, p.116).

Esse embate resultante do contato de normas no ambiente escolar deve-se ao modo como a sociedade cultiva uma visão equivocada sobre a língua e seus fenômenos de variação, pregando preconceitos sociais que são explicitados pela avaliação linguística. Nesse contexto, a escola pode refletir e propagar os preconceitos do meio em que está inserida, sem desempenhar sua função de provedora do pensamento crítico e do combate a atitudes antidemocráticas, preconceituosas e desrespeitosas.

O preconceito linguístico não é restrito apenas ao ambiente escolar. A mídia, por exemplo, rotula, por meio de estereótipos, a linguagem não padrão como inferior e a relaciona à condição econômica e social do indivíduo que a reproduz. Os discursos publicitários e as narrativas das novelas, por exemplo, deveriam ser compreendidos como uma expressão de reflexo cultural, mas nem sempre são fidedignos aos grupos sociais aos quais se destina, mas muitas vezes seus agentes são retratados de maneira preconceituosa. Podemos citar como exemplo, a novela *Alma Gêmea*, veiculada pela Rede Globo e famosa por dois personagens retratados de maneira cômica: Crispim e sua irmã Mirna. Pertencentes à zona rural, suas imagens, além de engraçadas, são reproduzidas como atrasadas intelectualmente ou exageradamente ingênuas, satisfazendo a composição de uma caricatura errônea da pessoa interiorana. Essa imagem é reforçada quando associada ao modo de falar, que se afasta da gramática tradicional.

Sabemos que os meios de comunicação exercem um papel fundamental na formação da opinião pública. Esse poder de condicionar até mesmo a linguagem faz com que os alunos e mesmo professores reproduzam esses discursos nos espaços escolares e também fora dele. Tratando essa questão, Bagno (2007) demonstra que a mídia se encontra na contramão da história quando o assunto é a língua:

Se falo de contramão é porque — passados mais de cem anos de surgimento, crescimento e afirmação da Linguística moderna como ciência autônoma —, a mídia continua a dar as costas à investigação científica da linguagem, preferindo consagrarse à divulgação e sustentação das “superstições, mitos e estereótipos” que circulam na

sociedade ocidental há mais de dois mil anos (BAGNO, 2007, p. 150).

Além desses estereótipos propagados pela mídia, a exposição diária da “correta” linguagem televisiva, instiga o falante a pensar que sua prática da língua é “errada” e que somente a variedade adotada pelos apresentadores de telejornais e outros programas é que fazem uso de um português genuíno. Partindo dessas considerações, a escola e seus professores, sobretudo os de língua portuguesa, carregam consigo essa crença já consolidada de que a norma-padrão é a única e acertada opção. Ademais, justificam a escolha da norma-padrão por ser um dos instrumentos para a acessibilidade social. A preferência por essa variedade é defendida também por ser a exigida em concursos. Esses fatores comumente citados para respaldar o estudo sistematizado da língua portuguesa, nem sempre são os reais. Esse discurso costuma ser uma forma velada de preconceito linguístico e consequentemente, social.

A seguir, discutiremos a fundamentação teórica em que nos baseamos para desenvolver uma prática reflexiva de ensino da língua que contemple também as variações linguísticas, particularmente as relacionadas à concordância de número. Abordaremos as questões voltadas às concepções de análise da língua a partir da ótica da Sociolinguística.

1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

O surgimento de novas vertentes de estudo da linguagem nas décadas finais do século passado, como a Sociolinguística, promoveu o desenvolvimento de métodos que lograram observar os fatores linguísticos e sociais sobre a língua. A concepção de que “os fenômenos linguísticos ocorrem de acordo com regras variáveis” foi designada como Sociolinguística Variacionista, para a qual a língua é o retrato da sociedade, sendo moldada ao passar do tempo pelos seus usuários. Segundo descreve Tagliamonte (2006),

A Sociolinguística Variacionista é mais apropriadamente descrita como o ramo da linguística que estuda as principais características da linguagem em equilíbrio entre si – estrutura linguística e estrutura social; significado gramatical e significado social – , as propriedades da linguagem que requerem referência tanto dos fatores externos (sociais) e como dos internos (sistêmicos) em sua explicação (TAGLIAMONTE, 2006, p. 5).³

A Sociolinguística busca, portanto, estudar a variação e observar como ela se relaciona com elementos extralingüísticos próprios de uma comunidade de fala, entendida como um

³ Tradução nossa: [...] variationist sociolinguistics is most aptly described as the branch of linguistics which studies the foremost characteristics of language in balance with each other – linguistic structure and social structure; grammatical meaning and social meaning – those properties of language which require reference to both external (social) and internal (systemic) factors in their explanation (TAGLIAMONTE, 2006, p. 5)

conjunto de falantes que compartilham não apenas uma língua enquanto sistema, mas utilizam uma mesma norma e possuem os mesmos padrões de avaliação para conjunto de fatos linguísticos. Para Moreno Fernández (2009), a comunidade de fala:

[...] é formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, ao menos, uma língua, mas também compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de julgar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos. [...]. Os membros de uma comunidade de fala são capazes de reconhecer-se quando compartilham opiniões sobre o que é popular, o que é incorreto, o que é arcaizante ou articulado. (MORENO FERNÁNDEZ, 2009 p.23)⁴

Resultam dessas formas diferentes de se expressar em uma comunidade de fala alternativas distintas de dizer a mesma coisa, sem haver mudança em seu significado. A esses elementos de variação, chamamos variantes. Para analisar uma variação linguística, temos de definir seu conjunto de variantes e analisar seu encaixamento social. Mollica (2008) explica que:

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. (MOLLICA, 2008, 10-11)

Nesse contexto, a variável é o fenômeno de coexistência de duas ou mais variantes em uma determinada comunidade de fala. Em nossa pesquisa, especificamente, a concordância de número é considerada uma variável dependente, cujas variáveis seriam o uso ou não das regras de concordância verbo-nominal gramatical, a depender do enunciado. Reconhecer a variação como um fator inerente à língua implica que a heterogeneidade está prevista no funcionamento do seu próprio sistema e surge das demandas comunicativas, para satisfazer especificidades das interações. Variável e variantes linguísticas formam, então, constructos necessários de uma análise sociovariacionista.

Weinreich, Labov (2006) e Herzog (2006 [1968]) manifestaram a compreensão de heterogeneidade sistemática da língua tendo como núcleo de estudo a comunidade de fala que

⁴ Tradução nossa: una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente al menos una lengua, pero que, además, comparten un conjunto de normas y valores de naturaleza sociolinguística: comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolinguísticos [...]. Los miembros de una comunidad de habla son capaces de reconocerse cuando comparten opinión sobre lo que es vulgar, lo que es familiar, lo que es incorrecto, lo que es arcaizante o adecuado. Por eso, el cumplimiento de las normas sociolinguísticas al que obliga la pertenencia a una comunidad puede servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, y por eso los miembros de una comunidad suelen acomodar su discurso a las normas y valores compartidos (MORENO FERNÁNDEZ, 2009 p.23).

a utiliza e defendem que a variação precede a mudança, embora nem toda variação origine um processo de mudança linguística. Em relação a esse processo de mudança, Herzog, Labov e Weinreich (2006 [1968]) afirmam que:

A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta. A transferência parece ocorrer entre grupos de pares de faixa etária levemente diferentes; todas as evidências empíricas reunidas até agora indicam que as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as do grupo de pares que domina seus anos pré-adolescentes. (WEINREICH, LABOV & HERZOG (2006 [1968]), p. 122)

Os fatores extralinguísticos que operam no processo de variação podem ser de diferentes ordens: geográfica, temporal, social, de nível de atenção à fala, etc. Se analisamos a dimensão espacial, por exemplo, verificamos, no Brasil, que se manifesta graças a dimensão espacial do país que obriga grande diversidade cultural. Dentro de um território tão amplo, formam-se grupos linguísticos menores em seu interior e por isso, são geradas diferentes formas de pronúncia, morfossintáticas e de vocabulário. É o que observamos, por exemplo, a partir da alternância lexical entre “jerimum/abóbora” ou “macaxeira/mandioca/aipim”.

Outra variação sincrônica é a social, relacionada a fatores sociais como gênero/sexo, faixa etária, grau de escolaridade e profissão. As gírias de um surfista, por exemplo, nos evidenciam a que grupo social ele pertence, ainda que não esteja propriamente nas praias no momento da comunicação.

Já a variação estilística se faz presente nas marcas de comunicação individual. É observável em um indivíduo que esteja em diferentes situações de comunicação marcadas por um tipo de assunto específico, em um ambiente específico e a depender do tipo de relação instaurada entre locutor e interlocutor. Um médico se comunicará de uma maneira enquanto palestra em um evento próprio para a sua categoria e de outra maneira, em casa, tratando com seus entes mais próximos.

Por fim, a variação histórica, ou diacrônica, se observa claramente com a observação de um fenômeno variável por um determinado período de tempo. Um bom exemplo desse fenômeno é a observação da mudança gradual que sofreu a construção “vossa mercê”, que alterou-se sucessivamente a “vossemecê”, “vosmecê”, “vancê”, até ser conhecido como usamos hoje: “você”.

Os fatores condicionadores da variação linguística não operam isoladamente, isto é, uma variante histórica pode se tornar geográfica, bem como uma variante geográfica pode se tornar social. A sociolinguística, preocupa-se por analisar a língua no âmbito dessa coexistência de

social, levando em consideração os fatores internos (lexicais, sintáticos, morfológicos, semânticos, sintáticos etc.) e externos (geografia, escolaridade, faixa etária, classe social, gênero, etc.) que permitem entender a variação linguística.

Da mesma maneira, fatores extralingüísticos, tais como gênero/sexo, idade, escolaridade e classe social serão levado em conta em nossa pesquisa. Em nossa atividade de intervenção, utilizaremos a concordância de número como objeto de investigação e buscaremos analisar as possíveis influências que condicionam as escolhas linguísticas do falante observado, além do contexto em que a fala em questão foi reproduzida. Ao manusear informações sobre a ocorrência e a frequência de uso das variantes na de concordância de número, bem como condicionadores extralingüísticos levantados para nossa análise, podemos traçar um panorama sobre como tais fatores favorecem ou desfavorecem o emprego de tais formas.

Os pressupostos teórico-metodológicos apresentados por Labov (1996, 2006, 2008), que resultou ser o autor com mais reconhecimento na área da Sociolinguística, ganharam destaque por analisar as variações linguísticas a partir de um método empírico, a partir de coleta de dados, resultando assim em sua “Teoria da Variação”. Esse modelo teórico-metodológico observa os fenômenos variáveis da língua como parte da competência linguística dos indivíduos e os analisa a partir de três critérios:

Primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que o comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade. (LABOV, 2008, p. 26).

A Sociolinguística Variacionista possibilita constatar a regularidade e sistematicidade por trás da heterogeneidade da língua. Considera-se como os mais destacados estudos de Labov os relacionados ao inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, os estudos sobre a estratificação social do (r) nas lojas e departamentos na cidade de Nova Iorque e os que analisaram o inglês falado entre os adolescentes negros do Harlem, conduzidos por Labov.

Martha’s Vineyard, cenário da primeira pesquisa referenciada, é dividida pela ilha baixa (região dos vilarejos) e ilha alta (área rural) e conta com a ocupação de veranistas que passam temporadas ou adquirem imóveis nesta ilha. Esses elementos influenciaram diretamente na variação linguística dos habitantes desse local, que, como observou Labov, possuíam uma maneira peculiar de pronunciarem algumas palavras como os ditongos centralizados /ay/ – em

white – e /aw/ – em *doubt*. Para verificar o uso desses ditongos, Labov (2008 [1972]) inseriu-se na comunidade de fala e utilizou a entrevista como meio de coleta de dados. Como suporte, empregou um questionário que possuía a ocorrência de palavras com esses ditongos para avaliar a condição e reincidência do seu uso. Também foram feitas perguntas com julgamentos de valores para investigar a classe social do entrevistado.

A partir desses dados, Labov (2008 [1972]) comparou o uso de tais ditongos às condições socioeconômicas do entrevistado como idade, sexo, grupo étnico, ocupação e localização geográfica dos falantes na ilha e concluiu que essa característica fonética é a que, inconscientemente, demarca seu pertencimento à ilha. Seria uma espécie de reivindicação e resistência à invasão de veranistas que tentavam ocupar esse lugar.

Para o levantamento desses dados, Labov (2008 [1972]) desenvolveu uma técnica chamada *Attention to Speech*, que identifica o discurso casual ou monitorado baseado no grau de atenção prestado pelo falante à sua própria fala. Nesse tipo de abordagem, quando os entrevistados são motivados a exporem narrativas de experiências pessoais, nota-se o uso de uma fala mais casual e com menos monitoramento, como em conversas amigáveis ou familiares. Já em uma situação de entrevistas formais, ocorre um discurso mais cuidadoso e monitorado. Em nosso estudo, queremos direcionar os alunos a refletirem sobre a possibilidade de ajustamento da linguagem de maneira situacional, isto é, observando como se modula o uso da língua conforme o nível de atenção empregado na fala, assim como os moradores de Martha's Vineyard, que a utilizavam como ferramenta para expressar um sentimento de pertencimento a uma comunidade. No entanto, conforme exploraremos na seção metodológica, não nos valeremos exatamente do mesmo método empregado por Labov (1972), uma vez que as entrevistas não serão realizadas pelos agentes da pesquisa, que se encarregarão de selecioná-las na Internet, com a orientação de optar por aquelas que se apresentem em situações comunicativas naturais e espontâneas, visando diminuir a influência daquilo que o autor chamou de paradoxo do observador⁵.

Já a pesquisa intitulada *The Survey of the Lower East Side* foi realizada com 70 entrevistados em 1966, em lojas previamente selecionadas em *Lower East Side*, um bairro de classe operária de Nova York. Nesse estudo, Labov (1972) constatou que os habitantes de Nova Iorque possuíam duas maneiras de pronunciar o fonema /r/ pós-vocálico, sendo com presença

⁵ Para o autor, o paradoxo do observador ocorre porque “o objetivo da pesquisa lingüística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008, p. 244). Há, contudo, na Sociolinguística Varicionista, meios de superar esse paradoxo, trazendo o foco da entrevista à temas de grande repercussão pessoal, por exemplo, ou recorrendo a enunciados que já circulam em sociedade, como escolhemos neste trabalho.

ou ausência da reprodução desse fonema. As lojas Saks, Macy's e S. Klein foram escolhidas por local, público e status econômico. A Saks tem um status superior, por se localizar na 5^a Avenida, tradicionalmente conhecida por situar as lojas de luxo e mais sofisticadas de Nova Iorque. A Macy's estava localizada na 6^a Avenida, próxima as lojas de preços medianos e por isso, possuía um status médio. A S. Klein se encontrava na Rua 14, a mais afastada de *Lower East Side* e seu *status* era inferior em comparação com as demais lojas. Como explica Labov (2008 [1972]):

Uma vez que o produto da diferenciação e da avaliação social - por menor que seja - revela a estratificação social dos empregados das três lojas, a hipótese prevê o seguinte resultado: vendedores da loja de status mais alto vão apresentar os valores mais altos de (r); os da loja de status médio vão apresentar valores intermediários de (r); e os da loja de status mais baixo vão apresentar os valores mais baixos. Se tal resultado se verificar, a hipótese terá sido confirmada em proporção ao rigor do teste (LABOV, 2008, p. 66).

Assim, constatou-se que havia certo significado social na produção do fonema /r/ e que frequentadores e funcionários de cada loja usavam a variante que mais se adequava ao lugar. Os empregados da Saks, loja acessível ao grupo pertencente à classe alta, realizava o /r/ na maior parte das ocorrências, enquanto os funcionários da S. Klein, loja frequentada majoritariamente por pessoas com um menor poder aquisitivo, apresentavam um comportamento linguístico contrário, isto é, com apagamento do /r/ pós-vocálico. Concluiu-se que uma pronúncia diferente expressa atitude quanto à classe social. Assim, os trabalhadores da Sak's, por exemplo, não fazem parte da classe média alta em termos de inserção, porém poderiam até ser considerados mais pertencentes à classe alta do que os funcionários da S. Klein, quando a variedade linguística é tomada como referência. Essa estratégia de coleta de dados parece-nos especialmente interessante para o tipo de intervenção que propomos neste trabalho, pois evidencia que língua é um sistema vivo e adaptável aos contextos sociais de uso. Exemplificando esse conceito a partir do fenômeno Concordância de Número, almejamos esclarecer que o uso ou a ausência da concordância pode se adequar conforme o grupo social observado.

Por fim, na pesquisa conhecida como *Black English*, dividida com Cohen, Lewis e Robins (1968) e retratada no artigo “A study of the nonstandard English of Negro and Puerto Rican speakers in New York City”, Labov tinha o intuito de averiguar se era verdadeiro o pressuposto de que o fracasso escolar aplicado às crianças negras daquele lugar era devido ao dialeto falado por eles. O *Black English*, resultado da creolização do Inglês nos tempos da escravidão e de conflitos étnicos e sociais nos últimos séculos, é uma variedade que representa

não só um sistema de linguagem, mas ideias e pensamentos característicos da comunidade afro-americana. A partir de observações e análise estatísticos, confirmou-se que as diferenças entre o padrão de fala do inglês praticado pelos negros em relação ao dos brancos não interferiam na expressão do raciocínio lógico e para o processo de aprendizagem. Labov (1997) reflete em seu texto autobiográfico *How I got into linguistics, and what I got out of it*:

Chegamos à conclusão de que havia grandes diferenças entre os padrões de fala de negros e brancos, mas que a principal causa do fracasso na leitura foi a desvalorização simbólica do inglês vernacular afro-americano, que vinha de uma parte do racismo institucionalizado de nossa sociedade, e previa o fracasso escolar para aqueles que o utilizaram (LABOV, 1997, página 200).⁶

Entre os três estudos conduzidos por Labov e aqui citados, julgamos o do *Black English* com o que mais repercute em nossa pesquisa por demonstrar como o preconceito linguístico pode prejudicar no desenvolvimento escolar de um indivíduo e por considerarmos, assim como reconheceu Labov (1997), que ainda precisamos aprender a unir nossas pesquisas ao ensino de línguas para alcançar os grupos excluídos, linguisticamente falando.

Apesar de questões étnicas não ocuparem o cerne do nosso trabalho, que se preocupa com a observação da concordância de número enquanto uma variável social, compreendemos, que há um diálogo importante entre as questões extralingüísticas que caracterizam a língua e as questões raciais, de maneira que essa temática circula como pano de fundo em nossa discussão. Além disso, precisamos considerar que a sociedade brasileira também reproduz esse tipo de preconceito e o público-alvo para qual a atividade de intervenção foi planejada é formado por um número considerável de indivíduos que, no momento da matrícula escolar, se autodeclararam como negros ou pardos, refletindo a assim a realidade de composição étnica do nosso país.

Assim como feito em *Harlem*, nossa abordagem é voltada para a diversidade, a fim de integrar variações linguísticas e, consequentemente, culturas ao processo de aprendizagem. Ademais, desenvolvemos nos alunos uma atitude de autoestima relacionada ao sentimento de orgulho da própria língua, assim como foi identificada nos alunos pesquisados por Labov. A exemplo do trabalho realizado pelo pesquisador norte-americano, esperamos que este estudo permita a construção de uma atitude de valorização da variação linguística e da importância de se reconhecer a variedade materna no processo de letramento⁷ dos estudantes.

⁶ Tradução nossa: We came to the conclusion that there were big differences between black and white speech patterns, but that the main cause of reading failure was the symbolic devaluation of African American Vernacular English that was a part of the institutionalized racism of our society, and predicted educational failure for those who used it (LABOV, 1997, página 200).

⁷ Conforme explica Kleiman (2008, p. 18), letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

A maneira como o professor aborda a variação linguística em sala de aula é atitude exemplar para a mudança de comportamento do aluno frente a essa realidade da língua. Entretanto, ainda sobrevém uma certa resistência do corpo docente pela linguagem do aluno. Sobre essa fiscalização a uma variação dentro do contexto escolar, Cyranka (2007a) destaca:

[...] os trabalhos que discutem a rejeição da escola em relação ao dialeto do aluno e vice-versa devem ser tratados sob a ótica do problema da avaliação linguística. Todas as outras questões – a baixa autoestima do aluno causada pelo desprestígio conferido à sua variedade dialetal; o conflito sociocultural entre os dialetos; a própria noção de preconceito linguístico – estão associadas a esta: o valor social atribuído às variantes, o grau de consciência da variação dialetal e a crença na superioridade da escrita em relação à fala. (CYRANKA, 2007, p. 20)

Validar apenas a variação comumente notada nos meios de prestígio, faz perpetuar o preconceito linguístico. Um dos aspectos metodológicos do nosso trabalho é a estratégia de iniciá-lo aplicando um questionário que evidencia as crenças e atitudes linguísticas de seus participantes, a fim de conhecer sua compreensão sobre variação linguística.

1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

Com respaldo teórico na Sociolinguística e procurando aplicá-la à educação, a Sociolinguística Educacional preconizada por Bortoni-Ricardo (2005,2014) será explorada nesta pesquisa a fim de respaldar a análise da realidade linguística dos alunos, protagonistas deste estudo, bem como para facilitar o trânsito da contribuição dos estudos sociolinguísticos no contexto escolar. Isso porque, essa vertente aplicada da Sociolinguística não só colabora para o conhecimento das comunidades de fala observadas, mas também contribuem para a reflexão sobre as práticas pedagógicas.

Sobre a influência dos estudos sociolinguísticos para a educação, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que a principal contribuição provém da ênfase na premissa de que todas as variedades que compõem a ecologia linguística de uma comunidade, sejam elas línguas distintas ou dialetos de uma ou de mais de uma língua, são funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. Nenhuma delas é “inerentemente inferior, e, portanto, seus falantes não podem ser considerados linguística ou culturalmente deficientes” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 151).

A orientação de mudança na compreensão de uma superioridade linguística nas escolas representa uma revolução uma vez que a sociedade segue enaltecendo a predileção pela gramática tradicional, por mais que a Sociolinguística gere pressupostos teóricos que

confrontem essa prática. Desse modo, é um desafio para a escola aliar seus métodos à realidade linguística de seus alunos e aos estudos acadêmicos da variação linguística.

Ponderamos que o primeiro e constante exercício que o professor de Língua Portuguesa deve fazer em sala de aula é conscientizar o aluno de seu pleno domínio sobre a língua e competência linguística para lidar com as variedades que ele cursará na escola. Dessa maneira, desenvolveremos nele o que Simka (2017) difunde como autoestima linguística, ou seja, um sentimento de competência pessoal, textual e discursiva para enfrentar os desafios relativos a uma língua:

“desenvolver autoestima linguística implica que o indivíduo exerce a convicção, segundo a qual sabe português, de que sabe escrever, de que é criativo, de que é capaz, de que vai atingir seus objetivos e de que merece ser feliz, em todas as esferas de seu cotidiano.” (SIMKA, 2017, p. 65)

Nessa perspectiva, o aluno se empodera como um sujeito proficiente em sua língua materna e capaz de desenvolver sua competência linguística para as diferentes situações comunicativas. Para isso, é indispensável disponibilizar atividades prévias de reflexão com o suporte de gêneros textuais ricos em variação e que por muitas vezes são evitados no ambiente escolar devido sua linguagem informal. Por esse caminho, segundo Bagno (2007), o aluno poderá:

reconhecer que é possuidor de plenas capacidades de expressão, de comunicação, isto é, possuidor de uma língua plena e funcional, de uma língua que é um instrumento eficaz de interação social e de autoconhecimento individual - em outras palavras, promover a autoestima linguística dos alunos e das alunas, dizer-lhes que eles sabem português e que a escola vai ajudar a desenvolver ainda mais esse saber (BAGNO, 2007, p.84).

Consciente de que as abordagens convencionais precisavam ser transformadas, Bortoni-Ricardo (2005) elenca seis princípios fundamentais para implementação da Sociolinguística Educacional:

1) A influência da escola na aquisição da língua não deve ser procurada no dialeto vernáculo dos falantes, mas em seus estilos formais, monitorados. É no campo da linguagem monitorada que as ações de planejamento linguístico têm influência. Portanto, a Sociolinguística Educacional tem como objetivo oferecer ao aluno conhecimento e habilidade nas variedades orais e escritas de prestígio, para que ele tenha acesso a diferentes práticas da cultura letrada.

2) O caráter sociossimbólico das regras variáveis que não estão associadas à avaliação negativa pela sociedade não são objeto de estudo na escola. O objetivo da escola, ao estudar as regras variáveis associadas à avaliação negativa pela sociedade, não é inferiorizar o aluno que tem tais variantes em seu vernáculo, pelo contrário, é que ele tenha consciência dos valores sociossimbólicos de tais variantes.

- 3) A inserção da variação sociolinguística na matriz social. O ensino das variedades de prestígio na escola não é necessariamente fonte de conflito, embora possa ser fonte de discriminação das crianças falantes de variedades populares. Para superar essa barreira, propõe-se que os professores desenvolvam uma pedagogia culturalmente sensível.
- 4) Os estilos monitorados da língua são reservados à realização de eventos de letramento em sala de aula. Em lugar da dicotomia entre “português culto” e “português ruim”, institui-se na escola a dicotomia entre letramento e oralidade.
- 5) A descrição da variação na Sociolinguística Educacional não pode ser dissociada da análise etnográfica e interpretativa do uso da variação em sala de aula. O ponto de partida da Sociolinguística Educacional não é a descrição da variação *per se*, mas sim a análise minuciosa do processo interacional, na qual se avalia o significado que a variação assume.
- 6) O processo de conscientização crítica dos professores e alunos quanto à variação e à desigualdade social que ela reflete. Nesse processo, é necessário que o professor não se limite a transmitir informações técnicas, que são produto da pesquisa acadêmica, mas que se estabeleça um efetivo diálogo com o professor por meio de pesquisa, que o enriqueça e o torne apto a promover uma autorreflexão e uma análise crítica de suas ações. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130-132)

Todos esses princípios requerem um rompimento de paradigmas, principalmente do professor que, como sugerido no primeiro princípio, se restringirá às correções de textos formais, sejam eles orais ou escritos. Abandonar o hábito de interromper a fala dos alunos para pontuar uma variante linguística avaliada negativamente será um desafio, sobretudo no fenômeno estudado, a concordância de número, devido o estigma que este carrega.

O segundo e terceiro princípios reforçam que estudar uma variante não privilegiada com a qual alguns alunos se identifiquem não deve expô-los a um constrangimento desde que apresentada respeitosamente. Para tal, recomendamos em nossa proposta de intervenção uma atividade prévia sobre empatia e tolerância com as diferenças culturais dos sujeitos.

A língua é ampliada naturalmente via socialização e o seu monitoramento é executado em contextos formais, como por exemplo, na escola. O quarto princípio defende que este estilo monitorado de comunicação não deve ser percebido como o “culto” porque essa classificação transmite a ideia de que seja genuíno e os demais, inferiores, “inculto”. Essa “dicotomia deve ser substituída por ‘letramento e oralidade’ levando o aluno a fazer a distinção entre a língua que usa para falar em ambientes que exijam formalidade e a que usa em seu cotidiano” (BORTONI-RICARDO, 2005 p.131). Durante a aplicação da nossa atividade, evitaremos usar expressões que incitem a marginalização da variedade vernacular e utilizaremos os termo como letramento e oralidade, sugeridos por Bortoni-Ricardo (2005).

No quinto princípio, a autora destaca que o ponto de partida para a implementação da Sociolinguística Educacional não é a descrição da variação *per se*, mas aliada à análise do processo interacional. Em nossa proposta, diante da realização de uma variante que escapa a gramática tradicional (ausência de concordância de número), o docente conduzirá a identificação da variação e a conscientização crítica do contexto social que ela reflete.

Por fim, o sexto princípio preconiza o perfil investigativo do professor “por meio de pesquisa que o enriqueça e o torne apto a promover uma autorreflexão e uma análise crítica de suas ações” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.133). Nesse sentido, nossa pesquisa propicia a execução desse princípio ao conduzir o professor a investigar e explorar os preceitos da Sociolinguística para que assim possam ser aplicados no cotidiano escolar. Tal crença nos faz ir ao encontro de a ideia de letramento científico, primeiramente do professor e consequentemente do aluno. Conforme defende Santos (2007), o letramento científico refere-se ao conhecimento que depende de outros componentes curriculares para ser construído, de maneira interdisciplinar e crítica. Essa abordagem, propõe um diálogo entre diversas habilidades pela mediação da leitura e foco no uso social da linguagem:

Assim como se busca em processos de letramento da língua materna o uso social de sua linguagem, reivindicar processos de letramento científico é defender abordagens metodológicas contextualizadas com aspectos sociocientíficos, por meio da prática de leitura de textos científicos que possibilitem a compreensão das relações ciênci-tecnologia-sociedade e tomar decisões pessoais e coletivas. Nesse sentido, o conceito de letramento científico, amplia a função dessa educação, incorporando a discussão de valores que venham a questionar o modelo de desenvolvimento científico e tecnológico. Em outras palavras, o que se busca não é uma alfabetização em termos de propiciar somente a leitura de informações científicas e tecnológicas, mas a interpretação do seu papel social. Isso implica mudanças não só de conteúdos programáticos como também de processos metodológicos e de avaliação (SANTOS 2007, p.487).

Incentivar o conhecimento científico, seja no âmbito cultural, histórico, tecnológico, entre tantos outros no ensino fundamental, viabiliza o desenvolvimento crítico dos alunos. Para isso, o professor precisa de uma formação embasada nessa metodologia, acesso a grupos de pesquisas, preferencialmente os acadêmicos e desenvolvimento do perfil científico desses profissionais através da ponte entre a escola e a universidade. Santos (2007) afirma que essa perspectiva, além do desenvolvimento do letramento da língua materna, facilita uma “ressignificação dos saberes científicos escolares que estão sendo abordados de forma descontextualizada, com uma linguagem hermética, reproduzindo uma falsa imagem de ciência” (SANTOS, 2017, pág. 485).

Nessa mesma direção, essas reflexões concordam ainda com Freire (2005, p.43) que defende o “quão importante é a formação continuada do professor, principalmente o momento de reflexão crítica sobre sua própria prática”. Freire (2005, p. 45) afirma ainda que “o importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica”. Ao disponibilizarmos esse estudo a outros professores, para que estes, por sua vez, possam refletir, questionar, opinar e adaptá-lo da maneira mais oportuna, acreditamos cooperar para uma mudança de atitude em suas práticas, a fim de conciliar a relação entre estudantes e a língua.

Diante disso, além do diálogo com diversos autores acadêmicos, os princípios definidos por Bortoni-Ricardo (2005) sobre a Sociolinguística Educacional, também se ajustam, implícita ou explicitamente, às orientações do documento normatizador da educação, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), principalmente os que de alguma maneira se relacionam ao reconhecimento e validação da variação linguística, como observaremos no capítulo seguinte.

2 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A EDUCAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) foi homologada em todo o território brasileiro com a função de definir os conhecimentos a que todos os alunos devem ter acesso durante sua trajetória escolar, além de direcionar sobre como esses conteúdos devem ser ensinados, adaptando-se aos estudos educacionais e às tecnologias recentes. A BNCC é baseada em competências gerais que dialogam com cinco áreas do conhecimento: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino religioso. No documento, competência é definida como:

A mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018, p. 8).

As competências gerais, no decorrer do documento, são relacionadas à outras competências específicas de cada área do conhecimento. O segmento de língua portuguesa, especificamente, apresenta habilidades que são tidas como o domínio e a capacidade de efetivar determinados conhecimentos. Cada habilidade é identificada por um código alfanumérico, no qual EF refere-se ao Ensino Fundamental e o número que se segue determina as séries em que essa habilidade deva ser desenvolvida. Por exemplo, o número 69 representa que essa habilidade deve ser trabalhada no sexto e nono ano do Ensino Fundamental. Como todas as

disciplinas escolares estão abarcadas na BNCC, a sigla LP identifica que a habilidade em questão se refere à língua portuguesa e o número que vem a seguir determina a ordem em que ela aparece nesse documento. A partir dessa elucidação, observamos a seguinte habilidade:

EF69LP04: Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como imagens, tempo verbal, jogos de palavras, figuras de linguagem etc., com vistas a fomentar práticas de consumo conscientes (BRASIL, 2018, p.139).

Esse fragmento situa a habilidade a ser desenvolvida nas aulas de língua portuguesa entre o sexto e o nono anos do ensino fundamental e recomenda que aspectos linguísticos sejam tratados dentro de uma esfera discursiva. Nesse sentido, privilegia-se o ensino prático da língua, como através do gênero “texto publicitário”, e propõe-se que o ensino do funcionamento da língua, como o tempo verbal, seja trabalhado de maneira secundária. Essa estratégia resguarda que os aspectos semânticos do texto podem desencadear o interesse pela relevância dos demais aspectos, inclusive os sintáticos. Podemos citar também outra habilidade que demonstra esse enfoque prioritário no texto: “EF07LP10:_Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação, etc”. (BRASIL, 2018, p.171)

O trecho citado evidencia que a habilidade de aplicar conhecimentos linguísticos e gramaticais, inclusive o da concordância nominal e verbal, será desenvolvida no decorrer de outra atividade primordial: a produção de texto. Apesar da recomendação da fusão de habilidades a serem trabalhadas de maneira concomitante, a matriz curricular de língua portuguesa está dividida entre os seguintes eixos: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística semiótica. O seguimento destinado à análise linguística semiótica, abrange, entre outros, os gêneros textuais digitais, como os audiovisuais disponíveis na Internet. Os estudantes da atualidade são considerados nativos digitais e fazem uso da tecnologia nas mais diversas situações sociocomunicativas. Em vista disso, a BNCC julga ser necessário agregar cada vez mais essas ferramentas tecnológicas em suas rotinas:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais (BRASIL, 2018, p. 69).

Não obstante, para englobar novos tipos de letramentos tecnológicos, por exemplo, seria necessário que a escola fosse aparelhada e o docente preparado para utilizar os novos recursos de maneira significativa em sala de aula. Compreendemos que há possibilidade de trabalhar com tecnologias de maneira transversal ao conteúdo ensinado e o fazemos em nossa proposta de atividade ao propormos a observação da variação do fenômeno “concordância de número” nas entrevistas selecionadas em plataformas digitais. Entretanto, nos vimos no impasse de criar estratégias paliativas, como direcionar atividades extraescolar, uma vez que as instituições de ensino públicas não dispõem de ferramentas para todos os alunos, e em grupos, conscientes de que nem todos eles possuem aparatos próprios em suas residências. Tanto é assim, que a nossa proposta não pôde ser desenvolvida nesse período de pandemia, nem mesmo parcialmente, já que a assiduidade nas aulas online foi baixa devido essa escassez de recursos. Entretanto, a BNCC define que as ferramentas da Web são democráticas, pelo menos em tese:

As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web [...]. Em tese, a Web é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente (BRASIL, 2018, p. 68).

Cabe ao corpo docente das escolas que a cumpra estas diretrizes, ou que os próprios alunos, autonomamente as consolidem. Assim, a BNCC normatiza a abordagem de temas contemporâneos que muitas vezes, carecem de um letramento tecnológico, mas não é capaz de provê-la consistentemente, oferecendo laboratórios de informática equipados, com técnicos responsáveis pela sua instalação, manutenção e conservação, ficando a cargo dos gestores educacionais:

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (BRASIL, 2018, p. 19).

É muito subjetiva a maneira como é recomendada a autonomia e competência para incorporar ou adaptar temas contemporâneos. A concepção de que atividades transversais devem ser inseridas, independentemente do suporte oferecido pelo Estado, acaba sendo assumida, muitas vezes, pelo professor. Dessa maneira, “há uma negação das diferenças e de classe, das disparidades ao acesso de bens materiais e culturais, de contestação do que já está instituído” (ZWIRTES, 2020, p.57).

Ainda que sem investimentos dispendiosos, a escola deve tentar criar um ambiente propício às práticas pedagógicas que permitam que os alunos desenvolvam sua capacidade

linguística de maneira autônoma e para que isso ocorra, os agentes envolvidos têm utilizado os seus próprios mecanismos e ferramentas pessoais, uma vez que as competências gerais da Educação Básica apresentadas pela BNCC, ditam que a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades devam se unir ao uso de tecnologias digitais:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p 09).

A composição entre educação e informatização é prescrita considerando que os alunos sejam não somente consumidores de informação digital, mas também como construtores e disseminadores de conteúdo. Espera-se, então, que os alunos sejam proativos em sua própria formação escolar e, a partir dessa experiência, tornem-se mais participativos em suas interações sociais. Para estimular esse protagonismo é necessário promover um perfil pesquisador nos alunos, conforme prevê o campo de práticas investigativas da BNCC:

Será dada ênfase especial a procedimentos de busca, tratamento e análise de dados e informações e a formas variadas de registro e socialização de estudos e pesquisas, que envolvem não só os gêneros já consagrados, como apresentação oral e ensaio escolar, como também outros gêneros da cultura digital – relatos multimidiáticos, verbetes de enciclopédias colaborativas, vídeos-minuto etc. Trata-se de fomentar uma formação que possibilite o trato crítico e criterioso das informações e dados (BRASIL, 2018, p.137).

Detecta-se aqui outra premissa que coaduna com importantes aportes de Paulo Freire (2005) para a educação brasileira: o aprendiz precisa assumir-se como sujeito também da produção do saber. Nessa perspectiva o professor deve se convencer que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2005, p.25). Esse trabalho colaborativo, requer uma ponte com o diálogo que, de acordo com Freire (2005), é a essência da educação. Nesse sentido, o professor deve conduzir os trabalhos, viabilizando diálogos e encontrando alternativas para que todos os alunos participem e colaborem na edificação do saber.

Outro ponto relevante é que a BNCC direciona que as práticas de linguagem sejam contextualizadas em quatro campos de atuação: da vida cotidiana, da vida pública, das práticas de estudo e pesquisa, artístico/literário. Esses campos orientam a seleção de gêneros, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles. Consideramos que o presente trabalho se relaciona também, entre outros, com o “campo das práticas de estudo” por constituir a abordagem formativa no âmbito escolar. Nesse quesito, recomenda-se a participação focalizada

no protagonismo estudantil, em diferentes configurações. Assim, nosso estudo oportuniza a aplicação de atividades pedagógicas com o envolvimento e a participação dos estudantes, de modo que eles atuem diretamente na execução daquilo que lhes é apresentado, especificamente, na seleção, observação e divulgação da ocorrência ou ausência da concordância de número nas entrevistas orais por eles apuradas. Assim, os alunos exercitam sua autonomia no desenvolvimento de suas próprias habilidades. Com essa estratégia, “trata-se de ampliar e qualificar a participação dos jovens nas práticas relativas ao estudo e à pesquisa” (BRASIL, 2018, p. 152).

Além de práticas que demandam pesquisa e que promovam o letramento científico, nossa proposta usa o gênero oral entrevista como suporte textual para a prática de investigação. A partir da eleição de situações comunicativas reais, a pesquisa sobre o histórico do entrevistado e posteriormente a apresentação da sua análise sobre o fenômeno linguístico variável nelas observada, permitimos que os alunos relacionem documentos, argumentos e informações de relevância social, tal como orienta a Base:

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos (BRASIL, 2018, p.153)

Ademais, o ato da exposição oral de um trabalho científico, desde a sua elaboração, até a preparação de sua apresentação, pode ser visto também como uma nova oportunidade de aprendizado não só a partir da manipulação de dados, como também da construção e aplicação de uma narrativa que visa assegurar aos seus ouvintes o rigor com que foi desenvolvido seu estudo:

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralingüísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea. (BRASIL, 2018, p.153)

Além da demanda de inserir meios digitais e variados gêneros aos processos educacionais, há uma adaptação desse documento para os recentes estudos educacionais. Entretanto, nos atemos a observar o diálogo que há com a Sociolinguística Variacionista e Educacional, a fim de contemplar o ensino da variação linguística. Verificamos que ela

reconhece a multimodalidade de linguagens existentes e orienta que sejam abarcadas nas práticas de letramento:

A variedade de composição dos textos que articulam o verbal, o visual, o gestual, o sonoro, o tátil, que constituem o que se denomina multimodalidade de linguagens, deve também ser considerada nas práticas de letramento. A escola precisa, assim, comprometer-se com essa variedade de linguagens que se apresenta na TV, nos meios digitais, na imprensa, em livros didáticos e de literatura e outros suportes, tomando-as objetos de estudo a que os estudantes têm direito. (BRASIL, 2018, p.87)

Para além da orientação para a abordagem das variedades, percebemos que a BNCC admite a língua provida de variações relacionadas ao meio em que o falante está inserido e da instância sociocomunicativa em que for utilizada. Contudo, a orientação de reconhecimento das variações mais informais é feita de maneira tímida e pela representação de “linguagens que se apresentam na TV”, sem fazer referências ao uso da linguagem própria do vernáculo do aluno para as práticas de letramento. O uso real da língua nas práticas em sala de aula evita a discrepância entre o meio que o aluno vive e a escola que frequenta.

Verificamos outra intertextualidade entre a BNCC e os fundamentos da Sociolinguística de Labov (2008), partindo do entendimento de que o processo de variação linguística é inerente à língua, como observamos no seguinte trecho:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p.79).

O direcionamento de abordagem sobre variedades regionais também é registrado na BNCC, ainda que sem instruções detalhadas para aplicações didáticas:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. (BRASIL, 2018, p. 81)

Ponderamos que, por se tratar de uma questão polêmica, o estudo sobre variações é recomendado, mas sem a reflexão do importante papel do professor na desconstrução do preconceito linguístico: “(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico”. (BRASIL, 2018, p. 159)

Apesar de admitir as variedades da língua e até mesmo recomendar o estudo de normas sejam feitas de acordo com os contextos em que estão inseridas, não há um pacto de ação conjunta a outros âmbitos do poder público que respaldem os professores nesse desafio:

“(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada”. (BRASIL, 2018, p. 159)

A abordagem ideal sobre o tema da variação em sala segue sendo o desafio dos professores e um dos questionamentos de Faraco e Zilles (2015) em seus estudos de implementação da Sociolinguística na escola:

Como desenvolver uma pedagogia da variação linguística no sistema escolar de uma sociedade que ainda não reconheceu sua complexa cara linguística e, como resultado da profunda divisão socioeconômica que caracterizou historicamente sua formação (uma sociedade que foi, por trezentos anos escravocrata), ainda discrimina, fortemente pela língua, os grupos socioeconômicos que recebem as menores parcelas de renda nacional (FARACO; ZILLES, 2015, p.8).

Esse questionamento às vezes gera um desconforto nos docentes, fazendo-os se sentirem como os únicos responsáveis por mudarem esse quadro de preconceito linguístico em geral. Não se vê políticas públicas abrangentes com efeitos práticos para cessar ou diminuir o preconceito linguístico. Assim, a BNCC preconiza que os alunos devam adquirir essa habilidade de reconhecimento e respeito pelas das variações, contudo, sem constar que esse vai ser trabalho conjunto com outras vertentes da sociedade:

Compreender que a variação linguística é um fenômeno que constitui a linguagem, reconhecendo as relações de poder e as formas de dominação e preconceito que se fazem na e pela linguagem e refletindo sobre as relações entre fala e escrita em diferentes gêneros, assim como reconhecer e utilizar estratégias de marcação do nível de formalidade dos textos em suas produções. (BRASIL, 2018, p.98).

O documento parece atribuir ao professor um papel importante como o único disseminador de novas práticas para a compreensão de pluralidade sociocultural e sua relação nas interações dos grupos sociais:

O processo de descentralização, que caracteriza esse período de vida, amplia a capacidade dos/das estudantes, tanto de desenvolver sua autonomia, como de cultivar a alteridade. Desse modo, ao se potencializarem novas práticas nos diferentes componentes, também se criam condições para que os/as estudantes percebam a pluralidade sociocultural (artística, corporal e linguística) e as relações entre linguagens, identidades e pertencimentos, alargando as possibilidades de ser e de interagir com grupos sociais. (BRASIL, 2018, p.325).

O trecho acima ressalta que o período escolar se caracteriza por ampliar os conhecimentos dos alunos, inclusive os linguísticos. Ao definir que a escola deve proporcionar condições para que os alunos compreendam os aspectos identitários da língua, determina-se que o professor deva conduzir essa responsabilidade, sobretudo nas escolas públicas, onde outros recursos que podem ser aliados na ampliação do conhecimento são escassos. A

construção de consciência linguística a partir a práticas socioculturais empíricas e reflexivas, parece não ser totalmente contemplada na atual conjuntura escolar. São limitadas as oportunidades de conhecimento através de vivências empíricas, como por exemplo, excursões e intercâmbios que permitam ao aluno perceber de maneira prática a diversidade linguística da nossa sociedade e como esta condiz com a nossa pluralidade cultural. São escassos também os recursos tecnológicos para que esses aprendizados sejam feitos virtualmente. Torna-se, assim, solitário o trabalho do professor que não pode contar com outras vozes ou experiências que respaldem ou validem aquilo que ele transmite sobre variação em sala de aula. O que acontece, na verdade, é totalmente o inverso: os discursos externos ao ambiente escolar e a mídia em geral, contradizem o que a Sociolinguística defende ao invalidarem ou deslegitimarem determinadas variações.

Para exemplificar esse cenário, citamos o episódio ocorrido em 2011 com escritora Heloisa Ramos (2011), ao introduzir no material didático *Por uma vida melhor*, da coleção *Viver, aprender*, importantes reflexões e diferentes perspectivas sobre concordância de número. No capítulo dedicado a esse fenômeno, o livro faz ponderações sobre como a concordância acontece de maneiras diferentes na norma popular e usa o exemplo “*Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado*”. Mesmo sendo uma obra aprovada Ministério da Educação (MEC), quando utilizada por professores como suporte didático, não foi aceito pela sociedade. Após a mídia divulgar várias críticas, o livro foi suspenso, interrompendo, assim, o importante e necessário debate sobre preconceito linguístico, devolvendo essa responsabilidade para o professor que deverá cumpri-la de maneira solitária.

Apesar de todo esse contexto, consideramos que a concepção de língua da BNCC é uma proposta que está de acordo com a corrente da Sociolinguística ao reconhecer a pluralidade da língua. Ainda que tal compreensão esteja presente desde os anos 90 nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), com a recente implementação da BNCC, o corpo docente das escolas estaduais de Minas Gerais, por exemplo, não foi convocado para um treinamento bem fundamentado, ficando a cargo do professor a sua leitura e compreensão. Avaliamos ser este um ato falho, sobretudo para as habilidades relacionadas à Sociolinguística, uma ciência que bastante agregou e modificou os estudos da Língua Portuguesa no Brasil, desde o lançamento do documento anterior. Houve, em 20 anos, muitas mudanças comportamentais e há, neste momento, uma maior pré-disposição da sociedade, para a aceitação de temas outrora considerados como tabus. A inclusão da diversidade, inclusive a linguística, poderia ter sido

melhor aproveitada durante a implementação da nova diretriz de modo a promover um marco para uma nova postura da escola e comunidade.

Mesmo diante dessa realidade, nossa pesquisa sugere atividades que conciliem a linguagem dos alunos com a linguagem padrão que será apresentada na escola, a partir de atividades que promovam uma atitude de combate ao preconceito linguístico. Para tais atividades, selecionamos o fenômeno da “concordância de número”, que será discutido na próxima seção.

3 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO

Talvez um dos fenômenos mais estudados e avaliados socialmente no português brasileiro seja a concordância de número. Há algum tempo, considerava-se que apenas o falante oriundo do meio rural tendia a não aplicar sistematicamente a concordância de número, estabelecida pela gramática normativa. Entretanto, é cada vez mais perceptível o uso de orações como “Os menino comeu mais rápido que as menina” também entre falantes da zona urbana.

A título de exemplo, Monte (2007) analisa o fenômeno da concordância verbal com o objetivo de compreender os fatores linguísticos e sociais que condicionam essa variação, a partir de uma amostra da fala de adultos de entre 20 e 40 anos e pertencentes a uma comunidade periférica do interior paulista. Como esperado, Monte (2007) constatou que pessoas de nula e pouca escolaridade demonstraram baixa frequência da concordância verbal canônica, ao contrário daquelas com um processo de escolarização mais avançado. Entretanto, o estudo comprovou que há uma sistematicidade na variação na concordância verbal da 3^a pessoa do plural, de acordo com três conjuntos de fatores linguísticos.

O primeiro fator linguístico, da *saliência verbal*, representa aqueles verbos cujas sílabas em que se marca a flexão de número (concordância ou não concordância) não são acentuadas (posição menos saliente), como por exemplo, “fala” e “falam”. Devido a essa semelhança fônica, tendem a não trazer a marca formal de plural. Outra motivação linguística para essa variação é o *paralelismo formal*, que demonstra que há realmente maior frequência de concordância verbal quando a marca de plural está presente no último ou único elemento do sintagma nominal com função de sujeito, como na oração “as pessoas estão dormindo”. A frequência diminui sensivelmente quando tal marca está ausente no núcleo do sintagma nominal que compõe o sujeito, como em “os médico não está trabalhando”. O terceiro fator diz respeito à *presença* ou *ausência* do pronome relativo “que”, com efeito de diminuir as chances de os verbos apresentarem marca explícita de plural, como em “tem pacientes que não é atendido”.

Apesar de também possuir uma sistematicidade, como demonstrado por Monte (2007), o não cumprimento da concordância verbal, especialmente em comunicações formais, recebe uma avaliação negativa da comunidade. O estigma amplamente atribuído pela sociedade a esse fenômeno associa a ausência da concordância de número à fala da classe baixa, por mais que Scherre (2005), por exemplo, tenha indicado a recorrência desse fenômeno na fala dos membros das diferentes classes sociais, especialmente em interações menos formais. Ou seja, os indivíduos que não fazem uso da concordância são criticados por outros que também deixam de fazê-lo em dados momentos, como aponta a autora:

Quem deixa de fazer concordância de número é normalmente chamado de burro, ignorante, porque, afirma-se, “não saber falar”. Somos então às vezes inteligentes e às vezes burros? Somos “variavelmente” inteligentes? Repito: a variação da concordância de número no português brasileiro está seguramente instalada na língua falada [...]. (SCHERRE, 2005, p.20)

Da mesma forma, Bagno (2011) defende que:

Já se provou e comprovou que (i) não existe ninguém que faça todas as concordâncias previstas pela TGP [Tradição Gramatical Prescritiva], nem mesmo em textos escritos altamente monitorados, (ii) há mais regras de concordância do que as previstas pela TGP e (iii) as regras de concordância previstas pela TGP dependem dos usos dos escritores consagrados e, mesmo assim, só dos usos que os filólogos consideram “exemplares”. (BAGNO, 2011 p. 994)

Bagno (2011) explica ainda que a concordância na língua portuguesa é, de certo modo, redundante por ser marcada tanto no sujeito quanto na flexão do verbo. Nesse sentido, o autor defende que a prova mais evidente de que a concordância é redundante e excessiva está precisamente no fato de ela poder ser dispensada. A eliminação dessas redundâncias resulta de um princípio de economia linguística, que simplifica a fala.

Os pressupostos de que a língua portuguesa apresenta marcações redundantes na concordância resguardam que, a flexão de número, marcada no determinante, parece ser suficiente para a noção de pluralidade do sujeito, evitando a repetição redundante da informação nos demais elementos da estrutura sintática. Desse modo, na sentença “Os aluno fez a prova” não há a marcação morfológica explícita no núcleo do sujeito e no verbo, apesar de o artigo determinante trazer a marca de plural. Barros (1985) afirma que:

Em nossa língua, a concordância que se opera entre todos os elementos intervinculados pelo sentido constitui o que se chama redundância – excesso de flexões, que se adaptam ao elemento da interrelação frasal. Assim, o sujeito impõe as flexões do seu determinante, o substantivo ao adjetivo etc. [...] A linguagem de nosso povo foge da redundância. Para ela basta uma flexão para indicar as dos demais membros frasais inter-relacionados e diz, por exemplo: Os menino chorava aflito/ Os cabra vinha de peixeira e nós estava de olho. (BARROS, 1985, p. 265).

Essa característica se mostra relevante para o estudo do processo de aquisição da flexão verbal de 3^a pessoa do plural no português brasileiro (PB). Estudos descritivos desenvolvidos pela Sociolinguística Variacionista, particularmente por Scherre (2005), destacam o caráter variável da marcação de plural no PB na fala de crianças e adultos, tanto no âmbito do sintagma nominal, quanto na relação entre sujeito-verbo, no que diz respeito às relações de concordância de número. Esses estudos revelam que a realização variável da concordância sofre influência de diferentes fatores, tanto linguísticos (tipo de sujeito, posição do sujeito, dentre outras) quanto extralingüísticos (escolaridade, faixa etária, etc.). Conforme Scherre (2005),

A variação na concordância de número em português – ora denominada de erro, ora denominada de casos especiais – obedece a padrões estruturais e sociais de riqueza ímpar, que precisamos aprender a enxergar, a entender e a conservar, como deveríamos fazer com toda a biodiversidade que nos cerca (SCHERRE, 2005, p. 137).

Ainda que a marcação não redundante de plural tenha sido, por muito tempo, associada à baixa escolaridade ou regionalidade dos falantes, observa-se que, em geral, a variação entre marca redundante e não redundante de plural nas formas verbais é observada, em maior ou em menor grau, em falantes de diferentes regiões do país, pertencentes a diferentes níveis socioeconômicos e com graus distintos de escolaridade.

Como não poderia deixar de ser, a avaliação negativa da ausência de concordância vai ressoar na escola e, por conseguinte, se tomará esse o local para o tratamento dos “desvios”. Tanto é assim que Scherre (2005) afirma:

Há muito nossa sociedade, especialmente representada pela escola, busca eliminar definitivamente as estruturas sem concordância tanto da fala quanto da escrita, mas em vão [...] as escolas, muitas vezes, eliminam, pela punição com nota baixa, pela reprovação e pela eventual ou consequente evasão escolar, os alunos que não dominam formas de prestígio, entre as quais se destaca a concordância de número. A variação da concordância é parte inerente de nosso sistema linguístico (ou de qualquer outro país), mas a quantidade de variação, no Brasil, é marca de classe social (SCHERRE, 2005, p. 133).

Quanto mais as estruturas sem concordância não são reconhecidas, sobretudo, nas escolas que seguem impondo de forma rígida o ensino da gramática normativa na tentativa de abolir a variedade não padrão das falas dos alunos, mais se desperta o desinteresse dos jovens que julgam não dominar a língua, fato que ocasiona, muitas vezes a evasão escolar. De acordo com Possenti (1996) o ensino da gramática normativa não deve se desvincular daquela já internalizada, da qual o falante faz de seu uso o preferencial em suas interações:

Ensinar gramática é ensinar a língua em toda sua variedade de usos, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso. Deve-se compreender que cada modalidade da língua tem

sua gramática típica e que o falante já domina, de certa forma, uma gramática natural, internalizada pelo uso cotidiano (POSSENTI, 1996, p.86).

Nessa perspectiva, o fenômeno “concordância de número” nos guias gramaticais deveria conduzir o aluno à compreensão de que a sistematização de regras é importante para além da apropriação do uso formal da língua, mas também para a percepção de que há flexibilidade de seu uso a depender da interação proposta. Uma breve revisão de propostas de concordância de número apresentadas em gramáticas e em livros didáticos seguirá nos próximos parágrafos no intuito de questionar o modo como tradicionalmente a questão vem sendo tratada e verificar se é possível alinhar nossa percepção do fato com alguma dessas abordagens.

3.1 A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NAS GRAMÁTICAS

Apresentamos o fenômeno concordância de número de acordo com diferentes concepções de gramática: a “normativa”, que prescreve um conjunto de regras que deva ser seguido, e a “descritiva” que observa e registra o funcionamento da língua em dado grupo e momento. Entretanto, antecipamos nossa compreensão de que toda variação da língua se insere na gramática (sistema) da língua e é internalizada pelo falante que dela se apropria.

Entre os autores de gramáticas tidas como mais tradicionais, Bechara (2004) considerou que “em português a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada” (BECHARA, 2004, p. 543). Cunha e Cintra (2007) defendem que “a solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e pessoa do sujeito” (CUNHA e CINTRA, 2007, p. 496).

Assim, os determinantes de uma oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes), de acordo com a gramática tradicional, devem acompanhar em gênero e número o determinado (substantivo). Na oração “as crianças sonham”, por exemplo, tanto o determinante (“as”) quanto o verbo (“sonham”) acompanham o plural marcado no nome (“crianças”), explicitando o papel de mutualidade entre determinante e determinado.

Ainda que a concordância verbo/sujeito tenha sido trabalhada por diversos autores de gramáticas da língua portuguesa, assim como os registros de casos variáveis dessa ocorrência, em geral, o ensino das regras de concordância segue apenas o que a norma-padrão pressupõe como correta. De acordo com Bagno (2011), esse cenário pretere as circunstâncias que dizem respeito ao ato comunicativo, como por exemplo os fatores socioculturais, os quais ajudam-nos a entender as variações na fala e na escrita não enquanto erros, mas sim como adequações linguísticas, que definem traços dialetais entre sujeitos interlocutores distintos.

Buscamos reconhecer e validar o registro informal, ou seja, aquele espontâneo, típico do uso diário entre os interlocutores, que funde língua “intelectualizada e emocional” (BECHARA, 2004, p. 615). Aquele que pretende a aceitação social pela diversidade dos sujeitos e não pelo processo de uniformização, almejado pela gramática normativa. Entretanto, registraremos aqui os pressupostos que norteiam a concordância de número em algumas das gramáticas mais utilizadas como suporte de ensino. Cabe destacar que a norma-padrão pretende uniformizar o uso da língua com o intuito de determinar o ideal e não-ideal no que diz respeito ao funcionamento da linguagem. Ou seja, estabelece padrões a serem seguidos, para que o usuário seja tido como intelectualizado ou estigmatizado dentro do contexto histórico social.

São poucos, ou talvez inexistentes, os falantes da língua portuguesa, que conseguem se expressar com êxito, dominando os diferentes casos de concordância descritos na gramática. Assim, partimos da diferenciação de dois tipos de concordância abarcados pela gramática: nominal e verbal. Na concordância nominal, o vínculo morfológico se dá entre as classes de palavras substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numeral, enquanto na concordância verbal a solidariedade ocorre entre as estruturas sintáticas (sujeito e o núcleo do predicado, o verbo). Destacamos que este último grupo será o principal objeto do presente trabalho, por mais que eventualmente a concordância nominal apareça em nossas discussões.

Ainda segundo Bechara (2004), a concordância pode se dar de “palavra para palavra” ou “de palavra para sentido”. Quanto à concordância nominal de palavra para palavra, notam-se, basicamente, três regras:

Se há apenas uma palavra determinada, faz-se a concordância com essa palavra, como em “Os pais são bondosos”, em que os determinantes (“os” e “bondosos”) concordam com “pais”. Se há duas ou mais palavras determinadas pertencentes ao mesmo gênero, pluraliza-se a palavra determinante, como em “aviões e helicópteros ágeis”. Por outro lado, se possuem gêneros diferentes, faz-se a concordância com o elemento mais próximo, como em: “gasolina e medicamentos estão mais caros”. Se há apenas um núcleo (determinado) e mais de um determinante, este pode receber ou não a marca de plural, como em “os times brasileiros e uruguaios” ou “o time brasileiro e uruguaios”.

Sobre a concordância de “palavra para sentido”, Bechara (2004) especifica que o determinante pode não considerar a concordância de número por uma questão de adequação de sentido, como na seguinte sentença:

(1) “Não compre livro somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos” (BECHARA 2004, 547).

A palavra determinada “livro” aparece no singular. Entretanto “bons” e “péssimos” aparecem no plural para darem o sentido que tanto o “livro” quanto o “título” podem assim serem classificadas.

Já a concordância verbal, além de organizar-se considerando “a ‘solidariedade’ entre verbo e sujeito, também opera como um elemento textual coesivo, pois pode evitar a repetição desnecessária do termo determinante – o sujeito” (CUNHA e CINTRA 2007, p. 496). Conforme explica Cunha e Cintra (2007) sobre o exemplo (2), a concordância evita a repetição do sujeito, sendo indicada somente pela flexão verbal:

(2) “Eu acabei por adormecer no regaço de minha tia. Quando acordei, já era tarde, não vi meu pai (grifo do autor)” (CUNHA e CINTRA 2007, p. 496).

A variabilidade de uso, analisada pela perspectiva estilística e normativa, é facilmente reconhecida em registros informais de pessoas de todas as idades, gêneros e classes sociais, que formam parte do *corpus* da presente pesquisa. Isso não significa que na norma popular não esteja presente elementos da norma-padrão, pelo contrário, o que há é o uso conciliável entre essas duas variedades.

Na tentativa de exemplificar a diferença supracitada, escolhemos algumas orações apresentadas por gramáticos tradicionais que defendem como relevante o estabelecimento da concordância entre o termo determinado (verbo) e o determinante (sujeito). Desse modo, Paschoalin e Spadoto (2014) afirmam que tanto em posição pré-verbal (3), como em posição pós-verbal (4), o sujeito (3. “boias-frias” e 4. “correspondência”) exige marcação morfológica de número coerente com seu determinado, o verbo (3. “saem” e 4. “chegou”), dai estarem no plural e no singular, respectivamente.

(3) “Os boias-frias saem bem cedo para o trabalho”

(4) “Chegou a correspondência” (PASCHOALIN E SPADOTO, 2014, p.287)

Esta forma de concordância verbal é a mais simples e quase não oferece dúvidas aos usuários da língua, no que se refere a sua estrutura, isto é, determinante plural formando determinado plural e determinante singular solidarizando com determinado singular. Trata-se de uma norma assimilada no processo de letramento pela maioria dos falantes da língua portuguesa. No entanto, como temos discutido neste trabalho, pode ter a marcação morfológica de plural alterada conforme o contexto sócio discursivo empregado.

A norma-padrão, segundo Paschoalin e Spadoto (2014), também prevê contextos em que, frente a um sujeito composto, o predicado concorde com o todo (5. “vida e honra), indo ao plural, ou com apenas o elemento mais próximo do núcleo nominal (6. “refrigerante”).

(5) “Repeli-a, porque me ofereciam vida e honra a troco de perpétua infâmia”- (BECHARA, 2004, p. 543)

(6) “Sobrou refrigerante e salgadinhos” (PASCHOALIN; SPADOTO; 2014, p. 28)

No entanto, há outros exemplos práticos que apresentam problemas frequentes quanto à maneira ideal de fazer a concordância, uma vez que envolvem também elementos de estilística. Desse modo, em (7) notamos que a marcação de plural no verbo (“tinham”) ocorre porque ele é solidário com a ideia de coletivo e não com o núcleo do sujeito (“parte), que está no singular. Por sua vez, em (8), o verbo toma forma de 3^a pessoa do singular (“pagou”) pois o sujeito é composto pelo pronome relativo “quem”.

(7) “A maior parte destes quartos não tinham teto, nem portas, nem pavimento” (CUNHA, 2007, p. 499)

(8) Fomos nós quem pagou a conta” (PASCHOALIN; SPADOTO; 2014, p. 288).

O caso (9) revela que o verbo toma forma de 3^a pessoa do plural (“fazem”), quando o núcleo do sujeito for formado por pronome interrogativo plural, seguido de “vós”. Já em (10) notamos que o termo determinado (“fizeram”) é solidário com o substantivo que o antecede (“alunos”). Por fim, o exemplo (11) mostra que o verbo (“brincaram”) toma a forma plural quando o sujeito é formado por expressões como “uma das que”.

(9) “Quais de vós fazem o bem?” (PASCHOALIN; SPADOTO; 2014, p. 288)

(10) “1% dos alunos fizeram a prova.” (PASCHOALIN; SPADOTO, 2014, p. 288)

(11) “Eu fui uma das que mais brincaram na escola.” (PASCHOALIN; SPADOTO, 2014, p. 288)

Diante dos dados apresentados, concluímos que entre os gramáticos até agora citados, Bechara (2004) é o mais flexível ao ponderar que ao efetivar a concordância verbal existe uma certa “liberdade”, uma vez que não necessariamente se deva cumprir à risca pragmatismos impostos pela gramática normativa, embora haja a ressalva de que “é preciso estar atento já que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser

cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e harmonia do estilo” (BECHARA, 2004, p.544).

Na gramática de Cunha e Cintra (2007), percebemos uma modalização deôntica, expressa através do verbo “dever”, que transmite a ideia de obrigatoriedade. Nos termos dos autores: “Uma gramática que pretenda registrar e analisar os fatos da língua culta deve fundar-se num claro conceito de norma e de correção idiomática.” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 5)

Mário A. Perini, autor reconhecido por seu posicionamento sobre gramática normativa no Brasil, define a gramática como “um sistema de regras, unidades e estruturas que o falante de uma língua tem programado em sua memória e que lhe permite usar a língua” (PERINI, 2006, p. 23). Na Gramática Descritiva do Português Brasileiro, Perini (2005) escolhe apresentar a concordância verbal apontando primeiramente a as definições condizentes às encontradas em gramáticas normativas, ou seja, a adaptação do verbo conforme os traços de pessoa e número do sintagma nominal.

A partir do exemplo “Minhas sobrinhas ganharam um cavalo” Perini (2006) observa que *minhas sobrinhas* é marcado como terceira pessoa do plural e por isso, *ganharam* também é conjugado assim. Entretanto, na construção “Minhas sobrinhas ganhei um cavalo”, o autor chancela não haver uma violação da concordância, e sim, uma inaceitabilidade da frase. Ele define que *Minhas sobrinhas* é um objeto direto topicalizado e *cavalo* um objeto direto não topicalizado, não havendo, assim, um sujeito especificamente. A existência de dois objetos diretos, causou um problema semântico, mas não necessariamente de malformação. Esse caso nos leva à conclusão de que a ausência de concordância verbal, muitas vezes, é determinada apenas por termos que estejam fora da ordem mais comum ou normal, causando estranhamento ao receptor.

Perini (2010) posiciona suas publicações gramaticais com o objetivo de “descrever como é o PB, não prescrever formas certas e proibir formas erradas” (PERINI, 2010, p. 21). Informa que o leitor encontra em suas obras “a gramática da língua falada diariamente nas ruas, e reproduzidas nas novelas da TV, no teatro e no cinema nacional” (PERINI, 2010, p. 21)”, mas não defende que essas linguagens representem amplamente a variações populares. Encontramos sim, a explicação de que “a descrição enfoca a fala das populações urbanas relativamente escolarizadas”. Em contrapartida, a Gramática Pedagógica do Português Brasileiro, de Bagno (2011), explicita desde o título que seu conteúdo, para além da descrição, preocupa-se com a sua abordagem no contexto escolar e defende que em seu manual “a professora e o professor vão encontrar a descrição de aspectos essenciais da gramática do português brasileiro [...] um

português brasileiro contemporâneo urbano culto, que nada tem a ver com o modelo muito idealizado de "língua certa" que as gramáticas prescritivas, os livros didáticos e os meios de comunicação [...] ainda insistem em divulgar [...]" (BAGNO, 2011, p. 26).

Partindo da necessidade de ensino do uso real da língua, abarcando suas variedades de uso, Bagno (2011) apresenta a Gramática Pedagógica do Português Brasileiro afirmando que "já passou da hora de reconhecermos a legitimidade das variantes linguísticas há muito plenamente implantadas nas variedades urbanas de prestígio" (BAGNO, 2011, p.96). Assim, o autor, além de apresentar sua opinião sobre "o que ensinar na escolar", também pondera sobre "o não ensino da norma-padrão" e enumera práticas que julga não colaborarem para a aprendizagem dos usos da língua :

- Decorar uma nomenclatura gramatical profusa, confusa e muitas vezes incoerente e inconsistente;
- Classificar uma palavra solta, sem texto, contexto nem contexto real de uso;
- Identificar numa frase uma categoria gramatical sem atentar para os efeitos discursivos que ela permite produzir;
- Proceder à análise sintática de uma oração apenas para rotular seus elementos constituintes;
- Desconsiderar um texto em sua rede de significações e de sentidos para nele pinçar apenas palavras de uma determinada classe gramatical;
- Produzir redações com temas irrelevantes, sem definição de tipo nem gênero textual;
- Ser convencido de que só existe uma maneira correta de dizer ou escrever e que todos os demais usos da língua são errados e feios. (BAGNO, 2011, p. 29):

Se o estudo da língua for feito sem as práticas citadas acima, a gramática ganhará um caráter reflexivo em relação aos usos linguísticos. Bagno (2011) defende que isso sim é estudar gramática, e não apenas a classificação mecânica e estéril que se faz da língua e que às vezes é ensinada nos bancos escolares.

Ao adotarmos essa gramática como a norteadora do plano de intervenção que aplicaremos em nossa pesquisa, acreditamos que o aluno se tornará consciente de que a língua que usa é importante e tem valor, mas que ele deve conhecer a norma-padrão a fim de aprimorar sua competência comunicativa nas mais diversas interações sociais. Voltando-se à análise da variação da concordância de número, Bagno (2011) afirma que as tabelas sobre flexão verbal veiculadas nos livros didáticos não representam todas as possibilidades de uso do cotidiano e, por isso, seguir propagando esse tipo de quadro é um erro pedagógico. Assim, Bagno (2011) propõe um quadro com quatro maneiras de conjugação verbal do português brasileiro:

Figura 1 – Paradigmas de conjugação verbal

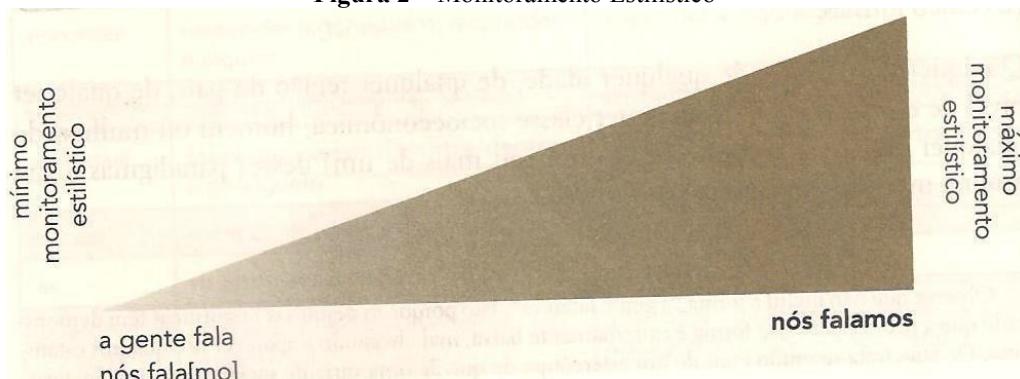
A		B		C		D	
eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO
tu		tu / você		tu / você		tu	
você		ele / ela		ele / ela		você	
ele / ela		a gente		a gente		ele / ela	
nós	FALA	nós	FALA	a gente	FALA	a gente	FALA
a gente							
vocês		vocês		nós	FALAMO[S]	nós	FALAMOS
eles / elas		eles / elas	FALA[M]	vocês	FALA[M]	vocês	FALAM

Fonte: Bagno (2011, p. 539)

Percebemos que Bagno (2011) faz uma divisão que busca especificar as ocorrências de fala dos grupos sociais, dividindo as variedades em rural e/ou urbana, menos ou mais prestigiadas – “uma linha sobre a qual distribuí as muitas variedades sociolinguísticas do português brasileiro” (BAGNO, 2011, p. 540).

Figura no quadro os usos mais comuns da nossa língua inclusive no ambiente escolar, tanto os usos cotidianos, quantos os próprios de situações formais. Entretanto, a 2^a pessoa do singular (tu) e a 2^a pessoa do plural (vós) são formas pouco usadas na comunidade escolar observada em nosso trabalho e, quando usadas, são da maneira exemplificada no paradigma B (tu fala) – uso não previsto pelas gramáticas tradicionais. Entre as variedades presentes no quadro, as mais observadas no público-alvo desta pesquisa são as que coincidem entre os paradigmas A e C, ou seja, aquelas identificadas com menos prestígio social.

Conforme ilustra a figura 2, o monitoramento estilístico, que orienta o uso de acordo com a situação de interação verbal em que o falante se encontra, identifica a expressão “*nós falamos*” (com concordância de plural) no eixo de maior monitoramento, isto é, mais comum para quando o falante se expressa com maior observação e controle sobre o que está dizendo. Por outro lado, as expressões “*nós fala*” e “*a gente fala*” (sem flexão de plural) são mais usadas em contextos de mínimo monitoramento, com menor grau de atenção a linguagem.

Figura 2 – Monitoramento Estilístico

Fonte: BAGNO (2011, p. 540)

Bagno (2011) reconhece a economia linguística⁸ como uma justificativa para a ausência da marcação de número. Resgatando o quadro disposto na figura 1, observa-se que no paradigma (D) existe uma redundância de marcas de plural (indicadas pelo pronome pessoal e pelo morfema “-mos”: “nós falamos”). Para o autor, essa marcação pode ser dispensável: “para que dizer *nós falamos*, marcando duas vezes a pessoa verbal (nós, -mos), se a forma mais econômica “*nós fala*” dá conta do mesmo recado?” (BAGNO, 2011, p. 541). Também é destacado que o fenômeno da economia linguística, além de simplificar a fala, pode aumentar a eficácia do ato comunicativo.

Por seu turno, Guy (2002) observa o apagamento da “s” na terminação das palavras e afirma que o fenômeno tende a ser maior em palavras de primeira pessoa do plural que em outras palavras com a mesma terminação, mas que são inflexionáveis:

palavras puramente monomorfêmicas, como mais, menos, ônibus, apresentam índices menores de apagamento do que formas verbais de primeira pessoa do plural, as quais são regularmente flexionadas com o sufixo –mos (por exemplo, falamos; em oposição a falo e fala.) (GUY, 2002, p.24).

O simples apagamento da “s” também é variável, e quando ocorrida na primeira pessoa do plural é classificada pela sociedade como um “erro” de concordância, alvo de críticas por parte dos falantes urbanos prestigiados e da doutrina gramatical tradicional, sendo vista como um “empobrecimento” da língua. Bagno classifica esse julgamento como preconceito social:

os julgamentos sociais que atribuem valor negativo a formas como nós fazia, vocês veio, eles disse etc. se devem exclusivamente à história da nossa sociedade e não tem nenhum fundamento linguístico – afinal, em inglês e em francês essa mesma regra de

⁸Para Bagno (2011, p. 147), “a economia linguística é um termo que recobre uma variada gama de processos que se caracteriza por representar mecanismos de mudança que tentam reagir positivamente a dois impulsos: (a) poupar a memória, o processo mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes; (b) preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa”.

terminação verbal única tem todo prestígio social, em nenhuma situação é contestada ou condenada, e isso por causa, lá também, da história das sociedades onde essas línguas são faladas (BAGNO, 2011, p. 541).

Assim, o autor defende que, se não há qualquer atestado científico que sustente a crítica da ausência de concordância de número na língua portuguesa, não há motivos para nós insistirmos nesse posicionamento. Se outros idiomas, a exemplo do inglês, já passaram por essa simplificação na conjugação verbal, não há nada de melhor em “*I/you/he/she/it/we/you/theyspoke*” nem nada pior em “*eu/tu/você/ele/ela/nós/a gente/vocês/eles/elas falava*” – sob uma perspectiva estritamente linguística, é claro. Se novas correntes sugerem que a economia linguística não faz do falante um ser mais intelectualmente atrasado, acreditamos que já é hora que esse discurso comece a ser revisto nas escolas brasileiras.

Em suas publicações, Bagno (2018) defende que como a língua está em constante mudança, diferentes formas da língua, que hoje não são consideradas pela norma-padrão, podem vir a se legitimar com o tempo, passando do uso “normal ao normativo”, como o próprio autor define:

Sendo um comportamento social, a atividade linguística está sujeita às mesmas dinâmicas que regulam e desregulam todas as demais práticas sociais, ou seja, todas as demais normas vigentes na sociedade. Assim é que, ao longo do tempo, práticas sociais minoritárias podem ganhar cada vez mais ampla aceitação nas esferas da sociedade até, eventualmente, saírem de sua clandestinidade e se tornarem regras sociais abrigadas pelas instituições normatizadoras (Estado, legislação, sistema escolar etc.). É o que podemos descrever como o percurso do normal ao normativo (BAGNO, 2018, p.25).

Sobre essa normatização da língua, o autor nos leva ainda a reflexão de que diversos preconceitos em fase de desconstrução passam por um processo semelhante até serem amplamente aceitas. Sobre essa evolução, o Bagno (2011) define que

(...) as elites dominantes cederam às pressões sociais e, sobretudo, às pressões vindas de seu próprio interior, e por conseguinte deixaram de considerar tais coisas como pecados, desvios, taras, perversões etc. Desse modo, enquanto uma forma inovadora não percorrer todo o caminho ascendente rumo ao topo da pirâmide das classes socioeconômicas e, sobretudo, enquanto ainda não estiver chancelada pelas “autoridades” da língua (gramáticos, dicionaristas, Academia Brasileira de Letras), ela será vista como erro, tratada como erro e repudiada como erro (BAGNO,2011, p.952).

Ainda que o preconceito linguístico não esteja idealmente pautado para ser refletido e discutido substancialmente pela sociedade em geral, seguiremos algumas sugestões sobre como contrapô-lo a partir de estratégias recomendadas na Gramática Pedagógica pelas quais os

professores podem percorrer na discussão sobre a flexão de pessoa e número verbal. Entre elas, apresentar os conceitos da gramática tradicional e em seguida questionar os alunos: “vamos ver se é assim mesmo que as coisas acontecem no dia a dia da língua? Será que as explicações das gramáticas normativas correspondem ao uso real da língua pelos brasileiros?” (BAGNO, 2011, p. 906). A partir disso, faremos observações sobre o uso real da língua, com suporte de diversos gêneros textuais para que o aluno se aproprie das diferentes possibilidades de concordância de número, sabendo adequá-las às situações e ambientes adequados.

3.2 CONCORDÂNCIA EM LIVROS DIDÁTICOS

O imaginário coletivo relaciona a concepção de gramática enquanto “regras linguísticas incontestáveis” aos livros, mais especificamente, os didáticos. Há o predomínio de práticas pedagógicas tradicionais no ambiente e material escolar e isso segue sendo reproduzido ainda hoje, apesar da regulação do Plano Nacional do Livro Didático⁹. (PNLD – BRASIL, 2009). O livro didático segue sendo o principal apoio dos professores no processo de ensino-aprendizagem, entretanto, ao pesquisar o fenômeno concordância de número em alguns livros adotados em escolas públicas, percebe-se que a questão da variação linguística, segue sendo ignorada ou preterida.

Para ilustrar, citamos aqui o capítulo dedicado à concordância verbal no volume do 6º ano da Coleção *Tecendo linguagens*, da Editora IBEP, que, entre as 3 páginas de explanação teórica, não apresenta nenhuma possibilidade de variação ou correlação de uso cotidiano. Apesar dessa seção ser intitulada como “Comunicação e sociedade” e o subtítulo “Reflexão sobre o uso da língua”, as explicações são fundamentadas em nomenclatura da gramática tradicional. Em destaque, em um *box* central, encontramos a afirmação de que “o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Assim, “se o sujeito está no plural, o verbo deve estar no plural, concordando com ele.” (OLIVEIRA; ARAUJO, 2018, p.77). A premissa tradicional de que o verbo deve concordar com o sujeito segue sendo a principal nesse volume e a apresentação de regras variáveis de concordância se resumem àquelas já devidamente outorgadas em publicações normativas. A título de demonstração, citamos a explanação sobre como o verbo pode ser flexionado tanto no singular quanto no plural em orações em que o sujeito é constituído por expressões partitivas, como exemplificado em “Um grande número de

⁹ O PNLD foi desenvolvido pelo MEC para avaliar, comprar e distribuir livros didáticos para toda a rede pública da educação básica no Brasil.

abelhas saiu da colmeia” e “Um grande número de abelhas saíram da colmeia” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, p. 78).

Os exercícios propostos também são voltados para a gramática tradicional e em suas abordagens, também não encontramos atividades que sensibilizem os alunos para o reconhecimento e validação de determinadas situações comunicacionais. Pelo contrário, encontramos questões nas quais seus enunciados orientam os alunos a identificarem construções de concordância verbal adequadas, mas não há um paralelismo de adequação x situação de comunicação. Como por exemplo, a questão em que aluno deve identificar qual das duas sentenças são adequadas: “Houve Manifestações pacíficas na Síria” e “Houveram manifestações pacíficas na síria”. Além disso, o conteúdo “concordância verbal” foi introduzido a partir da leitura de um texto jornalístico, a notícia intitulada “Refugiado Sírio é agredido enquanto vendia esfirras em Copacabana”. Publicada em uma revista online de grande circulação, a linguagem utilizada foi tipicamente jornalística, na qual, geralmente, predomina-se a norma-padrão e não o vernáculo falado urbano, distanciando-se assim muitas vezes do vernáculo do aluno.

Em *Português: Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Tereza Cochard Magalhães (2012), adotado correntemente nas escolas brasileiras, também possui algumas abordagens incoerentes ao que já previa os PCN’s e agora prevê a BNCC em relação à variação. O livro do 7º ano do Ensino Fundamental, especificamente, possui um exercício sobre concordância em que define, logo no enunciado que “o princípio básico da concordância verbal é a concordância verbal com o sujeito” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p.86-87) e solicita, em seguida, que o aluno identifique o sujeito da oração contidos em versos do poema Rotação de Flora Figueredo e transforme esse sujeito em plural, de forma a concordar com o predicado. Esta prática, de forma isolada, permite a prática de reconhecimento e classificação gramatical, não oportunizando a reflexão sobre o modo como o meio do falante influencia em suas escolhas linguísticas. Mais uma vez, um relevante suporte de ensino desvincula a Sociolinguística de sua proposta.

No campo da escrita, a linguagem tende a ser mais monitorada, e por isso, compreendemos que se busque espelhar mais na gramática tradicional do que na praticada no cotidiano, por exemplo. Apesar disso, analisando os livros didáticos, concluímos que não é só o exemplar direcionado ao aluno que apresenta oportunidades de melhorias em relação à abordagem da variação linguística, mas também o manual do professor, principalmente nas orientações sobre a hipercorreção. Nos dois exemplares citados nesta seção, não encontramos

observações ou explicações sobre a necessidade e importância de que o aluno se comunique sem interrupções, utilizando sua linguagem vernacular para que, só então, o professor a correlacione com a norma no ambiente escolar.

A partir desses relatos, concluímos que os livros didáticos oferecidos pelo Ministério da Educação ainda não estão totalmente atentos às diretrizes da Sociolinguística Educacional, pois não correlacionam língua e sociedade, como observado nos capítulos dedicados ao fenômeno concordância verbal. A amostra de livros analisadas costuma não incluir nada ou ao menos não satisfatoriamente o quesito variação linguística. Assim sendo, os professores e interlocutores do processo ensino aprendizagem, possuem dificuldades em encontrar suportes adequados à sua construção e desenvolvimento da capacidade comunicativa e acabam por recorrer ao apoio de livros que se espelham em gramáticas tradicionais normativo-prescritivas.

Enquanto professores, pesquisadores e elaboradores da atividade de intervenção aqui proposta, nos preocupamos em criar um recurso de aprendizado que levasse em conta a linguagem usual do nosso público para a revisão do fenômeno Concordância de Número, excedendo a prática metalinguística tradicional.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CORPUS

Esta seção apresenta a descrição dos procedimentos metodológicos fundamentados da Sociolinguística Variacionista e Educacional para contribuir para a diminuição do preconceito e intolerância na linguagem no âmbito da “concordância de número”. A primeira seção sintetiza os pressupostos teórico-metodológicos adotados na condução da pesquisa. A segunda relata sobre o campo para o qual a pesquisa foi planejada e a caracterização dos sujeitos nela envolvidos. A terceira seção justifica nossas escolhas diante do enfrentamento da pandemia do COVID 19. A quarta apresenta o material do professor/do aluno corpus, envolvendo observação da concordância de número a partir da coleta de dados formada por entrevistas selecionadas. Apresentamos então os procedimentos sugeridos para essa seleção. A quinta seção orienta sobre a investigação idealizada pelos próprios alunos sobre a dinâmica do funcionamento da língua. Por fim, a sexta seção, propõe o desfecho da atividade a fim de avaliarmos se a proposta de intervenção contribuiu ou não para a redução do preconceito linguístico.

4.1 METODOLOGIA: ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Durante nossa prática docente, a ânsia em despertar em nossos alunos uma maior tolerância sobre variação linguística, nos levou a investigar e elaborar uma proposta intervenção

didática após uma imersão em leituras recomendadas pelo PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras, do qual fazemos parte e que possui o preceito de estimular seus participantes a refletirem sobre a oportunidade de melhoria nas instituições de ensino em que atuam.

Considerando aliar as teorias sociolinguísticas à prática educativa em sala de aula, realizamos um levantamento bibliográfico sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista de acordo com Labov (1996, 2006, 2008), Chambers (2003), Weinreich; Labov e Herzog (2006) e Educacional de acordo com Bagno (2001, 2003, 2007), Bortoni-Ricardo (2005, 2014), Scherre (2005) e Freire (2004) aplicando-os ao ensino de Língua Portuguesa. Esse campo de estudo nos possibilita resultados não apenas descritivos da língua enquanto sistema, mas também promove reflexões sobre os quadros sociais e educacionais em que a língua é viva e mutável. Paralelamente, pesquisamos sobre um corpus conveniente para a análise das ocorrências e os fatos linguísticos que levam à marcação ou não da concordância de número. Optamos pela entrevista oral, especificamente a de youtubers, devido à espontaneidade que esse gênero e esses interlocutores podem proporcionar.

A metodologia de pesquisa foi definida para oportunizar o desenvolvimento de atividades interativas com os participantes, aproximando teoria à prática no contexto escolar. Justificamos essa proposta por envolver, entre outros, uma pesquisa de campo idealizada pelos próprios alunos, já que eles, colocando-se no papel de pesquisador, observarão a língua dos indivíduos com quem interagem nas redes sociais. Para isso, escolhemos a abordagem qualitativa que “tem como principal objetivo interpretar o fenômeno em observação. Logo, pesquisar qualitativamente é não abrir mão da observação, análise, descrição e compreensão do fenômeno a fim de entender seu significado” (NEVES, 2015, p. 19). Nossa pesquisa dialoga com essa perspectiva ao conduzir o aluno na participação, coleta de amostra e observação do fenômeno analisado, tornando-o um agente na construção do seu próprio saber. Através dessa experiência, em que o aluno assume um papel de protagonista, será possível perceber empiricamente que a fala pode variar de acordo com o contexto em que está inserida.

Assim, os pressupostos dessa proposta ultrapassam o simples ato de memorização de uma norma para dar lugar à fomentação da criticidade sobre o tema em questão. Por demandar uma postura ativa de seus participantes durante suas diferentes etapas, nossa atividade assume características de uma pesquisa-ação, que, segundo Thiollent (2008), é:

“[...] um tipo de pesquisa social participante, com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do

problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo [...]. (Thiolent, 2008, p. 14).

Acreditamos, assim como Thiolent (2008), que a pesquisa-ação permite que o público-alvo deste estudo, ou seja, os alunos do sétimo ano da educação básica, sejam convidados a participarem ativamente do problema coletivo a ser abordado: a redução do preconceito linguístico no ambiente escolar. Identificamos que a BNCC (BRASIL, 2018) também vai ao encontro dessa ideia ao recomendar o ensino da Língua Portuguesa com a participação e interação dos aprendizes através de usos contextualizados da linguagem:

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o adolescente/jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo, inclusive no contexto escolar, no qual se amplia o número de professores responsáveis por cada um dos componentes curriculares. Essa mudança em relação aos anos iniciais favorece não só o aprofundamento de conhecimentos relativos às áreas, como também o surgimento do desafio de aproximar esses múltiplos conhecimentos. A continuidade da Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e formação para a autonomia se fortalece nessa etapa, na qual os jovens assumem maior protagonismo em práticas de linguagem realizadas dentro e fora da escola. (BRASIL, 2018, p.138)

Mediante essa diretriz, espera-se que os alunos, enquanto agentes atuantes na ampliação de suas práticas comunicativas, desempenhem os papéis de pesquisadores e aprendizes e que o professor, enquanto colaborador, desperte a criticidade dos envolvidos situando-os aos diversos contextos de fala. Outro recurso usado em nossa pesquisa e vigente na BNCC (BRASIL, 2018) é o uso tecnologias e suas respectivas linguagens:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9)

Nosso público-alvo são alunos de 12 a 14 anos de idade e matriculados no sétimo ano do Ensino Fundamental, por haver nessa etapa o direcionamento de revisão de tempos verbais, além da recomendação de reflexão sobre variedade linguística, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Ressaltamos que esse público lida com naturalidade e conforto em situações sociocomunicativas eletrônicas, logo, ao inserir em nossa proposta a utilização de recursos tecnológicos e referências da linguagem digital, criamos um meio de interação significativo para eles. Nossas experiências reunidas até o momento demonstram que as crianças, nesse período, não se restringem totalmente as características de linguagem de seus

familiares, mas valem-se também da variedade do grupo de colegas da escola – na direção do que os estudos sociolinguísticos apontam (LABOV, 2008). Porém, compreendemos que esse público também seja altamente influenciado por tendências de comportamentos expostos no mundo virtual, por estarem em frequente conexão.

Desde a democratização da internet e das plataformas digitais, novos costumes e práticas de interação foram estabelecidos como, por exemplo, canais de *Youtube*. Por trás desses canais, estão o que se convencionou chamar de *youtubers*, nome dado aos profissionais que gravam e postam vídeos na plataforma. Esses novos agentes, reconhecidos com o *status* de celebridades da atualidade, chamam a atenção das pessoas em geral por compartilharem situações rotineiras de suas vidas e por abordarem assuntos de interesses comuns, como músicas, filmes, séries e diversão. Além disso, a proximidade com essas personalidades, viabilizada pelas ferramentas de interação: como as mensagens que podem ser enviadas e respondidas, desconstruíram a imagem distante do ídolo, tornando-o mais acessível.

Por serem tão acessíveis e presentes no cotidiano dos jovens, os *youtubers* influenciam comportamentos, inclusive linguísticos. Por essa razão, buscamos levar aos nossos alunos, de maneira prática e a partir da observação de uma seleção de entrevistas dessas celebridades, a compreensão de que a linguagem é parte de um conjunto de fatores linguísticos e sociais.

Temos a expectativa de que, ao abordar o ensino/revisão da concordância de número pela perspectiva variacionista, proporcionamos um caráter reflexivo ao processo de aprendizado. Nossa abordagem é construída a partir de questionário inicial de sondagem sobre a heterogeneidade da língua, conduzida por meio de aulas dialogadas e sucedidas de uma ação conjunta com os alunos, a fim de orientá-los com a seleção/apresentação de entrevistas de influenciadores digitais que permitam a compreensão da variação entorno da concordância de número.

Para concluirmos nossa abordagem, sugerimos a reaplicação do questionário inicial (Anexo 1) a fim de constatar se houve, da parte do público-alvo, mudança de percepção sobre variação linguísticas e a atenuação do preconceito linguístico. A seguir, apresentamos a instituição para qual a nossa atividade foi elaborada e metodologia para sua aplicação.

4.2 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA E A ESCOLA

A constituição do corpus foi planejada para uma turma de sétimo ano da Escola Estadual 13 de maio, fundada em 1962 e estabelecida originalmente no bairro Bom Jesus de Uberlândia, mas que por risco de desabamento de sua estrutura, foi transferida provisoriamente para uma

casa em um bairro vizinho, onde permanece até o momento aguardando a construção de um novo prédio para a instituição. Devido a essa particularidade, considera-se uma escola de pequeno porte, cuja estrutura física, conta com 12 salas de aulas, uma diretoria, uma secretaria, dois banheiros para os alunos e um banheiro para os funcionários. A escola apresenta alguns problemas no aspecto físico: não há uma quadra de esportes e nem um laboratório e o espaço destinado para a biblioteca e para a sala dos diretores não é adequado. Acolhe um total de 557 alunos matriculados entre o primeiro e o nono ano do Ensino Fundamental e distribuídos entre os turnos matutino, vespertino e noturno. Quanto ao quadro de pessoal, a escola dispõe de uma diretora e uma vice-diretor, duas supervisoras pedagógicas, 50 professores, além de técnicos administrativos e de pessoal de serviços gerais.

Entre os discentes, 51% se autodeclararam brancos e 44%, negros ou pardos no momento da matrícula, e provêm de famílias de níveis socioeconômicos variados. A instituição, que emblematicamente recebe o nome da data da abolição da escravidão, recebe o público das redondezas do Bom Jesus, bairro de sua procedência e que “especialmente nos anos de 1940, 50 e 60, contava com numerosa população negra dentre os seus moradores” (SANTOS, 2011, p.52). Até os dias de hoje, localiza-se nessa região agremiações com influências afrodescendentes, como as escolas de samba e os quartéis de congada. Familiarizada com o contexto da escola, a professora pesquisadora ali atua há seis anos e preocupou-se em oferecer uma atividade de intervenção que reproduzisse aos seus alunos uma representatividade com a qual se identificassem, pautando leituras de autores afrodescendentes.

De acordo com o censo realizado pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a cidade de Uberlândia, segunda mais populosa de Minas Gerais, possui em torno de 700 mil habitantes e é reconhecida como polo universitário logístico por estar localizada em uma privilegiada malha rodoviária e hospedar grandes centros universitários. Por essa razão, a cidade recebe muitas pessoas que vêm de áreas rurais ou de outras cidades menores vizinhas em busca de novas oportunidades profissionais, contribuindo para a variação linguística da região.

Bortoni-Ricardo (2005), afirma que o Português Brasileiro está submetido a um contínuo de urbanização, em que, em uma das pontas, temos os falares mais próximos à área urbana e no centro a área rurbana, constituída por falantes com origem rural, que preservam muito do seu repertório linguístico, mas que estão submetidos à influência urbana e, na outra ponta, as variedades urbanas padronizadas. Nesse sentido, podemos situar a comunidade escolar considerada para a atividade de intervenção aqui proposta, pertencente a área rurbana

da cidade de Uberlândia, por ser constituída majoritariamente por cidadãos, mas com os falantes também submetidos a influências rurais e a marcas linguísticas das variedades rurais. Consideramos que esse é um fator que corrobora para a escolha do tema da pesquisa que busca diminuir o preconceito linguístico a partir de uma atividade intervencionista com o fenômeno “concordância de número”.

4.3 APLICAÇÃO E ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DO COVID 2019

Em meio à suspensão das atividades escolares presenciais em todo o país, em decorrência da pandemia de COVID 19, e da incerteza sobre quando as salas de aula poderão voltar a ser ocupadas pelos estudantes, o PROFLETRAS possibilitou que a realização das atividades de intervenção que visam a elaboração dos trabalhos de conclusão do mestrado deste programa tenham caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados fisicamente (RESOLUÇÃO N. 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020).

A pausa nas atividades escolares convencionais seguiu até a data em que esta dissertação foi redigida. Previsto no parágrafo 4º, artigo 32, da Lei de Diretrizes e Bases, esse tipo de situação emergencial orienta o ensino a distância. Para esse cenário, diversas estratégias foram recomendadas pelas secretarias de ensino, como o envio de materiais digitais e orientações para que os estudantes os accessem e o assimilem desde suas casas. Também foram disponibilizadas vídeo aulas pela Internet e pela TV aberta, a parte do incentivo de uma comunicação e interação com os estudantes por meio das redes sociais.

Apesar do uso da internet nesse período tenha sido útil, afirmamos que esse recurso por si só não foi suficiente para promover atividades e manter a todos os alunos vinculados ao ambiente escolar, já que parte deles não tem os equipamentos necessários ou uma conexão de internet de banda larga em casa. Ademais, a maioria das escolas públicas do país não tem uma metodologia estabelecida para oferecer aulas a distância. Devido a essa realidade, concluímos que seria impossível a aplicação de nossa atividade de intervenção de maneira remota. Optamos por apresentar nossa proposta para que a seja aplicada quando as aulas retornarem e para que sirva de subsídio para outros professores-pesquisadores.

Apresentamos a seguir as etapas da intervenção que propomos, bem como detalhamos e justificamos cada uma delas.

4.4 CARACTERIZAÇÃO DE NOSSA PROPOSTA DIDÁTICA

Esta subseção apresenta o detalhamento da intervenção pedagógica e caráter propositivo das etapas que a constitui. Justificaremos a escolha de cada gênero textual para nossas atividades e explicaremos como esses suportes podem contribuir para a redução do preconceito linguístico de nosso público. A apresentação da proposta é dividida em três etapas, sendo a primeira, composta por sete partes, inicia-se com uma pesquisa para conhecer os alunos que dela participarão. As demais partes desta etapa, têm como objetivo revisar os conceitos do fenômeno Concordância de Número a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista e Educacional. Nesta etapa são também inseridas e discutidas as concepções de Preconceito Linguístico. A segunda etapa é composta por uma atividade investigativa idealizada pelos próprios alunos que, através da seleção e observação de entrevistas de influenciadores digitais, farão o registro de trechos em que a marcação da concordância de número foi dispensada, bem como o levantamento de dados do entrevistado e do contexto em que a entrevista foi realizada, a fim analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que justificam as escolhas dos falantes envolvidos. A terceira e última etapa contará com a reaplicação do questionário 1, a fim de avaliarmos se a proposta de intervenção contribuiu ou não para a redução do preconceito linguístico e para a ampliação da competência linguística dos alunos que participaram da atividade.

4.4.1 Primeira etapa

O primeiro momento, com previsão de 12 horas/aula, deve ser iniciado com uma oficina que discuta com os alunos a concepção de língua materna, buscando descontruir o mito de que no Brasil existe uma uniformidade linguística - visão que contribui para a perpetuação do preconceito linguístico no país de acordo com Bagno (2001, 2003, 2007) e Bortoni-Ricardo (2005, 2014).

A fim de conhecermos os alunos que participarão de nossa atividade, na primeira hora/aula e de maneira discursiva, os alunos responderão aos seguintes questionamentos – respaldados pelas respectivas justificativas:

1. Há diferença entre a língua que você fala e a língua ensinada nas aulas de língua portuguesa? Esse tema foi abordado para verificar o domínio e intimidade com a linguagem utilizada pela instituição, com o propósito de saber se é estranha ou se difere muito da usada no cotidiano dos alunos.

2. Você percebe diferentes modos de falar nas diferentes regiões do Brasil? Por meio dessa pergunta, os alunos poderão demonstrar seu entendimento sobre a heterogeneidade da língua relacionada à variação diatópica.
3. Como você muda seu modo de falar conforme as diferentes situações? Essa pergunta foi elaborada para verificar se os alunos reconhecem a variação estilística, adequando a fala de acordo com o contexto de uso.
4. Alguma vez alguém zombou de como você falava ou escrevia? Como foi?
5. Alguma vez você zombou da forma como alguém falava ou escrevia? Como foi?

Nas perguntas 5 e 6, os alunos serão levados a fazerem uma autorreflexão sobre seu comportamento em relação ao preconceito linguístico, a fim de saber se já sofreram ou praticaram tal ato. Essas indagações serão disparadoras fundamentais para esta pesquisa, visto que acreditamos que parte dos alunos ainda não reconhecem esse comportamento, por ainda passar muitas vezes despercebido na sociedade.

Vale salientar que o questionário, respondido individualmente pelos alunos e reservado para posterior análise, é substancial para retratar suas crenças e atitudes linguísticas, bem como para o professor adaptar e personalizar a atividade proposta de acordo com o seu público. Feita a reaplicação desse instrumento – ao fim de toda a proposta –, esperamos ser possível revelar se a atividade de intervenção influenciou para uma mudança de compreensão dos alunos em relação à sua fala e à fala do outro, contribuindo, por conseguinte, para a redução do preconceito linguístico.

Posteriormente, inicia-se a parte B da primeira etapa, com a duração de duas horas/aula, com a leitura do poema “Crianças na Congada” e a da biografia de seu autor, Jeremias Brasileiro. A escolha desse material responde à intenção de trazer textos com temas cotidianos dos alunos, já que a escola escolhida para essa aplicação é situada nas proximidades de quartéis de congas e muitos dos alunos e seus familiares participam ativamente dessa festividade. Essas circunstâncias correspondem às recomendações encontradas nas habilidades da BNCC (2018):

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2018, p.158)

O verbo “inferir” sugere uma atitude autônoma em relação ao exercício de reconhecer e valorizar a diversidade cultural da nossa sociedade em textos literários. Entende-se que o

professor deva incitar o aluno a estabelecer uma relação entre o texto literário e as manifestações culturais presentes nele, reservando um espaço para a criticidade e posicionamento do aluno.

Com base na ideia de que os alunos já possuem uma certa familiaridade com o gênero poema, por este tipo de texto apresentar particularidades em sua estrutura que facilitam sua identificação, é importante que o professor adote uma prática que leve em conta as suas características discursivas, como a estrutura e propósito comunicativo: (EF69LP48) interpretar em poemas efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos. (BRASIL, 2018, p.158)

Cabe ao professor, nesse momento, despertar a atenção dos alunos para os recursos sonoros implícitos no texto, lendo-o ou recitando-o em voz alta, associando seu ritmo ao compasso das congadas. Essa escolha intencional das palavras na construção do poema também deve ser alertada aos alunos no sentido de observarem que esse gênero pode transparecer ser mais culto ou sofisticado uma vez que possuiu uma linguagem monitorada, calculada.

Concluída essa leitura reflexiva, durante a primeira hora/aula da parte B, os alunos são instigados a sugerirem quem são os protagonistas de “Crianças na congada”, com base na descrição de suas vestimentas e ações. Nesse momento, o professor pode expor seus conhecimentos empíricos sobre esse movimento e em seguida, motivar os alunos a compartilharem também suas próprias experiências. Roupas e objetos, elementos de identidade dos grupos que participam deste movimento, podem ser coletados na própria comunidade e demonstrados em sala de aula. Considerando a importância da representação estética para essa festa e o interesse dos alunos por ilustrações na faixa etária em que se encontram, o professor conduz um momento de expressão visual ao pedir que os alunos façam desenhos dos conguinhos. A abordagem dessas características indumentárias e rítmicas, relacionadas aos eventos da trajetória de povos africanos no Brasil, pode também promover a interdisciplinaridade em várias áreas de conhecimento, como por exemplo em Arte e História, conforme previsto na BNCC (2018): (EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. (BRASIL,2018, p.211)

A aula/hora seguinte se dá com a reprodução de uma entrevista dada por Jeremias Brasileiro para a TV Paranaíba, Filiada em Uberlândia à Record TV, com o intuito de apresentar uma personalidade local, que além de se orgulhar de suas origens na Congada, orgulha-se também de sua trajetória intelectual. Acreditamos que exemplos de pessoas bem-sucedidas da nossa comunidade e que se assemelham ao nosso público no que tange a origem, etnia e classe social possam inspirar os alunos. Os conduziremos a refletirem sobre como os estudos em geral,

assim como o da disciplina de Língua Portuguesa, podem ser usados como um dos dispositivos que podem auxiliar em uma progressão profissional.

A partir da Parte C da Primeira Etapa, o poema “Crianças na Congada” passa a ser observado não só de maneira temática, mas também na análise sintática de elementos presentes no texto, especificamente sobre a concordância de número, cujas definições serão retomadas a partir de exemplos dos versos de Jeremias Brasileiro. É importante salientar que o fenômeno da concordância é revisto em todos os anos de escolaridade do Ensino Fundamental 2, conforme prevê a BNCC (2018): “(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto)”. (BRASIL, 2018, p.171)

O presente trabalho, utiliza a concordância de número como instrumento para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos e da consciência sobre preconceito linguístico, já que sua ausência é muito depreciada pela sociedade em geral. Desse modo, os alunos são conduzidos a compreenderem os contextos em que a norma-padrão é requisitada: “(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada”. (BRASIL, 2018, p.161)

O desfecho da Parte C propõe aos alunos uma situação desafiadora na qual eles devem produzir orações a serem expostas em cartazes, a partir de um conjunto de palavras relacionadas ao universo das Congadas, sem uma sequência predeterminada. Para esse momento, escolhemos o Cartaz uma vez que esse gênero textual faz parte do cotidiano dos alunos, estando frequentemente veiculado em espaços públicos. As Congadas, especificamente, por serem apoiadas por sindicatos, agremiações e autoridades, recebem publicidade e são amplamente divulgadas em espaços públicos por meio de cartazes que fazem uso de uma norma mais próxima à padrão. Por consequência, seguimos a recomendação da BNCC (2018) de ampliar e desenvolver os conhecimentos de língua dos alunos de maneira contextualizada, a partir de gêneros de grande circulação e que ocupem um lugar importante no contexto social:

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis ,tais como vlogs e podcasts culturais, gameplay, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos. (BRASIL, 2018, p.143)

Para cumprir essa proposta, o professor deve disponibilizar um material de produção estética e criativa, como tintas, figuras e canetas coloridas, e orientar que os alunos produzam frases objetivas a serem expostas em cartazes informativos sobre a Congada, a fim de divulgar o movimento aos demais colegas de escola. Solicitar que os alunos organizem e formem sentenças coerentes e harmoniosas em relação à concordância de seus termos, fará com que a revisão do fenômeno Concordância de Número seja mais dinâmica, pois os alunos dessa faixa etária se animam com questões de desafios, soluções de problemas e produções criativas.

A Parte D da Primeira Etapa é desenvolvida a partir de um trecho do livro “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus. Durante 2 horas/aula, os alunos são convidados a colocarem as suas percepções em relação ao texto, seu conteúdo, uso vocabular, o que perceberam em relação à mensagem nele contida, à funcionalidade etc. A primeira atividade da proposta prevê uma interpretação do texto e do contexto social no qual foi produzido. Posteriormente, uma análise sobre o gênero Diário é feita, considerando sua formalidade reduzida devido ao seu forte teor subjetivo de expressão, seguindo a indicação:

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BRASIL, 2018, p.169)

Como se observa, no Diário de Maria Carolina de Jesus, não se faz uso regular da concordância verbo-nominal. Raramente, os professores e manuais escolares utilizam a linguagem popular em atividades relativas à análise sintática e quando assim feito, corre-se o risco de retratá-la como inferior, reproduzindo o preconceito linguístico, ao contrário do que recomenda a BNCC (2018): “(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico”. (BRASIL, 2018, p.161). Atento à isso, o professor, na atividade 2 da Parte D, deve conduzir os alunos a identificarem as ausências de concordância nos registros da autora, sem deixarem de valorizar a sua linguagem escrita adquirida de maneira autodidata, graças aos cadernos e livros que recolhia das ruas. No momento da discussão dessa atividade, o professor pode conduzir os alunos a refletirem sobre como ficariam esses textos caso fossem feitos por meio de outro gênero textual, um registro judiciário, por exemplo, que diferente do diário pessoal, exige o uso de linguagem mais formal para a divulgação dos atos processuais e administrativos do Poder Judiciário. Enfatizando

sempre que a ausência de concordância é muito comum na linguagem oral e que essa característica não necessariamente compromete a função comunicativa e expressiva da linguagem. Dessa maneira, a revisão do fenômeno da concordância associa-se à aceitação da variação e concomitantemente, há o exercício de padrões que exigem mais formalidade na comunicação. O professor, nesse momento, deve ficar atento ao selecionar as situações comunicativas, evitando a dicotomia do “certo” e “errado” para abordá-las.

A discussão da questão seguinte gira em torno do cumprimento da função comunicativa a que a autora se propõe e consegue com sucesso, mesmo se valendo de uma estrutura linguística que se difere da defendida pela norma-padrão e pela escola. Acreditamos que ao apresentarmos Maria Carolina de Jesus, os alunos podem ser conduzidos à reflexão de que a eficiência comunicativa não depende apenas da norma-padrão, pois a autora, apesar de não a dominar, possuía o hábito da leitura graças aos livros achados em seu trabalho de catadora de lixo ou lidos nas bancas de jornal, o que a ajudou na habilidade de escrever. Em seguida, os alunos devem ser guiados a discutirem o título dessa obra, que, de maneira emblemática, critica a invisibilidade e exclusão social.

Com o auxílio do mapa político do Brasil, inicia-se uma nova reflexão sobre variações linguísticas, na qual os alunos indicam outras particularidades da fala mineira e de outras regiões do país, guiados pelo princípio de que nenhuma é superior que a outra e de que não há uma uniformidade linguística. O professor faz uma sondagem sobre a região onde os alunos e/ou seus pais nasceram ou já viveram e se conhecem as variantes linguísticas dessas regiões. O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos valorizem as diferenças culturais e linguísticas, levando-os a reconhecerem e legitimarem as variações linguísticas apresentadas. Ademais, ao ajudá-los a construírem esse sentimento de respeito pela sua própria língua e a dos demais, consequentemente, contribuímos para a desconstrução do preconceito linguístico, cujo fundamento principal é julgamento da fala do outro.

A parte E da primeira etapa segue o propósito de contribuir para a diminuição do preconceito linguístico ao destacar características variação linguística, sob os diversos fatores extralingüísticos, legitimando sua funcionalidade na comunicação. Durante a leitura comentada de um texto sobre os tipos de variações da língua, projetada a ocorrer durante uma hora/aula, cabe ao professor, enquanto condutor dessa leitura, explicar como a língua pode variar de acordo com a situação em que está inserida. O professor pode aproveitar para expor seus próprios conhecimentos sobre o tema e para oportunizar que os alunos compartilhem suas experiências relacionadas aos tipos de variação linguística.

Para exemplificar e reforçar que um mesmo indivíduo pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade do momento, demonstraremos duas situações de comunicação envolvendo o Jogador Neymar. A escolha desse personagem se deve ao fato de que mais que um conhecido, é um ídolo para jovens da atualidade, tornando a atividade mais interessante para nosso público-alvo. Após a leitura dos textos de apoio, a professora deve fazer uma breve contextualização sobre os meios em que foram publicados, direcionando os alunos a compreendam que a linguagem foi adaptada ao ambiente de uso (gênero textual). Celebridades como Neymar costumam ter uma assessoria de comunicação e, talvez, nem tenha sido o próprio quem redigiu a nota assinada por ele. Caso essa hipótese seja levantada, é importante lembrar que qualquer pessoa, com ou sem ajuda, é capaz de desenvolver sua capacidade comunicativa para adaptar sua linguagem à qualquer situação, sobretudo quando a interlocução em questão é planejada, permitindo a escolha por uma linguagem monitorada. Posteriormente, os alunos são conduzidos a apontarem no texto informal a variação relacionada ao fenômeno Concordância de Número, objeto de investigação para o combate ao preconceito linguístico em nossa proposta didática. O conhecimento e domínio da norma-padrão conferido ao fenômeno concordância, e sua aplicabilidade nos contextos que se fazem necessários, está especificamente orientado na habilidade: “(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.” (BRASIL, 2018, p.173). O encerramento desse exercício é feito com a percepção de que o público consolidou a compreensão de pluralidade na linguagem e suas possibilidades de adequação.

Na sequência, a parte F da primeira etapa, exibimos um recorte da série “A língua que a gente fala” documentada e reproduzida pelo *Jornal Hoje*, da Rede Globo, que aborda o tema variação e preconceito linguístico. O professor, durante 2 horas/aula, deve contextualizar a referida reportagem aos seus alunos, elucidando e descobrindo junto com os aprendizes uma gama de situações em que o preconceito ocorre atrelado à variação linguística. A primeira atividade desse momento chama a atenção dos alunos para um dos assuntos abordados pela reportagem do Jornal Hoje: a ausência da marcação de plural em algumas situações de comunicação. Os alunos serão conduzidos à uma autorreflexão sobre a marcação da concordância em suas próprias falas e, se sim, em quais momentos e com que frequência. As orientações da BNCC (2018) relacionadas nesse momento, confluem com outras presentes desde o início da primeira etapa, como por exemplo a EF69LP55.

Os exercícios seguintes se referem ao rapper Emicida, um dos entrevistados dessa série e que fala sobre as marcas linguísticas tão presentes em seu gênero musical e sobre o preconceito que ainda sofre, mesmo respaldados pela “licença poética” que permite o uso de variações em contextos musicais. Aproveitamos a abordagem do uso da expressão “É nós” para, mais uma vez, fazer um convite à reflexão acerca dos diferentes usos da língua e suas adequações, considerando o contexto em que é apresentada.

A Parte G, última da Primeira Etapa, se vincula com a anterior a partir da reprodução da música *Passarinhos*, de Emicida e Vanessa da Mata. A música de Emicida apresenta marcas linguísticas que compõem o universo das letras de rap e que caracterizam, entre outros aspectos, o discurso das comunidades periféricas. Essas marcas representam a realidade de grupos, suas experiências e a forma como se comunicam. O rap é um estilo musical com vasta presença da oralidade e apelo popular, mas sofre preconceito linguístico e, em função disso, artístico. A concordância de número, ora presente, ora ausente nas produções desse artista deve ser mais uma vez explorada. Repercutiremos sobre as escolhas linguísticas de seu autor, conscientizando sobre o quanto o preconceito linguístico está estritamente ligado ao preconceito social.

Para encerrar essa etapa, a professora faz um apanhado do que foi aprendido até então sobre preconceito linguístico, especificamente ao que está ligado à ausência da concordância de número, relacionando-o às demais discriminações: econômica, social e até mesmo étnica.

4.4.2 Segunda etapa

O primeiro momento dessa etapa, desenvolvido em 4 aulas, constitui-se de uma abordagem investigativa idealizada pelos próprios alunos, para que, colocando-se no papel de pesquisadores, possam observar a língua de indivíduos com os quais interagem ou possam vir a interagir, como indica a BNCC (2018): “(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas”. (BRASIL, 2018, p.171)

O aluno/pesquisador não atua apenas como coadjuvante, ele é parte fundamental do processo, compilando e analisando as entrevistas orais, a fim de captar a fala de influenciadores digitais e refletir sobre os usos variáveis observados nos enunciados coletados. A partir dessa pesquisa de campo, acreditamos que aproximamos os métodos da sociolinguística ao contexto escolar colaboramos em criar um respeito pelas variações, mais especificamente pela ausência da concordância de número.

A fala na entrevista tende a ser formal em comparação com o vernáculo usado no cotidiano. Entretanto, trata-se de um produto de interação entre o entrevistado e o entrevistador

que pode ser controlado. Um recurso muito utilizado em entrevistas que buscam um retrato mais fiel de seu entrevistado, segundo Labov et al (1968), é fazê-las em seu contexto social natural – interagindo com a família ou com seus pares. Acreditamos que a observação de entrevistas gravadas em ambientes informais e descontraídos faz com que o aluno perceba empiricamente que a fala pode variar de acordo com o contexto em que está inserido e as características sociais de quem fala. A Base Nacional Comum Curricular também reflete essa ideia da Sociolinguística:

(EF67LP14) Definir o contexto de produção da entrevista (objetivos, o que se pretende conseguir, porque aquele entrevistado etc.), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntar e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática (BRASIL, 2018, p.169)

Dessa maneira, orientamos os alunos, divididos em grupos, a coletarem de plataformas de compartilhamento de vídeos da Internet, gravações de entrevistas feitas com *youtubers*, pertencentes a diferentes esferas de atuação, tais como, jornalística, humorística, política, artística, religiosa. O perfil do condutor da entrevista não será definido para não limitar a autonomia dos alunos dessa faixa etária, apesar de reconhecermos que a relação entre entrevistador e entrevistado seja importante para o desenvolvimento de uma interlocução. Apenas orientamos que as entrevistas sejam feitas em um ambiente informal para que o entrevistado, confortável com a comunicação, utilize uma linguagem menos monitorada possível. Definidas a entrevista a ser investigada, os alunos são levados a observarem, analisarem e registrarem a presença e a ausência da concordância de número na linguagem dos entrevistados selecionados.

Inicialmente, a professora/pesquisadora apresenta recortes de uma entrevista de Whindersson Nunes, para que os alunos compreendam, a partir de um exemplo, a atividade da qual em seguida participarão. A linguagem desse humorista e influenciador digital é coloquial, muito próxima da oralidade das conversações cotidianas. A entrevista em questão foi feita pela apresentadora Eliana, que apresenta um programa dominical popular. Por ter sido gravada dentro da casa de Whindersson, com a presença de familiares, propiciou uma entrevista mais espontânea. A presença e, às vezes, ausência de concordância verbal e nominal nas construções de Whindersson cria uma atmosfera de conversa comum, como se não houvesse um roteiro ou

mesmo a preocupação de quem se apresenta diante de um público. Dessa forma, constrói-se a imagem de serem pessoas comuns, “gente como a gente”.

Uma vez que o condicionamento social (origem, idade, gênero/sexo, escolaridade, etc.) é um pressuposto fundamental da Sociolinguística Variacionista para compreensão da variação linguística, a professora direcionará um instrumental em que os alunos farão o levantamento de dados socioeconômicos do influenciador pesquisado, a fim de conhecer seu perfil social. Os alunos farão, então, a transcrição de partes da entrevista, particularmente dos trechos com o fenômeno observado na entrevista. Tais entrevistas serão apresentadas a todos os colegas de sala, bem como as informações sobre o entrevistado recolhidas e registradas na ficha de análise sociolinguística.

Finalmente, orientados pelo professor, os alunos analisam a incidência da não realização concordância verbal e nominal e os fatores linguísticos e extralingüísticos que favorecem o apagamento em cada entrevista. Diante dos dados espera-se ser possível entender a dinâmica do funcionamento da língua e os signos sociais que podem ser suscitados pelas escolhas dos falantes.

4.4.3 Terceira Etapa

Ao final das atividades será aplicado novamente o questionário sobre crenças linguísticas a fim de avaliarmos se a proposta de intervenção contribuiu ou não para a redução do preconceito linguístico e a ampliação da competência linguística dos alunos que participaram da pesquisa.

Nossa hipótese é que as atividades que direcionamos podem ajudar a promover uma mudança de postura dos alunos em relação à própria língua e a do outro. Essa constatação será validada ao compararmos as respostas que os alunos deram ao questionário, tanto na primeira quanto na segunda aplicação. Pretendemos verificar no percorrer da aplicação desta proposta de intervenção e no restante da rotina em sala de aula se os alunos adotaram uma postura mais positiva e respeitosa sobre variação linguística, especificamente em relação à concordância de número.

5 ANÁLISE CRÍTICA: A PESQUISA NO CONTEXTO DE PANDEMIA

O plano original de intervenção era de aplicar todas as etapas da pesquisa na referida turma de sétimo ano da Escola Estadual 13 de maio. Devido a instauração da crise sanitária iniciada nos princípios de 2020, entre tantas outras consequências, houve a suspensão das aulas

presenciais em todo o país e em nossa região, esse período se estendeu até o fim do ano. Conjecturamos aplicar nossa proposta de maneira online, mas não pudemos colocar essa ação em prática uma vez que a maior parte dos alunos não tem acesso satisfatório às tecnologias necessárias para isso, tais como aparelhos e acesso amplo à internet. Os alunos da escola pública, em geral, não possuem computador em casa, e o celular costuma ser um aparelho compartilhado entre outros membros da família. Assim, as videochamadas foram pouco frequentadas pelos alunos que não conseguiam conciliar os horários de aula com a disponibilidade da escola ou quando isso foi possível, o acesso à internet para assistir às videoaulas, carecia de uma boa conexão. Não houve empenho governamental para a criação e desenvolvimento de políticas que adequassem o contexto à nova realidade do mundo frente à pandemia. O luto, causado pelas perdas que todos nós tivemos que enfrentar, também foi um fator que desmotivou a assiduidade dos alunos durante o ensino à distância.

Toda essa situação retratada, inviabilizou a nossa planejada aplicação do plano de intervenção e o nosso trabalho de conclusão de curso passou a ter caráter propositivo, uma vez que já não seria aplicado em sala de aula.

Cientes de que, assim como toda a sociedade em geral, nossa pesquisa foi afetada pelas desigualdades sociais já existentes e ampliadas no Brasil a partir contexto da pandemia. A solução encontrada para dar continuidade ao nosso almejado projeto inicial, foi criar um produto educacional, de modo a utilizá-lo e concluir sua aplicação em um momento mais oportuno, bem como disponibilizá-lo para que outros professores também possam fazer o seu uso.

5.1 PRODUTO EDUCACIONAL

O mestrado profissional PROFLETRAS, estabelece que a pesquisa de seus participantes deva contribuir no desenvolvimento de suas atividades enquanto professores/pesquisadores, contribuindo não só para sua formação continuada, mas também para melhoria da educação dos meios em que atua. Um produto educacional deve ser elaborado não só para a validação da conclusão de curso, mas também como uma forma de contribuição para a educação, em geral. Dessa forma, criamos um produto educacional em forma de caderno de atividades, apresentando nossa proposta a fim de auxiliar outros professores, uma vez que será disponibilizado, com suas devidas orientações pedagógicas.

Em nossas orientações ao professor, destacamos, entre outras habilidades, aquelas que mais concordam com os preceitos da Sociolinguística, como a EF69LP55 (Reconhecer as

variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico) e estabelecemos, conforme prevê o documento normatizador, o uso consciente e reflexivo de regras conforme as situações comunicacionais nas quais devem ser usadas. Assim, em nosso caderno, propomos que o professor oriente o aluno quanto às adequações dos usos linguísticos conforme as situações sociocomunicativas, como também prevê a habilidade EF69LP56 (Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada). Ressaltamos que para esses dois objetos do conhecimento, presentes durante todo o nível fundamental, a proposta é de uma prática de ensino que não rechace o sistema de normas e de regras da norma-padrão, e sim, promova o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, como também observamos na habilidade EF06LP06: Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto).

Por meio da competência específica de Língua Portuguesa de número 4, que garante ao aluno “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2018, p.70), nossas atividades, caso aplicadas conforme as orientações e habilidades conjecturadas, atuam em função de combater o preconceito linguístico, que discrimina e reprime a linguagem do outro. Somos conscientes de que essa premissa, tal como postulada, demanda uma reeducação sociolinguística do professor que deverá policiar-se no uso de termos como “erro x acerto” e trilhar novos caminhos para que o objetivo final de nossa proposta seja atingido.

Pretendemos aplicar esse trabalho assim que retomarmos as aulas presenciais, de maneira que nenhum aluno seja excluído do processo. Esperamos que este caderno e o seu diálogo com os pressupostos da Sociolinguística, ajudem os professores que nele se espelharem e promovam, juntos aos seus alunos, um combate ao preconceito linguístico. Ao formulá-lo, buscamos dar ênfase ao papel de protagonista que o aluno deve incorporar, assumindo um papel ativo na construção do próprio conhecimento. Acreditamos que as possíveis dificuldades que possamos vir a encontrar no momento da aplicação da intervenção, sejam relacionadas à resistência dos alunos, em um primeiro momento, de aceitarem como legítimas as variações linguísticas abordadas. Entretanto, também acreditamos que apesar das dificuldades, o objetivo final de tentar reduzir o preconceito linguístico do nosso público será alcançado, graças à abordagem aqui sugerida que fará uso de temáticas de interesse do aluno e de atividades que o

envolverão, enfatizando o papel de protagonista que o aluno deve incorporar, assumindo um papel ativo na construção do próprio conhecimento.

Outra possível dificuldade que o professor pode vir a encontrar durante a aplicação da nossa proposta é a necessidade de aprofundar a revisão do fenômeno concordância de número a depender do nível de conhecimento da turma sobre esse tema. Ao incluir novas atividades de revisão desse fenômeno, o professor deve atentar-se de que estejam consonantes aos princípios da Sociolinguísticas, para não haver a reiteração do preconceito linguístico encontrados em manuais tradicionais de ensino da norma-padrão.

Sabemos da possibilidade de que alguns professores não estejam familiarizados com determinados termos utilizados no caderno de atividades que propomos, sobretudo aqueles relacionados à Sociolinguística. Defendemos que o docente associe essa dificuldade à oportunidade de prática reflexiva e de pesquisa. O professor que assume a postura de pesquisado, além de uma revisão bibliográfica, compromete-se com o criticismo e influencia os alunos a fazerem também suas próprias descobertas. Para auxiliá-los nessa questão, criamos ao final do caderno, um glossário com termos que podem ser desconhecidos aos professores, além de um espaço destinado à novas anotações e descobertas do mesmo.

Mesmo que planejada para alunos do sétimo ano, pode-se perfeitamente desenvolver nossa atividade de intervenção nos outros anos escolares do Ensino Fundamental II, uma vez que o fenômeno “Concordância de número” é abordado corriqueiramente e recomendado pela BNCC em habilidades a serem desenvolvidas entre o 6º e 9º ano. Para isso, o professor aplicador está autorizado a adaptar nossa proposta ao seu contexto de ensino, selecionando as atividades que forem de seu interesse, como ajustá-las de acordo com seu perfil. Porém, motivamos que o trabalho seja aplicado de forma completa por acreditarmos que cada parte de sua sequência é importante para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos.

É nosso desejo que as atividades desenvolvidas sejam de grande valia a outros professores do Ensino Fundamental. Confiantes da relevância pedagógica de nossa pesquisa, disponibilizamos e acreditamos que os elementos que a compõem podem transformar, de forma específica, a realidade dos grupos sociais dos quais nosso público-alvo participa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entrarmos no PROFLETRAS, um dos nossos anseios era a possibilidade de desenvolvermos, com respaldo acadêmico, uma atividade de intervenção baseada nos preceitos da Sociolinguística com o objetivo de tentar atenuar o preconceito linguístico, especificamente aquele relacionado ao fenômeno da “concordância de número”. Ainda que sua aplicação não tenha sido efetivada da maneira como prevíamos, pelos motivos já justificados na seção anterior, temos a convicção de que a nossa atividade colaborará para esse fim, tão logo isso seja possível. Também temos a confiança de que o nosso produto criado, ou seja, o caderno de atividades, possa auxiliar também outros professores com interesses afins.

Compreendemos que ampliar a competência linguística do estudante, seja a grande função das aulas de Língua Portuguesa e que a análise sistemática do fenômeno concordância de número, não deva ser abordada apenas sob a perspectiva das gramáticas normativas e o uso de nomenclaturas convencionais. E mais, a variação linguística não deve estar desassociada da abordagem de conteúdos gramaticais. Compete à escola e aos professores, oportunizarem que os alunos compreendam que a língua em uso está sujeita a variação e mudança, e que, por esta ser uma condição inerente à língua, não cabe a perpetuidade do preconceito linguístico.

A apresentação de nossa pesquisa se organizou em cinco seções, sendo a primeira com o registro da fundamentação teórica com o respaldo da Sociolinguística Variacionista e Educacional com reflexões sobre como poderíamos atingir nosso objetivo: contribuir para a diminuição do preconceito linguístico em alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, por meio de uma atividade de intervenção sobre a concordância de número. A seção 2, concentrou-se nas orientações sobre a abordagem do fenômeno concordância de número e a perspectiva de variações linguísticas presentes na Base Nacional Comum Curricular. A terceira seção, registrou ponderações sobre a concordância de número, de acordo com diferentes concepções de gramática: a “normativa” e a “descritiva”, além de relatos de observação desse fenômeno em livros didáticos selecionados. Já a quarta seção, descreveu o percurso metodológico seguido para a aplicação da nossa proposta de intervenção, além da apresentação do público para a qual ela foi planejada e as particularidades que inviabilizaram sua aplicação. A quinta e última seção registrou uma análise crítica sobre a pesquisa no contexto da pandemia, esclarecendo sobre o Produto Educacional, ou seja, o caderno de atividades para a validação e sustentação do nosso trabalho.

Acreditamos que o objetivo principal traçado, o de contribuir, a partir da Sociolinguística Variacionista e Educacional, para uma atitude de combate ao preconceito e intolerância na linguagem no âmbito da “concordância de número” foi alcançado e materializado no caderno de atividades que criamos e que será aplicado tão logo possamos. Logo na primeira parte deste caderno, ou seja, a sua apresentação aos professores, nossa abordagem se norteia pelos princípios básicos da Sociolinguística que envolvem a relação intrínseca entre língua, cultura e sociedade. Desde a primeira hora/aula planejada, abordamos de maneira dialógica as crenças dos estudantes em torno da língua. Da mesma maneira, a sequência de atividades também se ancora na Sociolinguística, sobretudo na Educacional, por não só revisar os conceitos básicos da concordância de número, mas por considerar este objeto de estudo como variável linguística. A exposição de vários textos e seus contextos para a observação de fatores linguísticos e sociais que levaram à ausência da concordância de número, além da proposta de investigação a partir de entrevistas de *youtubers*, permitirá que os alunos compreendam a heterogeneidade da língua e o preconceito linguístico arraigado em nossa cultura. Importa dizer que a nossa pesquisa é produto de uma inquietude decorrente de discriminações linguísticas testemunhadas cotidianamente no âmbito escolar e por esta razão, defendemos imersão dos alunos à sensibilidade deste tema para que não sejam vetores da intolerância linguística em nossa sociedade.

Participar do Mestrado Profissional em Letras, o Profletras, bem como aprofundar nossos estudos sobre Sociolinguística, trouxeram-nos à reflexão do quanto importante é o papel do professor ao mediar o conhecimento para os alunos. Hoje, percebemos a necessidade de conhecer os teóricos e suas contribuições para o enriquecimento de nossas práticas pedagógicas e para a construção de estratégias que contribuirão para alcançarmos os objetivos propostos nesse caminho profissional que escolhemos trilhar.

A relevância do estudo “Contribuições da Sociolinguística para o ensino de língua portuguesa na educação básica: uma proposta de intervenção a partir da observação da concordância de número”, ao nosso ver, consolida-se na possibilidade de sua utilidade como fonte de pesquisa para aqueles que se interessam em compreender os fatores que atuam sobre a língua, quer tenham ou não formação específica nas proposições da Sociolinguística Variacionista, sobretudo, os professores de Língua Portuguesa de todos os níveis da Educação.

REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo & tradução. **Traduzires**, v. 1, n. 1, p. 19-32, 19 dez. 2018.
- BARROS, Enéas Martins de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BRASIL. **Guia de livros didáticos**: PNLD/Letramento e Alfabetização/ Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens, 7º ano: língua portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Atual, 2012.
- CHAMBERS, Jack. K. **Sociolinguistic theory**: linguistic variation and its social significance. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.
- CUNHA, Celso.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- CYRANKA, L.F.M. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007a.

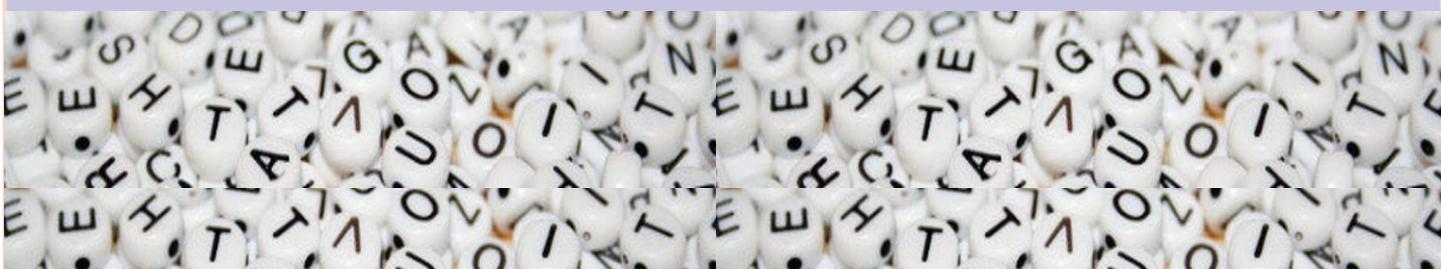
- CYRANKA, L. F. M.; PERNAMBUCO, D. L. C. A língua culta na escola: uma interpretação sociolinguística. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 10, 2007b.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002a. p. 37-61.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: Desatando alguns nós**. São Paulo: Loyola, 2002b.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: Desatando alguns nós**. São Paulo: Loyola, 2002c. p.73
- FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 42 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GUY, Gregory Riodan. **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetal nos padrões de variação linguística**. *Organon*, 14 (28/29), p. 17-32, 2002. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30194>
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: editora Ática, 2015.
- KLEIMAN, Ângela Bustos. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- LABOV, William. **Principios del cambio linguístico: factores internos**. Trad. Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 1996. 1 v.
- LABOV, William. **How I got into Linguistics, and what I got ou of it**. 1997. Manuscrito inédito. Disponível em <http://www.ling.upenn.edu/~labov/papers.html>.
- LABOV, William. **Principios del cambio linguístico: factores sociales**. Trad. Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 2006. 2 v.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

- LABOV, W., COHEN, P., ROBINS, C, LEWIS, J. **A study of the nonstandard English of Negro and Puerto Rican speakers in New York City.** Cooperative Research Project No. 3288. New York: Columbia University, 1968.
- MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje.** Barcelona: Ariel, 2009.
- MONTE, Alexandre. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos.** 2007. 118 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.
- NEVES, Marinilde Oliveira. **A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência.** Revista Fundamentos, v. 2, n. 1, p. 17-31, 2015.
- OLIVEIRA, T.; ARAÚJO, L. **Tecendo linguagens: língua portuguesa: 7º ano.** 5. ed. Barueri: IBEP, 2018.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, ALB. Mercado de Letras, 1996.
- RAMOS, Heloísa. **Escrever é diferente de falar.** In: Viver, aprender: educação de Jovens e Adultos – **Por uma vida melhor.** Organização: Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação. Brasília: Ministério da Educação, 2011.
- SACCONI, Luiz Antônio. **Novíssima gramática ilustrada Sacconi.** São Paulo: Nova Geração, 2008.
- SANTOS, Fernanda. **Negros em movimento sentidos entrecruzados de práticas políticas e culturais – Uberlândia (1984-2000).** Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlandia, 2011.
- SANTOS, W. L. P. **Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios.** Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 36, p. 474-550, Setembro a Dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n36/a07v1236.pdf> <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000300007>
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle:** Variação Linguística, Mídia e Preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

- SIMKA, S. **Pedagogia do Encantamento: O ensino de escrita em Língua Portuguesa.** Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC/SP, 2017.
- PASCHOALIN, Maria Aparecida e SPADOTO, Neuza Terezinha. **Minigramática.** São Paulo: FTD, 2014.
- PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português.** São Paulo: Editora Ática, 2006.
- TAGLIAMONTE, SALI A. **Analysing sociolinguistic variation.** New York: Cambridge University Press, 2006. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511801624>
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2008
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: Ensino Plural.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 201
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].
- ZWIRTES, Polyana. **A Base Nacional Curricular - uma análise à luz da sociolinguística educacional.** 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2020

Caderno Complementar do professor

Programa de Mestrado Profissional em Letras
PROLETRAS/UFU



**Contribuições da Sociolinguística para
o ensino de Língua Portuguesa na
Educação Básica: uma proposta de
intervenção a partir da observação da
concordância de número.**

Ma.Fernanda Palhares Carvalho Barthaburu
Orientador: Dr. Leandro Silveira Araujo

Uberlândia - MG

Apresentação

Prezado Professor:

Durante nossa prática docente, a ânsia em despertar em nossos alunos uma maior tolerância sobre variação linguística, nos levou a investigar e elaborar uma proposta de intervenção didática. Após imersão no PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras – do qual fazemos parte e que possui o preceito de estimular seus participantes a refletirem sobre alguma oportunidade de melhoria nas instituições em que atuam, consideramos desenvolver uma atividade de intervenção, aliando as teorias sociolinguísticas à prática educativa em sala de aula, aplicando-os ao ensino de Língua Portuguesa. Esse campo de estudo nos possibilita resultados não apenas descritivos da língua enquanto sistema, mas também promove reflexões sobre os quadros sociais e educacionais em que a língua é viva e mutável.

Elaboramos este material com o intuito de contribuir com um ensino de Língua Portuguesa que forme alunos mais críticos e conscientes sobre a heterogeneidade de sua língua materna. Nossos objetivos estão voltados para os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental 2, com o intuito de ajudá-los a compreenderem e respeitarem as variedades linguísticas, sabendo adequá-las a cada situação de comunicação. Recomendamos, como ponto de partida, a aplicação de um questionário para identificar as crenças e atitudes linguísticas dos alunos em relação à língua materna. A análise e interpretação dos dados coletados nesse questionário são válidos para que você, professor, conheça melhor seu público e ao reaplicá-lo ao final da atividade, possa constatar se houve, da parte do público alvo, mudança de percepção sobre a variação linguística.

Traçado o panorama em que será aplicada a atividade aqui proposta, planejamos uma revisão crítica sobre a concordância de número, fenômeno escolhido para ser analisado e utilizado como meio para a redução do preconceito linguístico. Essa escolha deve-se ao fato de que a concordância de número e a reflexão sobre a variedade linguística serem orientadas em todos os anos do Ensino Fundamental, conforme a Base Nacional Comum Curricular, documento norteador de currículos e propostas pedagógicas das escolas brasileiras. A revisão da concordância de número não visa a exposição de regras, e sim a discussão desse e outros fenômenos em variação recorrente, buscando respeitar as realidades distintas que caracterizam nossa sociedade. Acreditamos que o aluno, geralmente, seja induzido a pensar que somente a norma-padrão é válida e aceitável. Ponderamos que esse longo processo de desconstrução e ressignificação do conceito de língua exige atividades atrativas para a faixa etária dos alunos que delas participarão e, para tanto, propomos uma seleção com gêneros textuais diversificados, procurando dialogar com a cultura juvenil e digital como ponto de partida das reflexões. Tais atividades estão adequadas às propostas apresentadas na BNCC, pois compactuamos com sua premissa de que os alunos precisam:

aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2018, p. 14).

Concluída a revisão, novas atividades reflexivas serão disponibilizadas com o objetivo de auxiliar na construção de uma atitude de combate ao preconceito e intolerância na linguagem.

A etapa seguinte se define como uma pesquisa de campo, conduzida pelo próprio aluno, que selecionará entrevistas de influenciadores digitais para observar as peculiaridades da presença ou ausência da concordância de número na fala dos entrevistados. Através dessa experiência, em que o aluno assume um papel de protagonista, será possível perceber empiricamente que a fala pode variar de acordo com o contexto em que está inserida. Assim, os pressupostos dessa proposta ultrapassam o simples ato de memorização de uma norma, para dar lugar à fomentação da criticidade sobre o tema em questão. Nesse sentido, gerenciando com autonomia o seu próprio aprendizado, oportunizamos que os alunos resgatem e reflitam sobre o que já sabem a respeito da língua materna, desenvolvam e ampliem seus repertórios e habilidades comunicativas. Para encerrar essa proposta, sugerimos que o professor avalie se os objetivos foram alcançados, ou seja, se os alunos desenvolveram uma nova percepção de tolerância à sua língua e a do outro. Essa constatação pode ser feita a partir da reaplicação do questionário de crenças e atitudes linguísticas disponibilizado na primeira aula.

No percurso de apresentação deste manual, nossa interação será realizada nas bordas das páginas, seguindo o modelo “manual em U”, com orientações pontuais para o desenvolvimento das atividades. Como educadores, precisaremos nos familiarizar antecipadamente com os textos orientados aos alunos, assim, ainda que você já conheça os suportes textuais aqui presentes, acreditamos ser necessário uma nova leitura voltada ao enunciado que os seguem. Também desejamos que você possa fazer as adaptações que considere pertinentes a seu grupo e à sua realidade.

Você terá contato com uma linguagem científica bastante específica da área da Sociolinguística, por isso, sugerimos que dê sequência à produção do glossário que se encontra no final desse caderno. Toda vez que se deparar com uma nova palavra, escreva-a em seu glossário para futuras consultas ao longo dos seus estudos e pesquisas.

A seguir, apresentamos e comentamos nossa proposta, descrevendo sua estrutura, explicando a razão da seleção dos gêneros e das práticas adotadas para sua exploração, além de sugestões para sua aplicação.



Sumário

APRESENTAÇÃO	02
PRIMEIRA ETAPA PARTE A	05
PRIMEIRA ETAPA PARTE B	07
PRIMEIRA ETAPA PARTE C	10
PRIMEIRA ETAPA PARTE D	13
PRIMEIRA ETAPA PARTE E	18
PRIMEIRA ETAPA PARTE F	21
PRIMEIRA ETAPA PARTE G	24
SEGUNDA ETAPA PARTE A	26
GLOSSÁRIO DO PROFESSOR	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

Professor:

Inicie as atividades conversando com os estudantes sobre como, desde pequenos, possuímos saberes muito complexos com relação à nossa língua e sobre como esse conhecimento vai sendo construído de forma espontânea, nas convivências familiares ou nos grupos sociais que frequentamos.

Aborde, sucintamente, o papel da escola em desenvolver nossa capacidade comunicativa e que a atividade que se inicia também terá, entre outros, esse objetivo.

Esta atividade trata-se de um questionário de crenças e atitudes linguísticas e o ideal é que o público-alvo, os alunos, recebam menos pistas antecipadas para não interferir nos resultados.

Motive a participação, orientando que respondam de maneira ampla e real as questões, enfatizando que as respostas não serão compartilhadas com outrem.



Primeira Etapa Parte A

Objetivo: Conhecer e analisar as crenças e atitudes linguísticas dos alunos, ao ingressarem no 7º ano do ensino Fundamental

Carga Horária: 1 hora/aula

Questionário sobre Crenças e Atitudes Linguísticas

1. Há diferença entre a língua que você fala e a língua ensinada nas aulas de língua portuguesa?

2. Você percebe diferentes modos de falar nas diferentes regiões do Brasil?

3. Como você muda seu modo de falar conforme as diferentes situações?

1-Com esse questionamento, espere-se verificar o domínio e intimidade com a linguagem utilizada na escola, com o propósito de saber se é estranha ou se difere muito da usada no cotidiano dos alunos.

2-Por meio dessa pergunta, os alunos demonstrarão seu entendimento sobre a heterogeneidade da língua relacionada à variação diatópica.

3-Aqui a intenção é de constatar se os alunos reconhecem a variação estilística, adequando a fala de acordo com o contexto de uso.

4. Alguma vez alguém zombou de como você falava ou escrevia? Como foi?



5. Alguma vez você zombou da forma como alguém falava ou escrevia? Como foi?

5-Agora, os alunos são convidados a fazerem uma autor-reflexão sobre seu comportamento em relação ao preconceito linguístico, a fim de saber se já sofreram ou praticaram tal ato. Essas indagações serão disparadores fundamentais para esta pesquisa, visto que acreditamos que parte dos alunos ainda não reconhecem esse comportamento por ainda passar muitas vezes despercebida na sociedade.

Orientamos que após respondidos, os questionários sejam recolhidos e reservados para posterior análise. Consulte e faça uma compilação com a interpretação dos dados coletados. Essa estratégia será importante para retratar as crenças e atitudes linguísticas do seu público e para que você possa personalizar esta atividade de acordo com suas demandas. Além disso, após a conclusão de todas as etapas aqui sugeridas, a reaplicação do questionário revelará se a atividade ajudou na redução da intolerância e preconceito linguístico e na ampliação da competência línguística dos alunos, conforme planejamos ao iniciá-la.

As Congadas são manifestações tradicionalmente vinculadas à cultura negra e que passaram a ser consumidas como entretenimento ou espetáculo. Isso não significa que a Congada seja meramente folclórica, entretanto, seu caráter religioso não será aqui ressaltado.

Caso possua algum conhecimento empírico sobre esse movimento folclórico, apresente-o ou pesquise antecipadamente mais informações. Roupas e objetos, elementos de identidade dos grupos que participam deste movimento, podem ser coletados na própria comunidade e demonstrados em sala de aula.

Primeira Etapa Parte B

Objetivo: Conhecer características da atividade coletiva e folclórica Congado, observando sua pluralidade no texto. Observar a materialidade linguística da produção poética decorrente do universo da Congada.

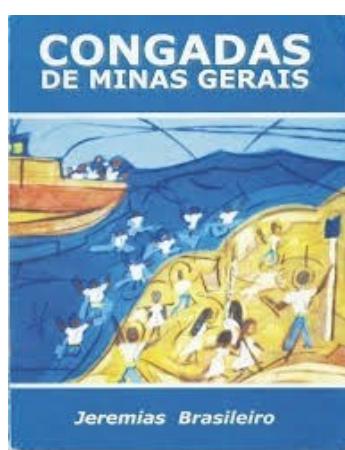


Habilidade:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

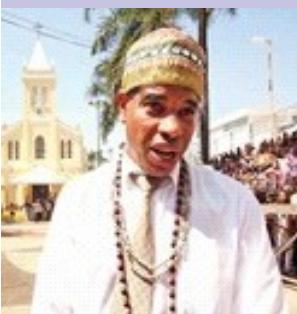
Carga Horária: 2 horas/aula



Sugerimos também que o professor leia o texto com a biografia de Jeremias Brasileiro, exaltando sua trajetória, sem se preocupar em fornecer mais informações nesse momento.

Os alunos já possuem uma certa familiaridade com gênero poema, por este tipo de texto apresentar particularidades em sua estrutura que facilitam sua identificação.

Tente despertar a atenção dos alunos para os recursos sonoros implícitos no texto, lendo-o ou recitando-o em voz alta, associando seu ritmo ao compasso das congadas.



1. Leia os textos abaixo e responda

Crianças na Congada (Jeremias Brasileiro)

Os conguinhos vêm cantando
Vêm dançando sem parar
Os conguinhos também usam
Lindo lenço azul pavão
Ojá branco na cabeça
Faixa verde,
tênis branco
Chapéu multicolorido
Os conguinhos representam
Resistência de um povo
Que insiste em sua fé

*"Cultura afro-brasileira na escola:
O congado na sala de aula".
Editora Aline, Uberlândia - MG, 2009*

Jeremias Brasileiro é cronista, poeta e historiador pela Universidade Federal de Minas Gerais. Foi na poesia que Jeremias encontrou forças para lutar contra a pobreza e o preconceito. É um grande pesquisador e defensor do Congado, manifestação cultural constituída no Brasil por negros escravizados, a partir de memórias de seus lugares de origens.

a) Em sua opinião, quem são os conguinhos?

b) “Ojá” é um turbante, uma espécie de pano amarrado sobre a cabeça muito utilizado pelos integrantes do congado. Faça um desenho de um conguinho a partir das características apresentadas nos versos da poesia.



Lembre seus alunos de que a escolha intencional das palavras na construção do poema pode, em alguns casos, transparecer que se trata de um gênero mais culto ou sofisticado e que esse é um reflexo da linguagem premeditada e monitorada que esse tipo de texto possui.

a) Instigue os alunos a sugerirem quem são os protagonistas dessa poesia, com base na descrição de suas vestimentas e ações.

b) A abordagem de características indumentárias e rítmicas, relacionadas aos eventos da trajetória de povos africanos no Brasil, pode também promover uma interdisciplinaridade em áreas de conhecimento, como por exemplo, em Arte e História, conforme previsto na BNCC(2018)

Crie oportunidades para que os alunos compartilhem suas próprias experiências relacionadas ao movimento folclórico em questão.

Conduza os alunos até a compreensão de que a construção visual dessa manifestação é uma tentativa de se manter viva uma tradição secular e, que isso por si só já é um aprendizado.

Chame atenção para o fato de que o Congado é uma atividade de sociabilidade, que se efetiva nas casas e quintais dos seus participantes, trazendo um sentimento de irmandade e de pertencimento.

Informe-os que, mesmo superficialmente, outro aprendizado que podemos extrair é o afeto aos mais velhos, por se tratar de uma coletividade organizacional, na qual a hierarquia entre seus agentes é bastante respeitada.

2. Você conhece ou já ouviu falar sobre a festa do Congado de Uberlândia? Após assistir a uma entrevista de Jeremias Brasileiro, autor da poesia acima, para a TV Paranaíba, responda:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hBWamnbiTnE>.

a) A Congada é uma manifestação cultural e religiosa que homenageia personagens de origem africana e que foram inseridos no catolicismo, religião que dominava o Brasil no período colonial, quando chegaram os primeiros africanos no Brasil. Hoje, o Congado faz parte do folclore brasileiro. O que você acha que as pessoas aprendem ao participar da organização de uma festa como essa? Você já participou ou gostaria de participar desta festa? Explique.

b) Jeremias relata que reconheceu na poesia e nos livros uma maneira de “ascender socialmente”, ou seja, conquistar novos e mais prestigiados espaços na sociedade. Hoje, ele possui muitas obras publicadas e conquistou títulos como o de mestre e doutor em História, pela Universidade Federal de Uberlândia. Você também acredita que a dedicação aos estudos pode trazer progresso profissional? Conte-nos como.

Consideramos produtivo apresentar uma personalidade da cultura local, que além de se orgulhar de suas origens na Congada, se orgulha também de sua trajetória intelectual.

Acreditamos que exemplos de pessoas bem sucedidas da nossa comunidade e que se assemelham ao nosso público no que tange à origem, etnia e classe social possam inspirar os alunos.

Os conduzimos a refletirem sobre como os estudos em geral, assim como o da disciplina de Língua Portuguesa, podem ser usados como um dos dispositivos que podem auxiliar em uma progressão profissional.





Primeira Etapa Parte C

Objetivo: Conhecer características da atividade coletiva e folclórica Congado, observando, de maneira semântica o poem a “Crianças na Congada” de Maneira semântica e sintática.

Habilidade:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto)

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.

(EF69LP09) Planejar uma campanha publicitária sobre questões/problemas, temas, causas significativas para a escola e/ou comunidade, a partir de um levantamento de material sobre o tema ou evento, da definição do público-alvo, do texto ou peça a ser produzido – cartaz, banner, folheto, panfleto, anúncio impresso e para internet, spot, propaganda de rádio, TV etc. –, da ferramenta de edição de texto, áudio ou vídeo que será utilizada, do recorte e enfoque a ser dado, das estratégias de persuasão que serão utilizadas etc.

Carga Horária: 2 horas/aula

1. Os alunos devem selecionar um trecho do poema que demonstre que a Congada é, geralmente, praticada por mais de um indivíduo “Os conguinhos vêm”. Chame a atenção dos alunos para a terminação das palavras que indiquem o número plural. Leve-os a perceberem que há um padrão que se repete: a terminação dos verbos que varia segundo a pessoa e o número. Tal observação servirá como ponte para o tema da próxima questão: a concordância de número.

2. Os alunos podem ainda não terem compreendido a construção da concordância e/ou não saber reconhecer as categorias que participam desse processo (artigo, substantivo, adjetivo, verbo).

Comece induzindo-os a inferir sobre o termo “concordar” relacionando-o à ideia de “harmonizar”, “ajustar” e conduzindo-os à compreensão de que normativamente, a concordância prima por harmonizar ou ajustar, em gênero e número, todos os termos de uma oração.

1. Sabemos que a congada é formada por grupos que se organizam e se manifestam com músicas ritmadas e coreografadas. Cite um trecho da poesia em que é possível perceber que essa atividade é praticada de forma coletiva.

2. Você já aprendeu que a maneira pela qual as palavras alteram suas terminações para combinarem com outras é chamada de concordância. Vamos revisar?



A **concordância nominal** ocorre quando o substantivo, artigo, pronome e adjetivo de uma oração concordam entre si em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural). Veja um exemplo no poema de Jeremias Brasileiro

- Lindo lenço azul pavão

“Lenço” (substantivo masculino e singular) concorda com o adjetivo “lindo” em gênero (masculino) e número (singular).

A **concordância verbal**, por sua vez, ocorre quando o verbo traz as marcas de número e pessoa referentes ao sujeito da oração. Veja outro exemplo do poema:

- Os conguinhos representam

O verbo “representam” (conjugado na terceira pessoa do plural) concorda em gênero e número com o sujeito “Os conguinhos”.

Explique que os exemplos citados tratam de uma regra geral de concordância: o verbo concorda em número e pessoa com seu sujeito. Informe que essa não é a única regra, mas que outras relações de concordância se estabelecem entre o núcleo do sintagma nominal (substantivo) e seus determinantes (artigo, demonstrativos, possessivos, etc.) e modificadores (adjetivo).

Embora nesse momento passemos a observar os aspectos morfossintáticos do texto, não se desprenda dos aspectos contextuais que nos trouxeram até aqui.

Ao longo da discussão, faça um levantamento das respostas dos alunos e registre-as na lousa, a fim de que as hipóteses sugeridas possam ser consolidadas ou excluídas no decorrer das atividades.

3.A revisão da Concordância de Número se torna mais dinâmica, uma vez que os alunos dessa faixa etária tendem a se entusiasmarem com situações desafiadoras, como a de construir orações coerentes utilizando palavras pré-definidas.

É certo que o mesmo público também aprecia atividades de produção artística, portanto, para esse momento, disponibilize um material de criação como tintas, figuras e canetas coloridas.

Evidencie as múltiplas funções do gênero (informativa, publicitária, artística) e sua relevância enquanto expressão. Indique que a mensagem precisa ser direta, embora o aspecto estético também seja necessário.

Para praticar mais:

- a) Cite outro trecho da poesia onde é possível observar a ocorrência da concordância nominal.

Chapéu multicolorido

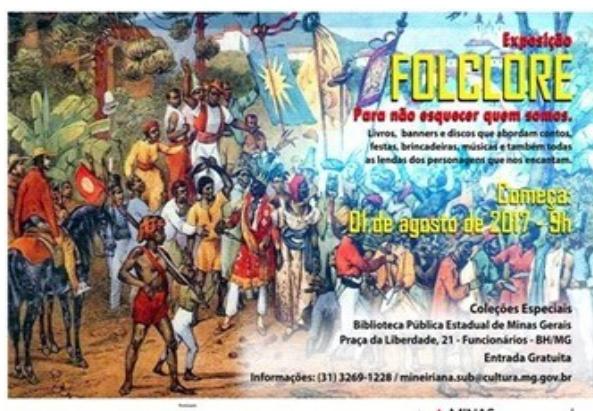
- b) Cite outro trecho da poesia em que se também se observa a concordância verbal.

Os conguinhos também usam

3. Vamos contar um pouco mais sobre a Congada para os outros colegas da escola? Forme orações sobre a Congada com as palavras abaixo, de maneira que todas estejam de acordo com as regras normativas da concordância. As frases serão expostas em cartazes pelos espaços da escola. Use sua criatividade!

**NÓS - CULINÁRIA - VALORIZADAS - ESTAMOS
ANSIOSOS - BRASILEIRAS - TRADIÇÕES
APRESENTARAM - A - NOSSAS - MINEIRA
ESPERANÇOSAS - BELA - COREOGRAFIA - OS
APRESENTARAM - JOGOS - ANSIOSOS - ELES
ESTADUAIS - CRIANÇAS - BELA - DEVEM
COMEÇAM HOJE - AS - FESTA - ESTÃO - UMA
PELA - SER - É O - ESTÁ - FOLCLORE**

Atenção: O cartaz é um gênero textual marcado com a função informativa, de linguagem objetiva e composição atrativa. Então, faça um cartaz com uma informação breve, mas significativa. Use figuras e cores que representem bem esse movimento folclórico.



Na questão 3, os alunos exploram uma de linguagem, ampliando suas possibilidades de comunicação com o suporte de cartazes. Esse gênero é bastante habitual no dia a dia dos alunos. Incentive-os a observarem seu entorno e fazerem essa constatação. Por serem apoiadas por sindicatos, agremiações e autoridades, as festividades da Congada recebem publicidade e são amplamente divulgadas em espaços públicos por meio de cartazes que fazem uso de uma norma mais próxima à padrão. Assim, seguimos a recomendação da BNCC de ampliar e desenvolver os conhecimentos de língua dos alunos de maneira contextualizada, a partir de gêneros de grande circulação e que ocupem um lugar importante no contexto social. Indique que a mensagem precisa ser direta, embora o aspecto estético também seja necessário.



Primeira Etapa Parte D

Objetivo: Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como forma de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem

Habilidade:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecimento múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto)

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

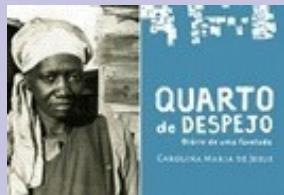
(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Carga Horária: 2 horas/aula

Essa é uma nova oportunidade de os alunos compreenderem a variação linguística de maneira respeitosa.

Sugerimos uma leitura coletiva do trecho do livro “Quarto de despejo”, pausada, comentada e contrastada com a biografia da autora que se segue.

Motive os participantes a colocarem as suas percepções em relação ao texto, seu conteúdo, uso vocabular, o que perceberam em relação à mensagem nele contida, à funcionalidade, etc.



Biografia de Carolina Maria de Jesus.

A mineira Carolina Maria de Jesus era uma anônima até o lançamento do seu primeiro livro, *Quarto de Despejo*. Publicado em agosto de 1960, a obra reúne relatos de um diário escrito pela mulher negra, mãe solteira, pouco instruída e moradora da favela do Canindé (em São Paulo). Os relatos são marcados com dia, mês e ano e narram aspectos da rotina de Carolina, que procura sobreviver como lavadeira e catadora de lixo, tentando encontrar naquilo que alguns consideram como sobra o que a mantinha viva.

Leia um trecho do livro *Quarto de Despejo* e responda as questões a seguir:

19 de maio de 1958. Deixei o leito as 5 horas. Os pardais já estão iniciando a sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós... Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro:

- olha o pão doce, que está na hora do café!

Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados come quando arranjam o que comer.[...]

... Havia pessoas que nos visitava e dizia:

- Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo.

... Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar-me. E a minha revolta é justa.

... As oito e meia da noite eu estava na favela respirando o dor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estamos na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (p. 35-37).

22 de maio de 1958... Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro [...].

...os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. Duro é o pão que comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. *JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: editora Ática, 2015.*

Uma breve abordagem sobre as características do gênero Diário é indicada, como por exemplo, sua formalidade reduzida devido ao seu forte teor subjetivo de expressão.

Particularidades do gênero biografia, como a ordem cronológica em que as informações são apresentadas, enriquecem análise do texto no sentido de compreender como Carolina Maria de Jesus se desfez de sua invisibilidade perante a sociedade, tantas vezes retratada em sua obra.

1. Os alunos identificarião facilmente o papel de participante e protagonista da autora, após uma leitura pausada e comentada. Entretanto, chame a atenção dos alunos para uma característica importante nessa obra e em demais textos deste gênero textual: relatos em primeira pessoa.

2. Antes de iniciar essa questão, leia o texto de apoio ao final da folha. Pode ser que os alunos ainda não tenham sido apresentados ao termo norma-padrão.

Faça um paralelo do gênero do texto com a linguagem nele utilizada, ressaltando a ideia de linguagem monitorada.

Explique como um diário, que a priori é sigiloso e registra sentimentos sem se preocupar exageradamente com questões de gramática e ortografia, possui a licença para usar uma linguagem informal.

1. O trecho acima descreve o cotidiano de miséria, fome e marginalização. Carolina se coloca no papel participante ou expectadora dessa realidade? Explique sua resposta.

2. O diário é um gênero caracterizado por narrativas sobre experiências cotidianas vivenciadas ou presenciadas por quem escreve. Por ter esse caráter íntimo, o autor tende a usar uma linguagem mais informal. Em seu diário, Maria Carolina de Jesus usa uma linguagem que, por vezes, escapa à norma-padrão, como por exemplo durante a aplicação da concordância. Destaque um trecho em que se nota essa característica.

Você conhece a expressão “norma-padrão”?

Esse é um termo que define o modelo de uso da língua descrito nas gramáticas e nos dicionários. A norma-padrão é apenas uma referência, afinal, nas comunicações rotineiras, ninguém segue rigorosamente todas as orientações gramaticais.

Durante a correção dessas atividades, o professor pode conduzir os alunos a concluírem sobre como ficariam esses registros caso fossem feitos por meio de outro gênero textual, como por exemplo em diários judiciais que, diferente do diário pessoal, exigem o uso de linguagem mais formal para a divulgação dos atos processuais e administrativos. Dessa maneira, a revisão do fenômeno da concordância associa-se à aceitação da variação e concomitantemente, há o exercício de padrões que exigem mais formalidade na comunicação.

Atente-se à importância desse momento, conforme também recomenda a competência 4 da BNCC:

“Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.”

3. Nesse momento, os alunos deixam de refletir sobre variação e monitoramento linguístico apenas na obra de Carolina Maria de Jesus e passa a refletir sobre linguagem informal em seu entorno.

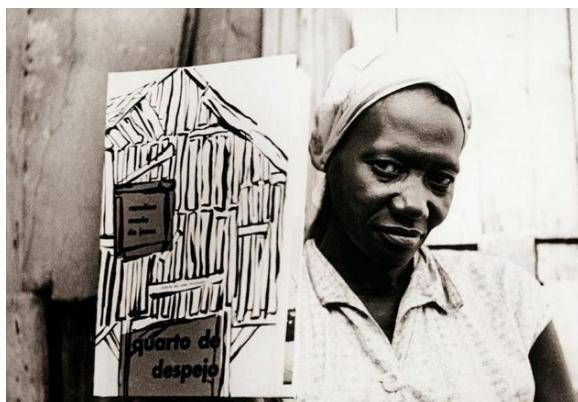
A discussão dessa questão gira em torno do cumprimento da função comunicativa a que a autora se propõe e consegue com sucesso, mesmo utilizando uma estrutura linguística que se difere da defendida pela norma-padrão e pela escola.

Enfatize o fato de que a autora possuía o hábito da leitura graças aos livros achados em seu trabalho de catadora de lixo ou lidos nas bancas de jornal, o que a ajudou na habilidade de escrever criativamente, apesar de não dominar a norma-padrão. Talvez, por não haver frequentado a escola, o domínio da norma padrão não foi adquirido satisfatoriamente pela autora. Aproveite esse fato para lembrar aos alunos como a escola tem papel relevante no desenvolvimento da capacidade comunicativa.

Ao discutir as respostas dos alunos, procure acolher o maior número de hipóteses possível, estimulando-os a defenderem seus pontos de vista.

3. Quem descobriu Carolina Maria de Jesus foi o repórter Audálio Dantas, quando foi produzir uma reportagem no bairro do Canindé. Carolina mostrou seu diário ao jornalista que ficou surpreso com a riqueza de suas histórias. Ele percebeu quenenum escritor renomado poderia registrar melhor a realidade dos sujeitos que se acomodaram, por falta de opção, nas favelas de São Paulo. Dito isso, você acredita que uma comunicação só é valorizada se for feita dentro das regras recomendadas pela gramática? Escreva sobre sua percepção a respeito desse assunto.

4. Agora que você conheceu um pouco mais dessa obra, responda o motivo pelo qual você acredita que ela leva o título de “Quarto de despejo”.



Recorde aos alunos que, apesar da função comunicativa de Carolina Maria de Jesus ser exitosa em “Quarto de despejo”, a linguagem normalmente usada em outros meios, como jornais renomados, discursos e debates políticos, ambientes jurídicos e entrevistas de emprego, tende a ficar mais próxima da norma-padrão. Por isso, é importante conhecê-la e dominá-la para que possamos participar de todas as atividades de nossa sociedade.

Atente-se ao fato de que algum ou muitos alunos podem se identificar com a história e a linguagem dessa escritora. Valorizar a trajetória de Maria Carolina de Jesus e sua capacidade comunicativa, pode, de certa maneira, contribuir para a elevação da auto-estima linguística desses alunos.

4. O título “Quarto de Despejo” é uma alusão à metáfora que a autora utiliza em algumas oportunidades para expressar a posição da favela e de seus moradores em relação à cidade. Dircione os alunos a discutirem o título dessa obra, que de maneira emblemática, critica a invisibilidade e exclusão social.

5. Observe aos seus alunos que, apesar de Maria Carolina de Jesus haver nascido em Minas Gerais, não podemos atribuir todas as particularidades de sua fala à esse estado pois ela resulta da junção de uma linguagem interiorana à utilizada em periferias de grandes centros urbanos, ambiente em que indivíduos de todas as regiões do Brasil se acomodam em busca de oportunidades.

5. Carolina Maria de Jesus é uma escritora mineira, da cidade de Sacramento. O mineiro muitas vezes é lembrado por sua forma de falar. Você conhece alguma característica típica do falar minero? Em companhia de um colega, pesquise sobre outras variedades do português brasileiro e compartilhe com os colegas no mínimo duas expressões próprias de cada uma das regiões do Brasil. Oriente-se pelo mapa abaixo para encontrar as variedades regionais:



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/427138345911914638/visual-search/>.
Acessado em 26.10.2020

6. Você sente orgulho ou algum tipo de constrangimento quando fala da região em que você nasceu? Esse sentimento tem a ver com a linguagem? Explique.

Ao pesquisar sobre outras variedades do português brasileiro, utilizem ferramentas como redes sociais.

O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos valorizem as diferenças culturais e linguísticas, levando-os a reconhecerem e legitimarem as variações linguísticas.

Ademais, ao ajudá-los a construírem esse sentimento de respeito pela sua própria língua e a dos demais, consequentemente, contribuiremos para desconstrução do preconceito linguístico, cujo fundamento principal é julgamento da fala do outro.

6. O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos reflitam se os alunos possuem um sentimento de respeito pela sua própria língua e a dos demais e se, de alguma maneira já sofreram preconceito linguístico por serem de uma região específica do país.

Professor, o propósito desse momento é o de contribuir para a diminuição do preconceito linguístico ao destacar características variação linguística, sob os diversos fatores extralingüísticos, legitimando sua funcionalidade na comunicação. Cabe a você, enquanto condutor desta leitura, fazer pequenas pausas para comentar sucintamente ou iniciar uma pequena reflexão sobre como a língua pode variar de acordo com a situação em que está inserida.

Aproveite para expor seus próprios conhecimentos sobre o tema e para oportunizar que os alunos compartilhem suas experiências relacionadas aos tipos de variação lingüística.

Para exemplificar e reforçar que um mesmo indivíduo pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade do momento, demonstraremos duas situações de comunicação envolvendo o Jogador Neymar, na atividade que se segue.

Primeira Etapa Parte E

Objetivo: Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

Habilidade:EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

Carga Horária: 2 hora/aula

Você sabia que a língua varia de acordo com diversos fatores, entre eles a origem geográfica do falante? Por isso, em um país de grande extensão territorial como o nosso, encontramos um repertório linguístico tão rico. Existem muitas variações no uso da língua, como:

- **Variação social:** modifica-se de acordo com o grupo social ou ambientes que o sujeito frequenta. Exemplo: É previsível que um juiz apresente um uso linguístico diferente daquele cidadão sem nenhuma escolaridade.

- Variação histórica: a língua evolui através do tempo. Expressões usadas por nossos antepassados caem em desuso. Exemplo: a palavra “você” antes era “vosmecê”. Não é raro notarmos expressões usadas por nossos avós que não são mais usadas por nós. Você consegue pensar em alguma?

- Variação estilística: está ligada ao cuidado e atenção que damos à linguagem, dependendo da situação em que nos encontramos. Exemplo: a maneira como nos comunicamos em uma entrevista de emprego será diferente da forma como falamos em uma partida de futebol.

- Variação regional: as diferentes áreas dos diversos estados do nosso país se comunicam preponderantemente com a língua portuguesa, porém com características próprias, com suas expressões e sotaques específicos. Exemplo: uma mesma fruta pode ser conhecida como tangerina ou como mexerica, dependendo da cidade ou estado em que o falante se encontra.

A língua pode variar de acordo com as situações. Um mesmo grupo social pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade do momento. Chamamos de **Preconceito Linguístico** o julgamento negativo dos falantes em função da linguagem que utilizam. A sociedade, em geral, tende a julgar mal a linguagem mais coloquial, acompanhada de gírias ou que se afaste das regras orientadas pela gramática. Agora refita:

Você já sofreu ou já praticou preconceito linguístico?

Faça uma atividade de aquecimento: peça aos alunos que confirmam suas últimas mensagens recebidas e enviadas pelo WhatsApp.

Pergunte a eles se em alguma dessas mensagens foram usados algum elemento linguístico que não empregariam para produzir, por exemplo, um artigo científico sobre vacinas (abreviações, palavras sem acento, desconsideração da concordância, uso de emoticons, etc). Provavelmente todos terão suas mensagens com essa marcação. Enfatize que as pessoas com as quais costuma trocar mensagens por este aplicativo, normalmente, possuem um mínimo de intimidade com você e que a informalidade é uma característica das comunicações feitas por meio da internet.

Observe duas situações distintas de comunicação envolvendo o jogador Neymar e responda:

Situação 1

 Neymar Jr Site @NeymarJrSite

Acabou o jogo aqui, voltando pro hotel ! Ahh ganhamos de 6x4 .. Valeu aos torcedores que compareceu, sempre bom estar ajudando quem precisa

7:05 PM · 22 de dez de 2011 · Twitter for BlackBerry®

305 Retweets 48 Curtidas

Situação 2



NOTA

Através desta nota venho confirmar a informação de que me tornarei pai ainda este ano. As duas famílias - a minha e a da futura mãe - já conversaram e estão prontas a nos ajudar a trazer o bebê ao mundo, dando a ele toda a assistência necessária e a melhor estrutura possível.

Em comum acordo, decidimos preservar o nome da mãe. Esta medida visa dar tranquilidade a ela durante os próximos meses, evitando sua exposição de forma desnecessária e garantindo, principalmente, a privacidade da criança, que nascerá daqui a alguns meses.

Pego a todos que respeitem esta decisão. A tranquilidade desejada é fundamental para o sucesso da gestação.

Conduzo pedindo a Deus que abençoe a vida da nossa criança!

Ela será muito bem vista e já tem todo o nosso carinho e amor.

Neymar Jr.

Esse é um exercício que demonstra de forma real a adaptação da língua de acordo com a demanda da comunicação. Recorde aos alunos sobre como a língua pode variar de acordo com a situação em que está inserida.

Após a leitura dos textos sugeridos, faça uma breve contextualização sobre o autor dos textos e os meios em que foram publicados, direcionando os alunos a compreenderem que a linguagem foi adaptada ao ambiente de uso e a identificarem o tipo de variação que ocorreu entre os textos.

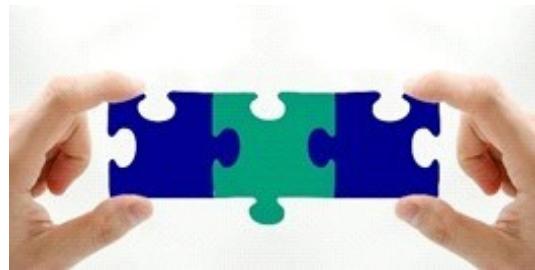
Celebridades como Neymar costumam ter uma assessoria de comunicação e, talvez, nem tenha sido o próprio quem redigiu o texto da situação 2. Caso essa hipótese seja levantada, é importante lembrar que qualquer pessoa, com ou sem ajuda, é capaz de desenvolver sua capacidade comunicativa para adaptar sua linguagem à qualquer situação, sobretudo quando a interlocução em questão é planejada, permitindo a escolha por uma linguagem monitorada.

a) A essa altura da discussão, os alunos já serão capazes de identificar que o primeiro texto faz uso de uma linguagem mais informal. Além disso, já estão habituados ou até mesmo fazem uso do meio em que ele foi publicado. Marcas de oralidade, presentes em textos informais, também podem ser apontados como justificativa para essa resposta. A ausência da concordância de número pode ou não ser neta nesse momento.

b) Os alunos podem consultar a classificação dada anteriormente sobre os tipos de variação e concluirão que se trata de uma variação estilística, pois o mesmo indivíduo adaptou sua fala conforme a circunstância de uso.

c) Provavelmente os alunos identificarão o trecho “valeu aos torcedores que compareceu” e reconhecerão que o sujeito “torcedores”, plural da terceira pessoa, não concorda com o verbo “compareceu”, conjugado no singular da terceira pessoa.

a) Em qual situação de comunicação o jogador faz uso de linguagem mais informal? Justifique resposta.



b) Vimos nessas duas situações que o Neymar, assim como todos, é capaz de adaptar sua linguagem de acordo com o contexto em que for realizada. Como classificamos esse tipo de variação linguística?

c) Em um desses textos, há um trecho em que a concordância de número não foi realizada de acordo com a norma padrão. Identifique-o.

Essa é outra oportunidade de que refletem, de maneira mais apurada sobre como se dá a combinação de palavras na frase e que elas possuem uma flexão de gênero e de número.

É possível que alguns alunos, principalmente aqueles que não se simpatizam com o personagem dessa atividade, utilizem expressões depreciativas ao se referirem à sua comunicação. Busque a fastar esse tipo de julgamento. Explique que, nas variedades populares, não é incomum que a ideia de plural seja expressa apenas por um dos termos, como ocorre em “Os menino brinca” ou “Nós foi embora” e que não é politicamente correto considerar tais construções como inferiores ou precárias.





Primeira Etapa Parte F

Objetivo: Reconhecer os diferentes usos da língua, nas mais diversas situações, refutando o preconceito linguístico.

Habilidades:

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto)

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada

(EF07LP10) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais:modos e tempos verbais, concordância nominal e verbal, pontuação etc.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF67LP14) Definir o contexto de produção da entrevista (objetivos, o que se pretende conseguir, porque aquele entrevistado etc.), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntar e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

Carga Horária: 2 horas/aula

Contextualize a referida reportagem aos seus alunos, elucidando e descobrindo junto aos aprendizes uma gama de situações em que o preconceito ocorre atrelado à variação linguística.

Sugerimos que reproduza a reportagem parando em alguns pontos para esclarecer o que foi dito e desenvolver, por meio de novos exemplos, os conceitos observados

1) Os alunos devem ser motivados a pensarem se também omitem a marcação da concordância durante suas falas e, se sim, em quais momentos e com que frequência.

Retome a relação entre o substantivo e seus determinantes, revisando a diferenciação entre concordância verbal e a nominal. Fazemos essa sugestão pois é possível que algum aluno reconheça que não tenha o hábito de marcar a concordância nominal, mas sim a verbal.

Algumas variações linguísticas não apresentam o mesmo prestígio social no Brasil. Colaboramos para o **preconceito linguístico** quando julgamos determinada manifestação linguística superior a outra, sobretudo superior às manifestações linguísticas de classes sociais ou regiões menos favorecidas. Vamos assistir à um capítulo da série “A língua que a gente fala”, do *Jornal Hoje*, que aborda língua portuguesa coloquial usada nas ruas.



Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>.

Após ver o vídeo, responda:

1. Na série do *Jornal Hoje*, são abordados aspectos sobre as marcações do plural que estão sendo “deixadas de lado” em algumas situações de comunicação. Você percebe isso no seu próprio jeito de falar.

2- Fale sobre as marcas linguísticas que estão presentes no rap e em outros gêneros musicais populares. Esclareça sobre como a “licença poética” permite o uso de variações em contextos musicais.

3- Aproveitamos a abordagem do uso da expressão “É nós” para, mais uma vez, fazer um convite à reflexão acerca dos diferentes usos da língua e suas adequações, considerando o contexto em que é apresentada.

4- Professor, a comunicação de Emicida apresenta marcas linguísticas que compõem o universo das letras de rap e que caracterizam, entre outros aspectos, o discurso das comunidades periféricas.

Essas marcas representam a realidade de grupos, suas experiências e a forma como se comunicam. O rap é um estilo musical com vasta presença da oralidade e apelo popular, mas sofre preconceito linguístico e, em função disso, artístico.



2. O rapper Emicida, faz observações sobre o uso da língua falada em suas composições. Ele explica que a língua espontânea é mais rápida e emocional, por isso atinge o seu público-alvo de forma pessoal. Há alguma construção linguística que você considera diferente da aprendida na escola? Explique.

3. “É nós” é uma expressão da linguagem popular utilizada como uma saudação entre amigos ou como exaltação a um acontecimento, também pode ser usada como uma confirmação a um convite e até mesmo como uma demonstração de companheirismo. Com a expressão “É nós”, crie um pequeno diálogo com uma das situações descritas acima.

4. Comum na linguagem oral, “é nós” foi construída de maneira diferente da norma-padrão. Como ficaria esta expressão fazendo a adequação conforme as regras de concordância? Houve mudança no efeito de sentido? Você acha que com essa transformação essa expressão continuaria sendo popularmente usada nas ruas?

Essa atividade oportuniza a reflexão sobre as escolhas linguísticas desse autor, conscientizando sobre o quanto o preconceito linguístico está estreitamente ligado ao preconceito social. pobres da sociedade, mas que vêm sendo inseridas em outros ambientes mais privilegiados.



Primeira Etapa Parte G

Objetivo: Reconhecer os diferentes usos da língua, nas mais diversas situações, refutando o preconceito linguístico.

Habilidades:

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

Carga Horária: 1 hora/aula

Leia e escute a música abaixo e reflita:

Emicida (Participação de Vanessa da Mata)

Passarinhos

Despencados de vôos cansativos
Complicados e pensativos
Machucados após tantos crivos
Blindados com nossos motivos

Amuados, reflexivos
E dá-lhe anti-depressivos
Acanhados entre discos e livros
Inofensivos

Será que o sol sai pra um vôo melhor
Eu vou esperar, talvez na primavera
O céu clareia e vem calor vê só
O que sobrou de nós e o que já era

Em colapso o planeta gira, tanta mentira
Aumenta a ira de quem sofre mudo
A página vira, o são, delira, então a gente pira
E no meio disso tudo tamo tipo

Passarinhos
Soltos a voar dispostos
A achar um ninho

Nem que seja no peito um do outro
A Babilônia é cinza e neon, eu sei
Meu melhor amigo tem sido o som, ok
Tanto carma lembra Armagedon, orei
Busco vida nova tipo ultrassom, achei
Cidades são aldeias mortas, desafio onsense
Competição em vão, que ninguém vence
Pense num formigueiro, vai mal
Quando pessoas viram coisas,
cabeças viram degraus

No pé que as coisas vão, Jão
Doidera, daqui a pouco,
resta madeira nem pros caixão
Era neblina, hoje é poluição
Asfalto quente, queima os pés no chão
Carros em profusão, confusão
Água em escassez, bem na nossa vez
Assim não resta nem as barata
Injustos fazem leis e o que resta pro céis?
Escolher qual veneno te mata
Pois somos tipo
Passarinhos

Reproduza o clip da música, promovendo um ambiente descontraído e inicie a primeira atividade como uma sondagem para as seguintes.



1. Encoraje seus alunos a demonstrarem suas percepções particulares em relação ao título e letra da música.

2. Entre outras possibilidades, destaque que “Passarinhos” faz uma alusão a jovens pássaros que estão aprendendo a voar e buscam seus próprios ninhos. Relacione com as cenas do clip, no qual meninos encontram conforto no encantamento pelos livros, esquecendo-se de uma realidade triste.

3. Nessa música será possível identificar mais de uma ausência de concordância nominal. Oriente que os alunos as identifiquem, sempre alertando-os que o rap é um estilo musical com vasta presença da oralidade, logo possui licença poética para esse tipo de construção.

1. Você já conhecia essa música?

2. Por qual motivo você acredita que ela leva esse título?

3. Transcreva abaixo algum trecho da música em que se nota ausência de concordância de número e outra com sua aplicação.

4. Agora reflita: por que acha que Emicida ora aplica a concordância de número, ora se abstém?

5. Chamamos de Preconceito linguístico o julgamento negativo dos falantes em função da linguagem que utilizam. A sociedade, em geral, tende a julgar de forma mal a linguagem mais coloquial, acompanhada de gírias ou que se afaste das regras orientadas pela gramática. Você acredita que nesta música, o cantor Emicida ou até mesmo os seus ouvintes podem ser alvos de preconceito linguístico?

4. Após os alunos darem suas respostas baseadas em uma percepção pessoal, repercuta sobre a concordância de número, ora presente, ora ausente nas produções desse artista. Fale sobre as escolhas linguísticas de Emicida, amparando-se na musicalidade e a linguagem representatividade das ruas.

Fale sobre como as marcas linguísticas do rap representam a realidade de grupos específicos, suas experiências e a forma como se comunicam.

Comente que o rap é um estilo musical com vasta presença da oralidade e apelo popular, mas que sofre preconceito linguístico e, em função disso, artístico.

Procure lembrá-los que o preconceito linguístico está estreitamente ligado ao preconceito social.



Segunda Etapa Parte A

Objetivo: Identificar e construir conceitos a respeito da variação linguística, para se tornarem mais competentes no uso das variedades prestigiadas, sem menosprezar a variante deles.

Habilidade:

(EF67LP14) Definir o contexto de produção da entrevista (objetivos, o que se pretende conseguir, por que aquele entrevistado etc.), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntas e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos.

Carga Horária: 4 aulas

Em consonância com a BNCC, que orienta que estudantes não estejam em sala de aula submetidos a uma recepção passiva de conhecimentos, essa etapa da atividade intervintiva defende a participação ativa dos alunos na construção de seu próprio conhecimento. Acreditamos que essa estratégia possa ampliar sua autoestima e capacidade de diálogo.

A presente atividade se constitui por uma abordagem investigativa idealizada pelos próprios alunos, para que, colocando-se no papel de pesquisador, possam observar a língua de indivíduos com os que interagem ou possam vir a interagir. O aluno /pesquisador não atua apenas como coadjuvante, ele é parte fundamental do processo, compilando e analisando entrevistas orais, a fim de captar a fala de influenciadores digitais e refletir sobre os usos variáveis observados nos enunciados coletados.

Primeiramente, reproduza aos seus alunos a entrevista abaixo recomendada (ou selecione trechos desta) e responda as questões da ficha de análise do perfil sociolinguístico do entrevistado em conjunto com os alunos. Caso os alunos não tenham identificado a ausência do uso da concordância de número na comunicação do entrevistado, auxilie-os nesse reconhecimento e na percepção de como o tipo de interação entre os agentes do diálogo e o ambiente descontraído do qual participavam influenciaram em suas escolhas linguísticas. Assim, os alunos estarão aptos a desenvolverem com autonomia a mesma proposta de maneira individual ou em grupos com seus colegas, nas entrevistas que eles mesmos irão selecionar.

1. A linguagem que Whinderson faz uso na entrevista é coloquial, muito próxima da oralidade das conversações cotidianas.

A entrevista em questão foi feita pela apresentadora Eliana, que apresenta um programa dominical popular. Por ter sido gravada dentro da casa de Whinderson, com a presença de familiares, propiciou uma entrevista mais espontânea.

Observe aos seus alunos que a presença e, às vezes, ausência de concordância verbal e nominal nas construções de Whindersson cria uma atmosfera de conversa comum, como se não houvesse um roteiro ou mesmo a preocupação de quem se apresenta diante de um público.

1. Esclareça que a ficha será respondida, uma vez que os dados socioeconômicos do influenciador pesquisado esclarecem sobre seu perfil social. Por ser uma pessoa pública, dados como idade e procedência do entrevistado serão facilmente encontrados pelos alunos para este levantamento.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=P7XdYvZO2r4>.

Acessado em 27.10.2020

1. Assista a entrevista com o youtuber Whindersson com atenção e responda, com a ajuda da professora, a ficha de análise do perfil sociolinguístico do entrevistado.

2. Agora, junto ao seu grupo, colete de plataformas de compartilhamento de vídeos da Internet, uma gravação de entrevista feita com algum youtuber, pertencente à diferentes esferas de atuação, tais como, jornalísticas, humorísticas, política, artística, religiosa. Em seguida, preencha a ficha que se segue.

2. Professor, a observação de entrevistas gravadas em ambientes informais e descontraídos pode fazer com que o aluno perceba empiricamente que a fala pode variar de acordo com o contexto em que está inserido e as características sociais de quem fala. Sugerimos que o perfil do condutor da entrevista não seja definido para não limitar a autonomia dos alunos dessa faixa etária, apesar de reconhecermos que a relação entre entrevistador e entrevistado seja importante para o desenvolvimento de uma interlocução.

Oriente que as entrevistas tenham sido feitas em um ambiente informal para que o entrevistado, confortável com a comunicação, tenha utilizado uma linguagem menos monitorada.

Os alunos farão a transcrição de trechos da entrevista, particularmente de trechos com o fenômeno observado na entrevista. Tais entrevistas serão apresentadas a todos os colegas de sala bem como a ficha de análise do perfil sociolinguístico do entrevistado preenchida.

Após exposição e observação das entrevistas selecionadas, conduza o debate sobre como a comunicação cotidiana e espontânea admite o uso de variação, especificamente do fenômeno concordância de número.

Orientados pelo professor, os alunos analisam e expõem oralmente aos demais colegas de sala, a incidência da não realização da concordância verbal e nominal e os fatores linguísticos e extralingüísticos que favorecem o apagamento em cada entrevista. Diante dos dados espera-se ser possível entender a dinâmica do funcionamento da língua e os signos sociais que podem ser suscitados pelas escolhas dos falantes.

As questões 1,2,3,4 e 5 desta ficha podem ser facilmente respondidas após uma breve busca na internet, uma vez que os entrevistados são pessoas públicas e têm essas informações de idade e procedência amplamente divulgadas nas mídias.



Ficha de análise do perfil sociolinguístico do entrevistado

1. Nome do entrevistado:

2. Gênero:

3. Idade no dia da entrevista:

4. Local de Nascimento:

5. Local onde reside:

6. Ambiente em que foi gravada a entrevista (contexto, pessoas que dela participam, tratamento entre entrevistador e entrevistado).

7. Registre abaixo as marcas linguísticas, especificamente relacionadas à concordância de número, encontradas na entrevista observada.

6. Recorde-os conceitos já levantados na aula anterior, como o quanto a informalidade durante a interação observada influencia na escolha de uma linguagem menos monitorada. Como quando por exemplo, o entrevistador usa o pronome de tratamento “você” para dirigir-se ao entrevistado, aproximando as pessoas envolvidas na entrevista.

7. Oriente o aluno a retirar da entrevista fragmentos inteiros nos quais seja possível observar o fenômeno em análise, o contexto em que está inserido e que tais trechos sejam transcritos fielmente.

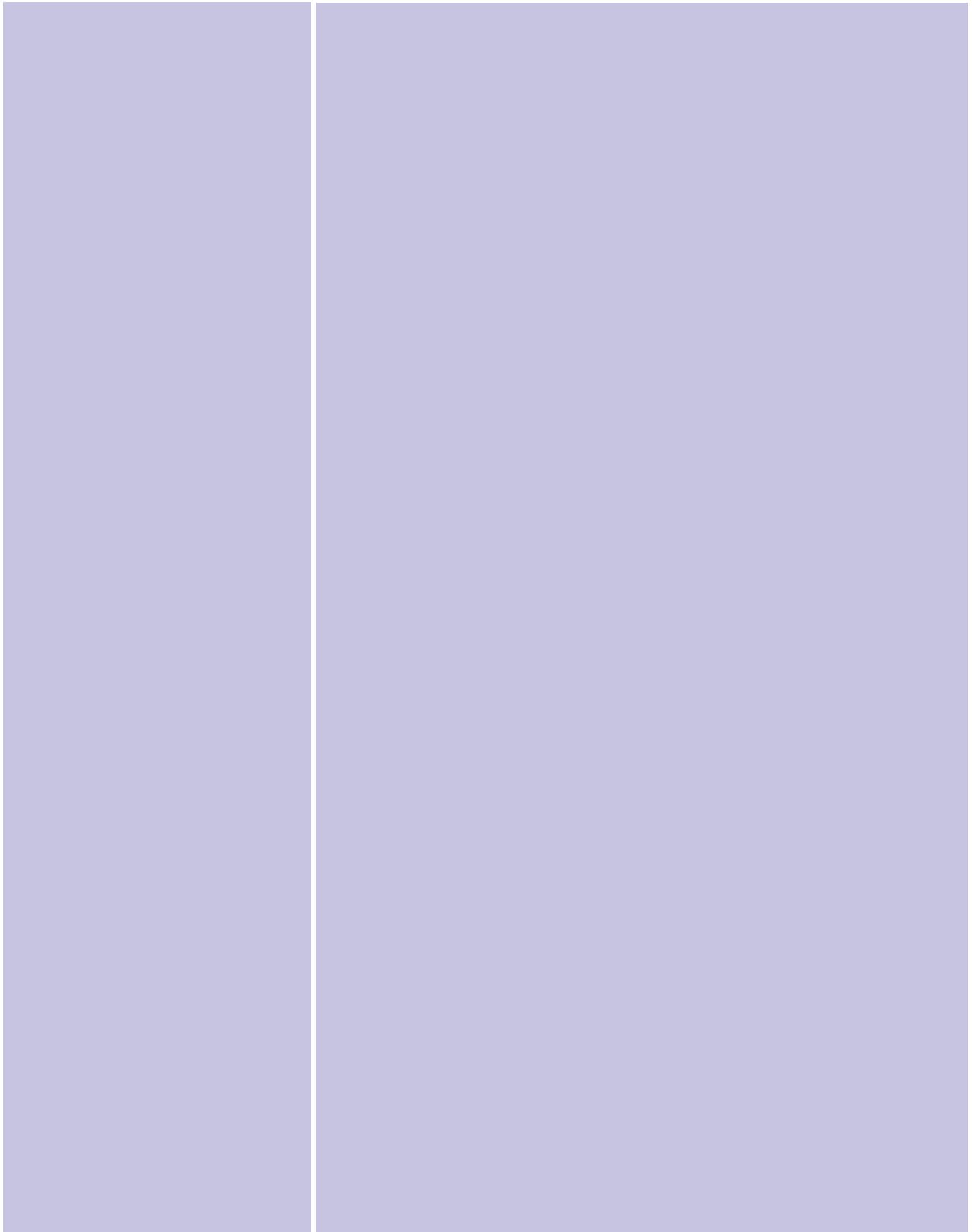
Como forma de encerramento e avaliação dessa sequência de atividades, sugerimos a reaplicação do questionário que a iniciou. Assim, será possível constatar se após essa proposta, os alunos adotaram uma postura mais positiva e respeitosa sobre variação linguística, especificamente em relação à concordância de número. Tais dados, da primeira e segunda aplicação, podem ser compilados e comparados para análise do professor ou dos próprios alunos.

Glossário do Professor

Dê continuidade à construção do quadro de glossário com termos que você selecionar e suas respectivas explicações:

Termo	Explicação
Marcas de oralidade	São traços das nossas falas cotidianas que podem aparecer em nossos textos. Gírias, expressões comuns em diálogos (como: “né?”, “tá”, “viu?”), comuns em nossas conversas do dia a dia, mas não se encaixam na norma padrão.
Marcas linguísticas	Jeito peculiar que cada um tem de falar, dotados de um significado particular em determinados usos sociais e que a idade, a escolaridade, o sexo e a classe social, entre outros fatores, influenciam no modo como uma pessoa ou comunidade fala ou produz um texto.
Competência Comunicativa	Competência Comunicativa: Capacidade do falante nativo para produzir e compreender frases adequadas ao contexto. Saber interiorizado que lhe permite comunicar eficazmente em situações sociais distintas.
Sociolinguística	Ramo da linguística que se dedica ao estudo da relação entre a linguagem e os fatores sociais e culturais, bem como as variações linguísticas que se verificam no interior de determinados grupos.
Variação	A variação linguística corresponde ao processo pelo qual diferentes formas da língua podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade.

Termo	Explicação
Variedade	Representa o modo como uma comunidade fala, como por exemplo o dialeto do interior de São Paulo, de Minas Gerais, do Carioca, entre outros.
Variável	Lugar da gramática onde localizamos a variação. Exemplo: Vós e Vocês, na gramática, diz respeito ao “pronome de segunda pessoa do plural”. Logo, a variável é o pronome.
Variante	Variante de uma variável corresponde às formas individuais que “disputam” pela expressão da variável. A forma vocês disputa com a forma vós (ambas são, portanto, variantes).





Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD/Letramento e Alfabetização/ Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: editora Ática, 2015.